

# Rossandro Klinjey

## O Tempo do Autoencontro



Como  
fortalecer-se  
em tempos  
difíceis e vencer os  
desertos da vida

)) ( Academia

# **O Tempo do Autoencontro**



**Rossandro  
Klinjey**

**O Tempo do  
Autoencontro**

Como fortalecer-se em tempos difíceis  
e vencer os desertos da vida

))(Academia



Copyright © Rossandro Klinjey, 2020  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020  
Direitos desta edição negociados pela Authoria Agência Literária & Studio.  
Todos os direitos reservados.

*Revisão:* Carmen T. S. Costa, Fernanda Guerriero Antunes e Andréa Bruno  
*Diagramação:* Bianca Galante, Maria Beatriz Rosa e Vivian Oliveira  
*Capa e ilustração:* Filipa Damião Pinto | Foresti Design  
*Adaptação para eBook:* [Hondana](#)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Klinjey, Rossandro

O tempo do autoencontro : como fortalecer-se em tempos difíceis e vencer os desertos da vida / Rossandro Klinjey. -- São Paulo : Planeta, 2020.  
208 p.

ISBN 978-65-5535-077-7

1. Autoconhecimento 2. Perseverança 3. Vida espiritual 4. Epidemias I. Título

20-2001

CDD 158.1

Índices para catálogo sistemático:  
1. Perseverança e autoconhecimento

2020

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Bela Cintra, 986, 4<sup>o</sup> andar – Consolação  
São Paulo – SP CEP 01415-002

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

NO DESERTO, EM MEIO À  
AUSÊNCIA DE TUDO E DE TODOS,  
ATÉ MESMO DE NOSSAS FORÇAS,  
ENCONTRAMOS A PRESENÇA  
INEXPRIMÍVEL DE DEUS,  
E SÓ POR ISSO, POR ESSE ENCONTRO  
TRANSFORMADOR, TAL JORNADA NÃO  
SÓ SE JUSTIFICA COMO SE TORNA  
ESSENCIAL PARA NOSSAS VIDAS.

## AGRADECIMENTOS

À minha amada esposa Janine, a quem eu encontrei no fim do deserto, como um oásis de amor, tornando meu caminhar suave, acolhedor.

Ao meu irmão mais velho Valécio, que me acolheu na volta, sem julgamentos.

À minha mãe, que nunca deixou de orar pelo meu retorno.

Ao meu querido amigo Alvaro Mordechai, que nasceu no Brasil, de família judia, morou três anos em Israel, e que desde criança aprendeu hebraico. Ele é um apaixonado estudioso dos textos bíblicos e muito me ajudou na correção das citações bíblicas que utilizei ao longo deste livro.

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

ESTOU NO DESERTO. E AGORA?

O DESERTO PESSOAL DE JÓ

OS SIMBOLISMOS DO DESERTO NO MUNDO JUDEU

NOSSOS DESERTOS DE CADA DIA

O MESSIAS NO DESERTO

OBJETIVO DO DESERTO

O DESERTO FORJA NOVOS HÁBITOS

O TEMPO DA MUDANÇA DE CADA UM

O FILHO PRÓDIGO VOLTA PELO DESERTO

FORJANDO UM NOVO SER

O DESERTO NOS DESPOJA DE NÓS MESMOS

O DESERTO E A ÉTICA

DESIDENTIFICAR-SE COM O PASSADO

SE EU QUISSER FALAR COM DEUS

EU E MEU DESERTO

FINALMENTE: EU E DEUS NO DESERTO

NOTAS

# APRESENTAÇÃO

São 3 horas da madrugada do dia 30 de março de 2020 e não consigo dormir. Milhões de pensamentos martelam minha cabeça, recheados de sentimentos que vão do medo à esperança, em uma velocidade tão frenética que fico sem saber ao certo se são decorrentes da minha hiperatividade de sempre ou sintomas da insanidade que esses dias têm causado em mim. Eu, assim como bilhões de pessoas ao redor do planeta, estou em isolamento social em minha casa, há várias semanas, em razão da pandemia de coronavírus que assola o mundo. Neste momento, apenas uma coisa me parece óbvia, e não só para mim, mas para muita gente: não seremos os mesmos depois que isso tudo acabar.

Talvez você esteja lendo isto quando a realidade que eu descrevo já seja um passado recente ou remoto, mas hoje, aqui, não há quem não consiga deixar de analisar: que mundo estamos deixando para trás? Que mundo virá depois? Eu não tenho certeza de nada ainda. Por enquanto, fico atento às observações precisamente cirúrgicas do historiador Yuval Harari sobre as consequências dessa pandemia, mas depois dou o mesmo peso de importância a um áudio que traz uma teoria da conspiração ou a outro sobre profecias apocalípticas que povoam meu WhatsApp e minha mente.

A sensação que tenho, ao olhar pela janela do meu apartamento e ouvir os grilos cantarem em uma avenida vazia e incomodamente silenciosa, é a mesma angústia que experimentei ao assistir ao filme distópico *Eu sou a lenda*. Baseado em um romance de 1954 chamado *I Am Legend*, de Richard Matheson, ele mostra um mundo pós-apocalíptico ambientado na cidade mais destruída da história do cinema, Nova York. Gorilas gigantes, ETs, brigas intergalácticas, explosão nuclear, exterminadores do futuro, domínio de forças do mal, meteoros, ondas gigantes, vingadores... Nenhuma metrópole foi mais arruinada do que a Big Apple nos filmes. Ironicamente, ela se tornou – na realidade, e não na ficção – uma das cidades mais atingidas pela pandemia. Na película, o ator Will Smith é um virologista do Exército dos Estados Unidos, o doutor Robert Neville, único humano sobrevivente do local, além dos mutantes de hábitos noturnos, depois que um vírus originalmente criado para curar o câncer destruiu a maior parte da humanidade. No filme, o cientista é especial por um motivo: ele é imune a esse vírus.

Ser sobrevivente em um mundo pós-apocalíptico sempre me pareceu

algo terrível e insuportável, e sempre dizia a mim mesmo que, se a humanidade fosse atingida por zumbis, por uma onda gigante ou por um ataque nuclear, tudo o que eu queria era estar entre as primeiras vítimas, já que nos livros que li ou nos filmes e séries a que assisti com esse tema os sobreviventes eram retratados muito mais como desafortunados do que como sortudos. E agora, olha eu aqui, observando a cidade parada, torcendo para que o pior passe logo, rezando para que o vírus não faça mais vítimas e que uma depressão econômica global não nos atinja tão fortemente, com a esperança de viver e de que os que eu amo igualmente fiquem bem.

Lembro-me bem de quando vi esse filme. Estava em lua de mel com minha esposa, Janine, na cidade de Natal, no Rio Grande do Norte. Ao sairmos da sessão, ainda sentíamos aquela atmosfera de fim de mundo, que só foi passando um tempo depois, ao observarmos a cidade frenética naquela noite quente de sábado de verão, quando fomos voltando ao normal ao ver que tudo continuava como havíamos deixado antes de entrar na sala de cinema.

Ao olhar agora pela janela, sou tomado de uma fantasia e, por que não dizer, de uma vontade de que tudo pelo que estamos passando seja apenas um filme. Quem sabe, se eu piscar os olhos e abri-los novamente, verei os letreiros subindo na tela no final da exibição, perceberei as luzes se acendendo, me levantarei da cadeira, recolherei o saco de pipoca vazio e o copo de refrigerante, sairei da sala do cinema, devolverei os óculos 3-D e retornarei à minha vida de antes... Simples assim.

No entanto, não tem nada de simples no que estamos vivendo. Se eu ligar a TV, o que estará sendo transmitido em qualquer idioma não será o letreiro do fim de um filme, mas a lista de contaminados e mortos, que, antes mesmo de perecer, já tinham sido riscados do livro da vida, pois foram sufocados não só pela Covid-19 mas também pelo vírus da negligência e da ignorância, sem nem mesmo terem direito a um olhar de despedida ou a um velório. Como vamos nos perdoar por tudo isso? Eu não sei.

Os caixões sendo levados pelos caminhões do Exército no norte da Itália ou os corpos abandonados nas ruas de Guayaquil, no Equador, me lembram das cenas da cidade de Chernobyl após o acidente nuclear. O pior de tudo é saber que muitos morreram porque houve hesitação, pusilanimidade, apesar dos avisos que foram dados. Lembrei-me do

primeiro-ministro britânico Winston Churchill, quando teria dito, em 1930, como consequência das terríveis tempestades que assolaram a Inglaterra: “A era da procrastinação, das meias medidas, dos expedientes que acalmam e confundem, a era do adiamento está chegando ao fim. No seu lugar, estamos entrando na era das consequências”. Muitos prefeitos, governadores e chefes de Estado no mundo procrastinaram, tomaram meias medidas e, sobretudo, confundiram seus concidadãos, e o que vimos foram as terríveis consequências.

Imagens de metrópoles vazias ao redor do planeta, rainhas isoladas, príncipes e chefes de Estado contaminados, tudo parecia ficção científica virando realidade. Todavia, quando vi o papa caminhando na Praça São Pedro vazia e chuvosa, percebi que estava assistindo ao vivo a uma daquelas cenas que marcariam a história do mundo, ao mesmo tempo que enxerguei, em cada passo que Francisco dava, o símbolo da travessia que a humanidade fazia em um grande deserto, que já estava sendo vivido por alguns, mas que naquele momento chegava para todos.

Confesso que nos dois primeiros dias de isolamento social não produzi absolutamente nada. Fiquei 24 horas vendo notícias, alimentando-me – ou melhor, intoxicando-me – de informações falsas e verdadeiras, até que resolvi mudar de estratégia. Voltei a pensar em *Eu sou a lenda* e me lembrei dos meus questionamentos enquanto assistia ao filme. Eu me perguntei por que o doutor Neville não desistiu da vida diante de um cenário tão desolador. Recordei, então, que ele usou duas estratégias fundamentais de sobrevivência: um propósito e uma rotina. Seu propósito era encontrar a cura, e sua rotina era empregar todos os esforços para chegar lá, o que incluía fazer experiências com ratos infectados, sair diariamente à procura de comida e suprimentos e transmitir por ondas de rádio uma mensagem gravada, na esperança de que outros seres humanos imunes lhe respondessem. Além disso, como estratégia, ele começava o dia ouvindo gravações de noticiários matinais, para dar um tom de normalidade à sua vida e ter a sensação de companhia. Acho que usei um pouco dessa estratégia também.

Sabia que filmes como *Guerra mundial Z* e *Epidemia* estavam entre os mais vistos na Netflix, mas eu e minha esposa preferimos ir para a concorrente Amazon Prime e assistir a *This Is Us*, série de uma singeleza única cujas conexões humanas e sua complexidade deixam sucesso, beleza, poder e tudo o mais em segundo plano. Conforme os

dias se passavam e as medidas para manter as pessoas separadas ficavam cada vez mais rigorosas a fim de retardar a disseminação do coronavírus, não saíamos mais, não recebíamos mais visitas, e então percebemos que poucas coisas ajudavam a mitigar a solidão. A sensação de estar de férias foi sendo substituída por tédio e medo. Em um momento como esse, em que parece que as paredes estão se fechando, as chamadas de vídeo com parentes e amigos tornaram-se uma necessidade, e não um luxo.

Quando muitos países já contavam os mortos aos milhares, um debate compreensível em seu teor, mas irracional em sua forma, tomou conta de várias nações: perderemos mais vidas pela doença ou pela crise econômica que virá depois das medidas restritivas? Em meio a essa contenda, o presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, chegou a dizer que as restrições impostas em resposta à pandemia eram um caso de “cura é pior do que a doença”, dando combustível à polêmica.

A essa altura ficou bem claro o que não sabíamos em termos de pesquisas e respostas à crise ou ao deserto pelo qual passávamos. Há anos pesquisadores, órgãos internacionais e governos estudaram e imaginaram possíveis cenários e medidas diante de uma pandemia, mas se investigaram muito menos quais seriam as soluções econômicas para conter o choque provocado por uma situação assim. Sabíamos mais sobre o contágio do vírus entre as pessoas, sobre como minimizar a subida da curva de contaminação, e muito pouco a respeito da “contaminação” no comércio, sobre os fluxos de capital, as instituições financeiras e as extremas oscilações das bolsas. Cada país, conforme sua competência e de seus líderes, avaliava diariamente o tamanho dos impactos domésticos, o tempo que levariam as medidas de confinamento, como cada setor estava sendo atingido e que providências tomar para mitigar os prejuízos.

Enquanto alguns pesquisadores advertiam que as paralisações prolongadas seriam uma resposta muito extrema, com risco de causar danos permanentes e de longo prazo à economia, outros, em contrapartida, alertavam sobre os perigos de acabar com os rígidos controles sociais antes do tempo, o que poderia levar a um incremento do número de casos e mortes, resultando em um desastre econômico ainda pior. Parecia que todos tinham razão, mas, à medida que as mortes avançavam, muitos iam mudando os discursos.

Naturalmente, no início, estávamos vivendo o luto pelas coisas. Pela

liberdade perdida, pelo contato social proibido, pelo belíssimo mar que só podia ser visto de longe, pelos shopping centers fechados, e até pelo Mickey encastelado nos parques da Disney. Quando o luto é por coisas, ainda cabe discussão; quando começamos a ver as mortes se aproximarem de nós e dos nossos, porém, acabam-se as palavras e toma lugar a dor.

Olhando pela janela do apartamento e ruminando todas essas questões, percebo quão falso era o debate entre assistência médica e economia. Pelas experiências como psicólogo, e conhecendo um pouco da natureza humana, sei que o fim das restrições não iria ter um efeito milagroso para a economia. Afinal, será que ninguém estava pensando como todos nós voltaríamos esgotados financeira, física e emocionalmente? Como ainda seríamos dominados pelo medo de um simples espirro ou tosse de alguém, nos inibindo de retornar às compras, aos shows e às viagens? Que viriam ondas de casamentos desfeitos, depressões, pânico e suicídios?

Durante o que talvez venhamos a chamar de uma das maiores ameaças existenciais que já enfrentamos em séculos, talvez por ser psicólogo eu esteja me preocupando menos com o derretimento da economia a cada dia de isolamento e mais com a degradação psicológica das pessoas. Fico imaginando as que moram sozinhas, os casais em crise, as mães solteiras, os indivíduos com medo da doença, da fome e do incremento da violência. Está difícil dormir, porque as discussões compreensíveis sobre uma recessão econômica dão lugar em minha mente às inquietações com uma recessão social e emocional. Afinal, recessão é um substantivo feminino que implica ato ou efeito de recuar, retroceder – e, certamente, muitos retrocederão também na vida social e psíquica.

Em uma tarde dessas, olhando para a TV da sala, enquanto era transmitido um noticiário que eu nem mais ouvia, tive uma visão panorâmica de todo o processo: até onde eu podia perceber, já enfrentávamos uma grande crise, agora acelerada pela pandemia. A frustração com a globalização que tomava conta de vários países – desde o Brexit à construção de muros na fronteira dos Estados Unidos com o México –, as disrupturas tecnológicas – que, para muitos, mais destroem que geram emprego –, o esgotamento emocional gerado pela busca frenética por sucesso, disseminando uma epidemia de *Burnout*, um

medo profundo de que tudo dê errado, pais perdidos na educação dos filhos, a angústia de viver em um mundo líquido, com apagamentos de identidades, em um encontro da diferença sem espaço para recuos, em meio a um profundo anseio e, ao mesmo tempo, temor do futuro... Tudo isso fez muitos voltarem ao passado em busca de estabilidade, o que resulta no recrudescimento do divisionismo político e nos extremismos conspiratórios.

Na era das *fake news*, a ciência foi posta em xeque e a pós-verdade minou o valor das instituições com tal intensidade que a verdade passou a ser questionada, dando à mentira o status de ciência. Esse panorama, esse nosso *Zeitgeist*, o espírito da nossa época, de repente foi atropelado, acelerado e redefinido pela Covid-19. E tão rápido quanto o alastramento do vírus, a pandemia assume, feito um camaleão, todas essas cores de nossas crises conjugadas, em um sentimento difuso de descontinuidade, de ponto de inflexão, que não sabemos ainda aonde nos levará.

Em pouco tempo, a ciência ridicularizada e menosprezada surgiu como a resposta, a vacina como a esperança, e a realidade ainda tenta se impor à avalanche de mentiras.

No entanto, acredite, isso não é novo. Afinal, como cada um de nós individualmente vez por outra é chamado ao deserto em nossas vidas, a sociedade também é. Não é a primeira vez que passamos por algo assim, embora não possamos negar os contornos excepcionais que nosso tempo tem dado a essa experiência, entre os quais, viver o evento do isolamento social com extrema proximidade virtual.

Procurando entender as reações emocionais das pessoas às epidemias anteriores, me deparei com um texto interessante. O ainda jovem Winston Churchill, com apenas 15 anos, escreveu, em 1890, um poema intitulado “The Influenza”. O que o inspirou foi a experiência que a Europa teve com a gripe “russa”, que recebeu esse nome pelo fato de a epidemia ter começado na cidade de São Petersburgo em 1889. <sup>1</sup> O futuro primeiro-ministro britânico via a gripe como o “flagelo vil e insaciável”, e também notou que a doença não respeitava nem classes sociais nem fronteiras nacionais (parecia que estava descrevendo a Covid-19), por isso escreveu o seguinte, em uma tradução livre minha:

Os ricos, os pobres, os importantes,

os subalternos conhecem, igualmente, os vários sintomas.  
E igualmente caem diante dele [o vírus].

Na época em que Churchill escreveu esse poema, o mundo havia acabado de vivenciar a experiência de uma pandemia por *influenza*. Para a maioria das pessoas da época, aquela gripe, que começou na distante São Petersburgo, era tão somente mais um resfriado. A gripe “russa” mudou tudo isso, varrendo a Europa e a América do Norte em três ondas terríveis, que não deixaram dúvidas sobre sua extensa mortalidade. No entanto, por que recentemente eles ignoraram o coronavírus, se havia a experiência anterior da gripe russa (1889) e, depois dela, da gripe espanhola (1918)? Por que elas não foram suficientes para alertar a própria Espanha e países como a Itália e os Estados Unidos sobre os impactos da Covid-19?

Ao pensar nisso, eu me lembrei das minhas aulas de Epidemiologia, quando fiz meu mestrado em Saúde Coletiva. Os historiadores e demais pesquisadores das Ciências Sociais argumentam que o motivo pelo qual a gripe espanhola, ocorrida nos anos 1918 e 1919, deixou tão poucos traços na memória pública é que ela foi ofuscada pelos horrores da Primeira Guerra Mundial, e por isso, na historiografia, é caracterizada como “a pandemia esquecida”.

Na época da gripe espanhola, duas cidades norte-americanas distantes cerca de 1.450 quilômetros uma da outra tiveram reações tão diferentes como vimos nos casos da Coreia do Sul e da Itália em nossos dias. No ano de 1918, ignorando os avisos sobre o potencial virulento da gripe, Filadélfia não quis abrir mão de um desfile em homenagem aos soldados que se preparavam para a Primeira Guerra Mundial. Nas ruas da cidade, uma multidão de mais de 200 mil pessoas disputava espaço para ver a tropa passar. Como resultado da infeliz escolha, três dias depois, os mais de 31 hospitais do local estavam lotados. No primeiro fim de semana após o desfile, mais de 4.500 infectados já haviam morrido. Quando os políticos fecharam a cidade, já era tarde demais.

O contrário se deu em St. Louis. Logo após a detecção dos primeiros casos na cidade, as autoridades decidiram fechar escolas, parques, bibliotecas e áreas públicas de um modo geral, como tribunais e até igrejas. Na época, as medidas foram consideradas extremas – atualmente, conhecidas como distanciamento social –, mas são usadas,

desde então, durante a disseminação de epidemias. St. Louis contabilizou menos da metade do número de mortes ocorridas em Filadélfia, segundo um artigo de 2007 que consta dos anais da Academia Nacional de Ciência dos Estados Unidos.

Agora é nossa vez de enfrentar uma pandemia. No futuro, nossas ações e omissões serão analisadas pelos que nos sucederem. Por ora, fomos todos extremamente envolvidos, tanto os profissionais da linha de frente da luta como aqueles que mantiveram os serviços funcionando, ou apenas os que ficaram em suas casas, na esperança angustiada de que tudo passasse. Enquanto cada vez mais pessoas foram infectadas pelo vírus, nossa sociedade, nossa economia e nossa saúde mental foram derretendo. Agora, estamos tentando prever os rescaldos do que essa pandemia deixará.

Se, neste momento, não sabemos exatamente o que nos espera (pois a cada dia avaliamos o quadro e redimensionamos nossos cálculos), uma coisa já parece consenso: não voltaremos para o mundo que conhecíamos antes de tudo isso iniciar. Implica dizer que estamos entrando em uma ruptura de paradigmas, pois os modelos para solucionar problemas que usamos até aqui já esgotaram seu repertório de respostas.

Em momentos assim, a força dos acontecimentos atropela nosso desejo de compreender e nossa vontade de nos adaptar, porque somos imediatamente convocados a agir. O que estamos presenciando, porém, não é um simples avanço, muito menos uma mudança incremental com aprimoramento de processos, usos e costumes. Trata-se de uma transformação tão intensa que pressupõe uma descontinuidade dos antigos hábitos e das velhas certezas, que se dissolvem diante de nossos olhos. Estamos a caminho de um patamar inteiramente diferente de ser e viver em sociedade.

Como nos disse o escritor Victor Hugo: “Nada é mais poderoso do que uma ideia cujo tempo chegou”. E acrescento: quer gostemos ou não, quer estejamos preparados ou não para as mudanças.

Nada de mágico ou romântico vai acontecer, mas essa pandemia acelerou radicalmente a transformação de vários processos que já vinham ocorrendo e que agora ganharam mais força e nitidez. Por essa razão, um aviso: não sei quem você é nem o que faz, mas saiba que não existe mais um lugar no qual você permaneça de fora, apenas assistindo

aos acontecimentos. Como especialista em comportamento humano, sugiro que o leitor não fique preso na angústia e no medo, nem mesmo fixado na volatilidade das respostas que tenta dar aos problemas que ainda surgirão, pois corre o perigo de não perceber os impactantes sinais da radical transformação que chegou. Acredite: a velocidade das mudanças que estamos vivendo agora fará parecer que antes estávamos rastejando.

Esse é um deserto que estamos atravessando juntos. O deserto é um lugar que transforma tudo e todos, quer estejamos ou não cientes disso. Para muitos, constitui-se em uma oportunidade de recomeçar, pois nele seu passado conta pouco. Suas competências, seu poder, sua influência, ou mesmo suas mágoas, traumas e receios, nada disso tem lugar ou importância no deserto. O que conta são as escolhas que você faz dentro dessa experiência e como elas vão impactar seu futuro. Depois de passar por ela, você sairá mais enriquecido, uma vez que olhar para essa paisagem árida, com pouco barulho externo, acalma e o leva para seu mundo interno, para que finalmente ele possa ser escutado.

Diversos de nós acabaram por perceber, na experiência do isolamento social, que o silêncio das ruas, dos shopping centers, das baladas, abriu espaço em nós para que pudéssemos enxergar a diferença entre o superficial e o essencial. Outros tantos, que já estavam isolados voluntariamente em suas vidas de mágoas e dores, notaram o quanto estavam vivendo com padrões emocionais não adaptativos, e que havia muito tentavam desesperadamente se conectar com as pessoas, mas eram incapazes de se permitir serem vulneráveis o suficiente para se envolver em relacionamentos íntimos. Neste momento, em que todos percebemos nossa vulnerabilidade, quem sabe possamos nos permitir conexões mais reais, mais maduras e menos idealizadas.

O deserto tem também um caráter pedagógico impressionante e que não podemos desperdiçar, especialmente por ser uma experiência aguda e intensa, que nos treina e capacita para enfrentar os acontecimentos crônicos e extensos que a vida nos apresenta. O que sentimos no olho do furacão da pandemia e do isolamento social é algo forte. De um modo geral, condições agudas são aquelas que ocorrem repentinamente e com rápido desenvolvimento e têm duração limitada, que é o caso da Covid-19. É intensa porque ocorre de modo altamente concentrado e de forma exaustiva para os sistemas de saúde. No entanto, o que viveremos

depois, com as muitas crises pós-pandemia, serão experiências crônicas e extensas. Por crônicas, entendemos circunstâncias duradouras, cujos desenvolvimentos potencialmente pioram com o tempo, como a crise econômica e outras que vamos enfrentar. E serão extensas porque afetarão muitas áreas da vida humana, modificando diversos cenários, destruindo outros tantos, e exigindo que sobrevivamos e nos reinventemos, como ocorre nas experiências do deserto.

Embora seja algo coletivo, o que estamos passando nos afeta individualmente, e talvez seja um exercício válido responder a algumas perguntas: os acontecimentos de agora estão forçando você a perceber e a movimentar forças desconhecidas dentro de si mesmo? O que você tem feito – se é que tem feito – vem produzindo uma mudança interior e na sua visão de mundo? O que caracteriza seus velhos hábitos e quais sinais de que eles estão cedendo lugar a uma nova forma de viver?

Você saberá responder a essas e outras indagações se se permitir entrar inteiramente na experiência do deserto. E se você fugiu até hoje, recusando-se a atender aos vários convites que a vida lhe fez para essa experiência, os últimos acontecimentos são uma imposição da qual agora já não pode mais fugir. Este é o tempo do seu autoencontro. Aproveite o chamado.

Vejo os primeiros raios de sol começarem a aparecer no horizonte. Acho que agora já posso dormir.

# INTRODUÇÃO

**N**o fluxo e influxo da existência, somos arrojados em idas e vindas. Em ciclos quase inevitáveis, nos quais muitas vezes nos encontramos sós, para uma experiência transformadora, embora dolorosa, pois, nos momentos mais decisivos, não haverá ninguém ao lado para compartilhar, inspirar ou apoiar nossas escolhas mais íntimas, mais significativas.

O deserto revela-se como o símbolo de uma obliquidade transcendente, ou seja, que não possui paralelo de comparação, já que ele é lugar de se perder e de se achar, de estar só e não se sentir só. Da falta para o encontro, da essência e do silêncio para ouvir o ensurdecedor barulho de nossas inquietações.

A experiência do vazio provocada pelo deserto por fim é compreendida como essencial e necessária, que alcança, indistintamente, todos que estão passando por profundas transformações espirituais, sempre a nos arremessar numa completa sensação de falta; um buraco que denuncia que necessitamos de algo mais.

As nossas necessidades são muitas, é bem verdade. O mundo nos faz sentir um sem-número de necessidades, especialmente de dinheiro, beleza, poder, visibilidade, sucesso... mas são necessidades que, em grande medida, quando mal experimentadas, só aumentam nosso vazio. Se existe algo de que realmente precisamos é de um sentido mais transcendente para a vida, e que certamente não encontramos nas tradicionais listas de desejos e nas buscas desesperadas de muitos seres humanos. Essa procura aponta mais para uma vida que se pauta pela fraternidade, pela simplicidade, pelo perdão e pela gratidão.

A cacofonia incompreensível do mundo do ter, portanto, não entrega o que promete, e somente num profundo silêncio podemos ouvir as solicitações reais de nossa alma na realidade inexorável do vazio. Por isso, a narrativa do deserto em vários momentos dos textos bíblicos desempenha um papel central. E, embora na maioria das vezes seja vivida coletivamente pelo povo judeu, sempre é sentida individualmente, pois nos remete aos nossos desertos, às muitas visitas que fizemos e faremos a ele, de tempos em tempos, para nos reencontrar.

Refletir sobre essa falta, esse deserto simbólico no qual os hebreus e, depois, o próprio Jesus estiveram, alude às nossas próprias experiências de falta, de necessidades e ansiedades. Lá, mergulhamos no profundo desconforto da ambiguidade e da incerteza, numa busca por se

reconhecer e se aceitar na falta, ou seja, limitados como todos os outros, já que a plenitude e a completude não nos pertencem, embora pretensiosamente alguns e ingenuamente outros busquem uma perfeição em si que jamais vão encontrar.

O deserto deixa isso claro, sem espaços para fantasiar e/ ou projetar nos outros as nossas sombras, as quais temos de reconhecer, aceitar e transformar. Todavia, depois de muitas tentativas vãs de buscar recursos apenas em nós, percebemos – e essa realidade nos choca – que não podemos preencher nossas necessidades apenas através de nossas próprias forças.

É exatamente nesse momento, quando não há ninguém, que tudo falta e percebemos nossa incapacidade de preencher nossos vazios sozinhos, que notamos algo maravilhoso, reconfortante e redefinidor da nossa identidade. Lá, no deserto, jamais estivemos sós. Entrando conosco, desde o primeiro passo que damos na areia escaldante até a hora em que desfalecemos pela ausência de tudo e de todos, finalmente encontramos Aquele que tudo preenche e dá significado à vida: Deus! Por isso, o deserto se torna a condição experiencial por excelência do cristianismo e para o encontro com a Divindade que sempre nos assiste, jamais nos abandona e de nós nunca desiste.

O deserto nos chama para abraçar o vazio como um modo de aprofundar nossa vida espiritual.

Muitos que se debruçam sobre os textos bíblicos os veem apenas como um relato histórico de um povo e de um tempo que não guarda relação com nossas vidas atuais. Alguns até veem neles poesia, metafísica, estética narrativa, fatores que podem ser tocantes, mas que não transformam vidas. Outros, entretanto, concebem os textos como verdades literais e inquestionáveis, que devem apenas ser seguidas cegamente. Essas posturas pecam pelo exagero da crítica contumaz ou da leitura fundamentalista.

Embora muitos possam achar que os textos e propostas contidos nos Evangelhos sejam irrelevantes na contemporaneidade, não definidores de nosso modo de ser e estar no mundo, permito-me, humildemente, discordar dessa visão. Por isso, pretendo, com este livro, refletir sobre o deserto como uma experiência arquetípica, [2](#) necessária e fundamental para o nosso amadurecimento emocional, ao tempo que é também instrumento de transcendência.

É aqui que vislumbramos outra dimensão da experiência do deserto: um lugar onde nossa fragilidade explicitada nos deixa vulneráveis à tentação. É por isso que, num primeiro momento, ante a nossa fragilidade, sensação de desproteção e, ao mesmo tempo, crença infantil de que estamos sós, sem a observação de ninguém, o deserto se apresenta também como o lugar onde ficamos suscetíveis ao desvio, ao descaminho, ao atalho, sempre perigosos. Enfim, caímos em tentações.

As tentações denunciam nossos desejos, nossas necessidades de satisfação sensorial, ao passo que o deserto é o lugar por excelência onde podemos experimentar essas sensações. Afinal, no deserto, “ninguém está vendo”, não há câmeras de vigilância nem celulares à espreita para nos pegar num deslize. Não precisamos da aprovação alheia, pois estamos longe da crítica ou do flagra. Ademais, quem ficará sabendo? E, como tudo nos falta, não podemos nos julgar por ceder, por cair, por aceitar o convite ao desvio, à submissão aos desejos, à “satisfação” das necessidades. Quem acusaria alguém que caísse em meio a tanta falta? Qual de nós também não cederia diante de tanta aridez e, ao mesmo tempo, de tanta oportunidade, tantas tentações?

Só há uma forma de não cair ante o ensurdecedor barulho da falta e ceder diante do sedutor desfile das tentações, e isso só ocorre quando, em vez de substituímos o medo da falta pelo vazio dos desejos, nos deixamos invadir pela presença de Deus e finalmente aceitamos o Seu chamamento paternal para o despertar.

Convido você a esta viagem, da qual voltamos sempre mais fortes, para que possamos, nas próximas vezes em que estivermos num deserto – e, acredite, muitas vezes ainda precisaremos passar por lá –, extrair dele toda a sua abundância e plenitude, toda a superação em meio a tantos convites para a queda. Assim, estaremos aptos para finalmente encontrar o grande tesouro, quando, em meio à ausência de tudo e de todos, até mesmo de nossas forças, encontrarmos a presença inexprimível de Deus.

ESTOU NO  
DESERTO.  
E AGORA?

SE EXISTE ALGO DE QUE REALMENTE PRECISAMOS É  
DE UM SENTIDO MAIS TRANSCENDENTE PARA A VIDA.

O deserto é o lugar da falta, onde tudo é, no mínimo, escasso. Não temos proteção, paredes, lugar para escorar a cabeça, sombra para repousar. O deserto nos lembra da solidão/do abandono de José, do poema de Carlos Drummond de Andrade. Por isso, permito-me agora, sem nenhuma pretensão de crítico literário, analisar, à luz da condição psicológica que o deserto nos arroja, alguns trechos do poema de Drummond.

E agora, José?  
A festa acabou,  
a luz apagou,  
o povo sumiu,  
a noite esfriou,  
e agora, José? [...]  
você que é sem nome,  
e agora, José? <sup>3</sup>

Sim, quando a festa acaba e a luz se apaga, todos somem. Afinal, muitos nela estão não pelo que somos, mas pelo que temos ou simulamos ter. Estão pelo que oferecemos ou ao menos criamos a expectativa de realizar. Sem essas coisas, essas fantasias, sem o personagem que montamos, editamos e expomos nas redes sociais, nosso nome, para muitos, e até mesmo para nós, não nos define, perde o sentido, deixa de existir. Um nome que não nomeia e, quando pronunciado, parece um “címbalo que retine”, <sup>4</sup> ou seja, cujo som não tem significado nem harmonia. Por isso, o que fizemos e sentimos, cujo nome nos definia, fica em suspenso, sem sentido. Então, a pergunta é esta: e agora?

Está sem mulher,  
está sem discurso,  
está sem carinho,  
a noite esfriou,  
o dia não veio,  
o bonde não veio,  
o riso não veio,

não veio a utopia  
e tudo acabou  
e tudo fugiu  
e tudo mofou,  
e agora, José?

Uma esposa ou esposo (companheiro ou companheira) suporta conosco muitos momentos difíceis na vida, tornando mais leve o caminhar. Mas nem ela nem ele podem se aventurar conosco na solidão do deserto. Eis o motivo de José – ou qualquer um de nós – viver em muitos momentos o deserto, mesmo na companhia de outras pessoas. Às vezes, quando estamos sós, resmungamos, falamos alto para afastar o fantasma do isolamento. Contamos histórias para nós mesmos, tentando nos convencer, nos conformar, nos enganar, mas todo discurso perde o sentido, seja o discurso da culpa, seja o da desculpa.

Sem ter o que dizer, sem utopias para crer, com nossos heróis “mortos por overdose”, como dizia Cazuzza, ou mesmo nenhum afago para receber, não ouvimos nenhuma outra voz humana, nem mesmo um riso. Buscamos uma saída, um bonde que nos tire de lá, do frio congelante da solidão, de uma noite que não cansa de escurecer, não renunciando nenhuma forma de amanhecer, nenhum raio de luz de esperança; todavia, não existe estação, nem parada, nem *ticket* de salvação. Então, tudo se esvai, acaba-se, foge e mofa. Mofa por ser coisa velha. Era o “empurrar com a barriga” insustentável; era a zona de conforto paralisante, o procrastinar incessante que não dava mais para levar. Por isso, e agora?

E agora, José?  
Sua doce palavra,  
seu instante de febre,  
sua gula e jejum, [...]  
sua incoerência,  
seu ódio – e agora?

Embora a ambivalência nos constitua como pessoa, por mais insanos e febris que sejam nossos esforços, não vamos conseguir conciliar o inconciliável, apesar de nossa gula nos fazer tentar repetidas vezes esse

acordo.

Por isso buscamos a Deus e a Mamom, [5](#) como se fosse possível. Queremos a paz dos templos religiosos e o frenesi consumista dos shopping centers. A fraternidade de nossa espiritualidade de fim de semana e a competição irascível do dia a dia do mundo do trabalho, em que a ética é só um discurso, uma placa de intenções. Contudo, chega um momento em que não dá mais para nos enganarmos. A incoerência e o ódio se encontram numa autojustificativa cíclica, que é quebrada pelo advento do deserto. Como nesse lugar não há mais ninguém para acusar, para odiar, competir ou mesmo para ludibriar com as incoerências de quem diz uma coisa e faz outra, chegamos a um beco sem saída. Sem ter a quem enganar e a quem acusar, todos os dedos apontam para nós mesmos. Então, e agora?

Com a chave na mão  
quer abrir a porta,  
não existe porta;  
quer morrer no mar,  
mas o mar secou;  
quer ir para Minas,  
Minas não há mais.  
José, e agora?

Sabe aquela chave que sempre abriu portas e que, como um paradigma pessoal autoexplicativo, dava sentido, respondia e oferecia solução para tudo? Pois é, no deserto ela simplesmente já não serve mais; já não abre as portas das novas experiências que exigem novas chaves, novas saídas. Sem saída, sem atalho, nem a morte (desistir) é uma opção, pois até a chave da fuga não funciona mais, até mesmo o mar das ilusões que alimentávamos sobre nós mesmos e sobre o mundo secou. Não adianta também recuar. Ao entrar no deserto, não podemos voltar atrás, só seguir em frente, pois Minas já não há mais, não há, enfim, nenhum lugar para o qual voltar. Tudo está em suspenso neste lugar, o lugar do “nada”, do “ninguém”. Não podemos voltar simplesmente porque ainda não alcançamos a lucidez, não chegamos ao fundo do poço para entender o valor da jornada e do que tínhamos. Só nessa condição, qual o filho pródigo, podemos voltar à casa do Pai,

maduros e cheios de novas respostas.

Se você gritasse,  
se você gemesse,  
se você tocasse  
a valsa vienense,  
se você dormisse,  
se você cansasse,  
se você morresse...  
Mas você não morre,  
você é duro, José!

Nem grito de socorro nem gemido de dor serão ouvidos. Aquela música que sempre nos acalmou, aquele sono que sempre nos fez repousar ou aquele trabalho justo que nos cansou não poderão ser experiências sentidas ou que façam sentido. Nem a morte mais faz sentido, pois, no deserto, em vários momentos, há tanta falta de sentido que pensamos estar mortos, sem poder morrer. Descobrimos aí um início da resposta, pois somos mais resistentes do que imaginávamos, somos duros. Descobrimos parte da doce ironia do deserto, pois nele somos fortalecidos pela falta, somos saciados pela seca, somos ressignificados pela ausência, somos reabastecidos pela escassez.

Sozinho no escuro  
qual bicho do mato,  
sem teogonia,  
sem parede nua  
para se encostar,  
sem cavalo preto  
que fuja a galope,  
você marcha, José!  
José, para onde?

No breu, onde nem mesmo uma estrela surge para nos guiar, perdemos até os últimos vestígios de nossa humanidade e nos embrutecemos com um bicho. Parece até que nossas concepções de Deus

se esvaem. Aquele Deus personalizado, que customizamos para atender a nossos caprichos, prova toda sua inconsistência. Não há nem mesmo uma parede que possa circunscrever um ambiente mínimo, diminuindo a sensação de vazio. Aí temos um outro ganho no deserto, pois desenvolvemos uma profunda empatia com Rabi da Galileia, pois somos levados, por uma experiência viva, a sentir um pouco da experiência do Cristo, a nos dizer: “As raposas têm suas tocas e as aves do céu têm seus ninhos, mas o Filho do homem não tem onde repousar a cabeça” (Mateus 8:20).

Sem paredes, ou seja, sem as referências que circunscrevem nosso pequeno mundo, delimitando as fronteiras entre nós e os outros, perdemos as referências do ego e do lugar, da tribo, da identidade em separado, que se julga melhor que os demais. Aqui temos, ao perder, um ganho incalculável. Perdemos a casa, as paredes, a família, a tribo, para ganhar o universo de toda a criação da qual somos herdeiros, na construção de nossa identidade de filhos de Deus e irmão de todos os outros filhos do Pai.

Ao entrar no deserto não podemos voltar ao mundo infantil que nos caracterizava e que, embora tenha cumprido seu papel, nos apequenava, e é nesse sentido que a experiência do deserto é um rito de passagem no qual, ao final dessa jornada, deixaremos as coisas de criança, pois elas não serão mais convenientes (1 Coríntios 13).

No deserto, até Deus parece ausente, sem nos responder às inúmeras súplicas, aos gritos de desalento. Desse modo, num primeiro momento, sentimo-nos sós e vulneráveis. Tão visceralmente desprotegidos que parecemos ter como companhia apenas o medo e a desesperança sem fim.

Como experiência inevitável, o deserto pode assumir várias formas, de modo que, mesmo cercado de tudo e de todos, podemos estar no deserto de um luto, de uma depressão, de uma decepção amorosa, da tentativa de se reposicionar no mercado de trabalho e começar tudo do zero, enfim, num sem-número de possibilidades emocionais pelas quais já pas samos e/ou ainda passaremos, mas, certamente, se não nos destruirmos no processo, se formos resilientes e adotarmos a postura de protagonistas, e não de vítimas, sairemos desses desertos cada vez mais fortalecidos.

# O DESERTO PESSOAL DE JÓ

JÓ NOS SERVE COMO UMA ESPÉCIE DE PARADIGMA ÚLTIMO, POIS SUA POSTURA DE NÃO SE CONCENTRAR NA QUEIXA VITIMISTA OU NA BUSCA POR UMA EXPLICAÇÃO RACIONAL O FAZ SE LANÇAR PROFUNDAMENTE NUMA EXPERIÊNCIA MUITO MAIS AFETIVA E FENOMÊNICA, E POR ISSO PERSONIFICOU A SUBSERVIÊNCIA ATIVA E A RESILIÊNCIA OPERACIONAL, ANTE OS INFORTÚNIOS DA VIDA.

O *Livro de Jó* é muitas vezes tido como um dos grandes clássicos da literatura mundial. Ele também é considerado, por muitos teólogos, um dos livros da Bíblia mais suscetíveis a uma variedade de interpretações muitas vezes contraditórias. Seu objetivo é responder à pergunta teológica mais importante para todos os que não acreditam na unicidade da existência física: “Qual o motivo de, num mundo sobre o qual o Senhor tem total domínio, pessoas inocentes terem de sofrer quando, ao mesmo tempo, o sofrimento parece não atingir os maus?”. Mas ele também responde a uma questão psicológica profunda e complexa: como explicar o sofrimento, pelo qual muitos de nós passamos, sem cair na fórmula simplista, dolorosa e cruel de culpar a vítima?

De modo geral, alguns dos profetas hebreus tentaram lidar com essas questões na medida em que a nação como um todo foi afetada por guerras e invasões, ou seja, a injustiça vinha de fora da tribo, a dor dos conflitos provocados por outros, alheios a nossa vontade.

Porém, o escritor do *Livro de Jó* lida com ela em uma base individual, algo que todos nós, mais cedo ou mais tarde, temos de enfrentar, bem como as questões universais tão bem discutidas por Léon Denis em seu magistral livro *O problema do ser, do destino e da dor*.<sup>6</sup>

No mais, para aqueles que não concebem um mundo no qual temos múltiplas existências, o que não pode ser compreendido através da razão deve ser aceito pela fé, numa atitude que percebe Deus como autor de toda justiça, mesmo que não possa ser compreendida e visualizada em sua plenitude. Isso não deixa de ser uma atitude de subserviência filial ao Pai Altíssimo.

O *Livro de Jó*, sem dúvida, é sobre a vivência da fé, um tema que é a um só tempo universal e atemporal.

Deve-se ter em mente que Jó não é o autor, mas o principal personagem. Aliás, como narrativa, os dois personagens centrais são Deus e Jó. O livro conta a história de uma grande e demorada batalha, mas, neste caso, trata-se de uma luta individual. Essa luta pessoal está em ressonância com as Escrituras Hebraicas, pois nelas, frequentemente, o coração humano é o campo de batalha de grandes guerras.

Como é evidente a partir dessa avaliação, a história de Jó é destinada principalmente para os leitores interessados na relevância de questões contemporâneas, em especial no campo da religião, de crença e valores pessoais.

Ao longo da narrativa, percebemos que o livro não trata especificamente da Justiça Divina, mas da transformação de um homem cuja zona de conforto, traduzida num ambiente de riqueza material e felicidade pessoal, é retirada de uma só vez, levando-o a ser fiel no muito, mas também no pouco.

Experiência que se em Jó pode ter sido apenas simbólica, ou uma parábola, em outros personagens da cristandade, como Paulo, foi real. Os muitos desertos de Paulo o levaram a desenvolver a habilidade de não se deixar afetar pelo externo, pelas variações de “pressão e temperatura” da vida, como ele terminou por experimentar e compreender: “Sei bem o que é passar necessidade e sei o que é andar com fartura. Aprendi o mistério de viver feliz em todo lugar e em qualquer situação, esteja bem alimentado, ou mesmo com fome, possuindo fartura, ou passando privações” (Filipenses 4:12).

Para os que lidam com grande sofrimento em suas vidas, Jó é um filho de Deus que é atingido por tão grande desgraça que não pode ser explicada de maneira usual como inspiração para arrepende-se, já que se trata de um homem justo; nem mesmo como uma advertência ou um castigo, conforme seus amigos tentam fazê-lo acreditar. A grande lição de Jó está em aceitar, sem rebeldia contra Deus, as dores da vida. Afinal, as dores simplesmente acontecem.

Eu estava no Rio de Janeiro no dia 7 de fevereiro de 2019, um dia depois de uma forte tempestade atingir a cidade, deixando vários mortos. A chuva fortíssima, acompanhada de ventania, causou apagões, derrubou árvores, alagou vias e fechou outras tantas. Na avenida Niemeyer, uma encosta deslizou sobre um ônibus, tirando a vida de duas pessoas no local.

No dia seguinte era minha participação no programa Encontro com Fátima Bernardes, na Rede Globo, para comentar sobre comportamento e família.

Quando acordei às 6h da manhã para tomar café, liguei a TV e vi uma triste e trágica notícia: um incêndio havia matado dez jovens e deixado três feridos no Centro de Treinamento do Flamengo. Todas as vítimas eram adolescentes das categorias de base do clube, que dormiam quando o fogo começou.

Dormiam, sonhando com o sucesso, com a redenção deles e da família, e morreram pela indiferença humana. E seus pais acordaram

para um pesadelo.

Quem estava à frente do programa naquela sexta-feira era a apresentadora e jornalista Patrícia Poeta, que me perguntou o que eu gostaria de dizer que não tinha dado tempo de falar durante o programa. Eu disse que gostaria de dizer a cada pai e a cada mãe daqueles jovens que não sentissem culpa.

Não havia nada que pudesse consolar os pais que perderam os filhos no Centro de Treinamento do Flamengo, mas pelo menos algo deve ser dito. Não cabe o sentimento de culpa. Talvez eles pudessem estar se perguntando: “Por que eu deixei ele ir? Era melhor ele vivo, aqui comigo”. Mas quantos pais perdem os filhos sem casa? No quarto, diante de um computador? Na piscina do clube? Voltando da escola?

Aprendemos com Jó que não podemos prever tudo. Não controlamos tudo, por isso os pais não podiam nem deviam se punir por apostar nos sonhos dos filhos.

Como diz o poeta libanês Khalil Gibran: <sup>2</sup> “Seus filhos não são seus filhos. São filhos e filhas da Vida que anseia por si mesma. Eles vêm ao mundo por meio de vocês, mas não propriamente de vocês, E, embora com vocês vivam, não lhes pertencem”.

Quantos pais estão longe dos filhos, pois estes fazem faculdade em outras cidades, em outros países, tudo em busca dos sonhos? Seria justo, por medo, tolher suas asas e não permitir que voem?

Os pais que ajudam os filhos a construir sua própria trajetória fazem isso por amor. E onde há amor não cabem julgamentos nem culpa.

Em meio à dor e à ânsia por encontrar razões que justifiquem a perda, muitos pais se deparam com o sentimento de culpa. Mas que alívio a culpa traz? Nenhum. Ao contrário, ela intensifica a dor e dificulta a superação.

A culpa não cabe onde a escolha envolve amor. Quando o caminho é desviado por alguma razão e perdemos o controle, não há uma fórmula mágica para passar por esse momento, assim como não há fórmula para prevê-lo, e o personagem Jó entendeu isso com seu drama pessoal.

Jó perdeu tudo que tinha. Os pais daqueles jogadores adolescentes perderam os filhos e, com eles, também o que queriam um dia ter tido.

Voltando especificamente a Jó, percebemos um caminho para a análise da pessoa de Jó e as transformações da sua fé e caráter em termos de sua experiência com Deus, em seu deserto interior.

Os discursos de Jó revelam o colapso de sua perspectiva. Pela primeira vez em sua vida, ele sai de seu estado de bem-estar, tornando-se ciente de que a vida também pode inesperadamente se nos apresentar aparente desordem. Em seu cotidiano tranquilo de homem rico de bens e de filhos, é improvável que Jó tivesse um encontro tão profundamente radical com Deus que o fizesse, em alguns momentos, duvidar de sua justiça e desejar até mesmo a morte.

Por isso, Jó nos serve como uma espécie de paradigma último, personificando a subserviência e a resiliência ante os infortúnios da vida. Mesmo vacilando em algum momento, terminamos numa entrega plena a Deus, como autor principal de nossa existência.

Jó, com sua tragédia épica, nos deixa lições sobre questões bem atuais para nós. A dor, os traumas, as tragédias simplesmente podem nos acontecer, e não nos resta alternativa mais inteligente do que aceitar e seguir em frente. Pode até ser que a busca por motivos e explicações nos ajudem ou nos aliviem, mas a verdade é que todos nós temos que suportar sofrimentos que nem sempre podem ser explicados.

# O MESSIAS NO DESERTO

COMO JESUS, QUE ENTROU COMO O FILHO DE UM  
CARPINTEIRO QUE ACABARA DE SER BATIZADO E  
ANUNCIADO COMO FILHO DE DEUS, AO ENFRENTAR  
A EXPERIÊNCIA DO DESERTO, SAI O HOMEM QUE  
DIVIDIU A HISTÓRIA? O QUE PODE TER ACONTECIDO  
NESSES QUARENTA DIAS PARA TRANSFORMAR JESUS  
NO SER QUE MAIS INFLUENCIOU E INFLUENCIA  
A HISTÓRIA COLETIVA HUMANA, BEM COMO A  
HISTÓRIA INDIVIDUAL DE TODOS QUE O CONHECEM?

Vemos no capítulo 4, versículo 1, do evangelista Lucas, na tradução da Bíblia de Jerusalém, a seguinte descrição: “Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto”.<sup>8</sup> Lembremo-nos de que Jesus acabara de ser batizado por João Batista e estava exultante. Ele ainda podia ouvir a voz de Deus ecoando em seu íntimo: “Este é o meu Filho amado, de quem me agrado” (Mateus 3:17). Logo após, ele é levado ao deserto, ensinando-nos claramente que a vida é assim: de repente, mudanças inesperadas e violentas nos convidam ao testemunho tanto nos bons como nos momentos difíceis, pois há momentos em nossa luta pessoal contra as desventuras da vida – quando elas pesam sobre nós e ficamos vulneráveis – em que o exemplo do Rabi da Galileia reveste-se de uma profunda lição de entregar-se a Deus completamente, como vimos no capítulo anterior, na história de Jó.

Pois com Deus não temos nada a temer. Com Ele, nada a recalcitrar ou vacilar. De forma poética o salmista nos diz:

Aquele que habita no abrigo do Altíssimo e descansa à sombra do Todo-poderoso; pode dizer ao Senhor: “Tu és o meu refúgio e a minha fortaleza, o meu Deus, em quem confio”. Ele o livrará do laço do caçador e do veneno mortal. Ele o cobrirá com as suas penas, e sob as suas asas você encontrará refúgio; a fidelidade dele será o seu escudo protetor (Salmos 91:1-4).

Do ponto de vista teológico, há uma discussão se Jesus foi ou não ao deserto, se ele foi ou não vítima de três tentações.<sup>9</sup>

Os evangelistas Lucas e Mateus narram alguns fatos que diferem entre si, apesar de interligados através da temática da ida ao deserto e das tentações, os dois momentos cruciais da vida de qualquer ser humano. Não obstante, existem muitos teólogos atuais que têm um novo entendimento acerca dessa narrativa, a de que, é provável, a ida ao deserto trata-se mais propriamente de uma parábola do que de um fato, a exemplo da Parábola do Bom Samaritano.

Entre esses simbolismos temos o número 40, que, mais uma vez, se repete com Jesus no deserto, e que já estava presente na tradição profética dos judeus.

Na história de Noé e do dilúvio, chove durante quarenta dias e quarenta noites (Gênesis 7:4,12,17; 8:6). No Monte Sinai, quando Moisés faz um pacto com Deus, ele fica na montanha por quarenta dias e quarenta noites (Êxodo 24:18). No evento da perseguição da Rainha Jezabel ao profeta Elias, ele foge numa viagem que durou quarenta dias e quarenta noites (1 Reis 19:8). No *Livro de Êxodo* vemos o relato de que os filhos de Israel, após a fuga do Egito, caminharam pelo deserto durante quarenta anos (Êxodo 16.35). Uma desobediência dos filhos de Israel a Deus os deixou nas mãos dos filisteus por quarenta anos (Juízes 13,1). O Rei e Salmista Davi reinou por quarenta anos (2 Samuel 5:5; 2:11).

No *Novo Testamento* temos mais menção ao número 40, de modo que, provavelmente não por acaso, Jesus é tentado no deserto por quarenta dias e noites e sua ascensão ao céu ocorre quarenta dias após a Ressurreição (Atos 1:3), uma referência que liga o filho de Deus aos profetas do *Antigo Testamento*.

Percebemos nesse simbolismo uma característica conectando todos esses eventos, o gestar de um processo, um período que culmina com um ponto de inflexão para um novo tempo. Vemos isso no dilúvio, narrado no *Livro de Gênesis*, dando início a uma nova Terra, uma nova humanidade.

Gênesis, obviamente, marca a destruição da Terra conhecida e um novo começo para a humanidade. Os quarenta dias no deserto, na montanha e na Terra Prometida e, claro, o relato do êxodo demarcam um novo começo na história do povo judeu, como vemos também nos quarenta anos de reinados de Saul e, depois, com Davi, simbolizando uma nova era.

À primeira vista, o Dilúvio pode ser interpretado como demonstração da ira divina, mas o amor e a misericórdia são características claras de Deus. No estudo judaico mais aprofundado, na Cabalá, a bondade, a compaixão, a justiça e a misericórdia formam um eixo fundamental de ação no cosmos, ou seja, a ira certamente é incompatível com a compaixão, a bondade, a justiça e a misericórdia – o que nos convida a enxergar algo mais elevado na história do Dilúvio.

A água de um banho de imersão ou de um dilúvio lembra um ritual de limpeza, de purificação não só física, mas espiritual. O dilúvio pode ser visto também como um processo simbólico de expurgo, que redefine

propósito, renova aliança e gera esperança. Na Lei Judaica, os banhos de imersão para a purificação devem possuir uma quantidade de água igual ou superior a 40 *seah* – medida quantitativa utilizada na Antiguidade pelo povo judeu –, seguindo o ritual deste para se adentrar ao Templo de Jerusalém, ou os banhos de imersão realizados por João Batista no Rio Jordão, narrados no Evangelho, os quais se encontravam de acordo com a tradição judaica por possuírem a medida superior aos 40 *seah* – o que simbolizava igualmente a RENOVAÇÃO, dando origem, em muitas religiões judaico-cristãs, à tradição do batismo. A medida de 40 *seah*, portanto, possui direta correlação ao dilúvio de Noé na purificação do mundo.

Mas a água, além de purificar, mantém a vida, gera a vida, por isso vemos outro simbolismo bíblico do número 40 ligado agora a uma refinada analogia com o mundo natural. Quarenta semanas é o tempo de uma gravidez (podendo variar para mais ou menos). A gestação serve magistralmente de alegoria para os períodos de 40 descritos no *Antigo e Novo Testamentos*.

Com suas características peculiares, a gravidez simboliza um aspecto de si mesmo, ou da vida coletiva, que está em processo de crescimento e se desenvolvendo. Pode também representar o nascimento de uma nova ideia, direção, projeto, objetivo, um novo tempo, o início de uma nova história. No Talmud, um dos mais importantes compêndios da tradição judaica, no tratado de Nidá, fim do capítulo 3, é dito que o Espírito, 40 dias antes do nascimento, efetiva um juramento: “Sê justo, e não perverso; e mesmo se o mundo todo te disser que tu és justo, considera-te como perverso”. Isso nos deixa claro que há um objetivo espiritual na vida, e as 40 semanas de duração de uma gravidez representam a preparação para o enfrentar de uma nova experiência, objetivando a renovação. Além disso, a gravidez começa com a beleza e a força do momento da concepção, seguidas de um período no qual a dor, a ansiedade, o planejamento, os receios, a alegria incontida, a antecipação de profundas mudanças, finalmente, dão lugar a algo novo. O número 40 também representa, na simbologia judaica, o período de tempo dedicado à preparação para assumir uma prova ou um conjunto delas, ou um processo missionário.

Mais um simbolismo, portanto, é revelado. Antes dos quarenta dias no deserto, Jesus passa quarenta semanas no ventre de Maria. Nesses

dois ambientes, no ventre e no deserto, vive uma experiência de uma preparação: do acolhimento materno, da gestação, do lugar onde repousar e se nutrir, vai para a aridez do deserto, onde há a falta de acolhimento, o desamparo. Dessa maneira, prepara-se para sua missão de suportar abandono, negação, humilhação, a fim de construir a nova era da salvação.

O mesmo simbolismo também se explica com os 40 dias entre o primeiro dia do mês de Elul (último mês do calendário judaico) – quando é soprado o *shofar*, isto é, as trombetas feitas a partir do chifre de carneiro, para anunciar o despertar e preparar-se para o Rosh Hashaná, que é o ano-novo judaico – e o jejum de Yom Kippur, ou dia do perdão, período dedicado especialmente para crescimento pessoal e renovação. Os judeus não festejam como no réveillon, mas entram num período de profunda reflexão que culmina, quarenta dias depois, no dia do perdão.

Devemos entender, então, que estamos diante de emblemas e símbolos daquilo contra o que temos de lutar constantemente: nossos medos interiores, bem como a gestação de um novo tempo em nós.

Podemos fazer uma leitura da ida de Jesus ao deserto como simbólica, como um período de reclusão, um momento de recolhimento necessário antes de iniciar uma missão. Tal processo se deu com Sidarta Gautama. [10](#) Ele se refugiou em uma floresta e passou por três tentações, até começar a ser conhecido como Buda, iniciando a sua missão.

Com Jesus, ao enfrentar a experiência do deserto, simbolicamente entra o Homem de Nazaré, filho de Maria e José, e sai o Cristo, filho do Deus vivo.

Logo, podemos perceber o deserto sob dois aspectos: o físico, como a ida a um ambiente hostil, e o espiritual e simbólico. É exatamente sobre essa segunda perspectiva que se assenta este livro, enfocando o deserto como o lugar da *impotência* que, num aparente paradoxo, é capaz de nos reconduzir ao caminho da retidão e da *potência* através de Deus. É característico de Deus nas Escrituras conduzir o povo escolhido ao isolamento e à esterilidade do deserto para que possa se conectar com o Criador.

Entre os teólogos modernos mais eminentes, o reverendo John Mackenzie, pastor presbiteriano norte-americano que editou o *Dicionário Bíblico* – hoje, um dos maiores e mais referenciados do mundo –, conclui, tratando-se do significado do deserto, que, de fato,

não há certeza de que Jesus foi tentado: trata-se, portanto, de uma alegoria, ou, dito de outro modo, uma parábola. Como nos afirma Mackenzie: “Os intérpretes recentes acreditam que se deva procurar a explicação do episódio mais num simbolismo doutrinal do que no decurso real dos fatos”. [11](#)

Entender a ida ao deserto e as tentações como símbolo começa a ser consenso no mundo teológico contemporâneo.

# OS SIMBOLISMOS DO DESERTO NO MUNDO JUDEU

É INTERESSANTE NOTAR QUE O LUGAR DA “FALTA”, O DESERTO, É O LUGAR DE SE ACHAR, DE SE ENCONTRAR E CONECTAR-SE AO SAGRADO. UM VAZIO QUE PREENCHE, O DESPROVIMENTO DE TUDO QUE NOS LEVA À ABUNDÂNCIA, A AUSÊNCIA COMPLETA PARA SENTIR A PRESENÇA INEFÁVEL DE DEUS.

**N**a *Torá* (5 primeiros livros do *Velho Testamento* atribuídos a Moisés), o deserto é apresentado sob diversos aspectos e com distintas finalidades. Na *Gênesis*, o deserto é retratado como um lugar de exílio, que, por estar sem nenhum tipo de construção humana, também atraía, para seu ambiente inóspito, mas de difícil acesso, os fora da lei, que fogem por causa de suas contravenções.

No entanto, o mesmo ambiente de deserto assume um contexto espiritual no *Livro de Êxodo*. Afinal, depois da saída do Egito, por não aceitar a submissão, a escravidão e a cultura daquele povo, a ida ao deserto representou o deslocamento das práticas idólatras tão representativas da sociedade egípcia. Por essa razão, era preciso um período sabático para o povo judeu, um período de “solidão coletiva”.

O quarto livro da *Torá*, que em nossa Bíblia cristã denominamos *Números*, na tradução em hebraico é chamado *bamidbar*, que significa “no deserto”. Ele começa narrando o segundo ano do povo judeu no deserto e a escolha dos doze líderes das tribos de Israel, bem como sua organização ao redor do tabernáculo, destacando a entrada do povo judeu no deserto para que a sua fé seja consolidada no espírito – tanto individual quanto coletivamente. Diz o profeta Jeremias (2:2): “Eu me lembro de sua fidelidade quando você era jovem: como noiva, você me amava e me seguia pelo deserto, por uma terra não semeada”. Isso aponta o desafio que eles encontrariam no deserto, que sempre foi e é utilizado pelo divino como instrumento da consolidação da fé e da confiança na Providência Divina, que jamais nos abandonará. O *Livro de Números* ou *Bamidbar* (no Deserto) é finalizado com o último ano dessa experiência de quarenta anos em que o povo hebreu esteve no deserto, sendo narrado na última parte a instrução de Moisés sobre a distribuição da Terra Prometida para as respectivas tribos do povo de Israel.

Há uma correlação ao trecho do *Livro de Jeremias* (2:4-28, 3:4; 4:1;2). A Jeremias são atribuídas as profecias que anteciparam a destruição do templo de Salomão no ano 586 a.C. por Nabucodonosor, rei da Babilônia. Nelas, podemos considerar um significado simbólico para a nova e difícil caminhada pelo “deserto” à qual o profeta se refere. Isso nos fala também do ciclo de nossas existências que, vez por outra, nos leva ao deserto, para consolidar nossa necessidade de fé, de autoconhecimento e de renascimento. Nos livros sagrados do povo hebreu o profeta Daniel é símbolo vivo dessa superação, pois, no exílio

da Babilônia, ele se apoia na sabedoria e na mais sublime fé na providência divina.

Por mais que tenha sido difícil viver escravizado no Egito, certamente durante aquele tempo foram estabelecidas relações e trocas com os egípcios; era necessário, portanto, um período de abstinência para o povo judeu recuperar sua identidade original, se conectar novamente com as tradições proféticas, com a promessa do Messias.

Talvez por isso a *Torá* deixa transparecer que Deus planejou a ida do povo judeu ao deserto, objetivando que aquela atmosfera desoladora e solitária propiciasse uma reconfiguração dos valores e costumes, tendo em vista que a convivência com aquela nação levou o povo judeu a perder parte de sua identidade cultural e espiritual.

Uma perda temporária de identidade ocorre em nossas saídas do eixo moral de nossas existências. Quantas vezes na vida saímos do nosso núcleo familiar e, sobretudo, abandonamos sua escala de valores e norte ético? Quantas vezes também, por esse abandono, somos arrojados na dor do deserto moral, da angústia e da perda, que nos faz retornar à essência? Esse movimento psicológico de retorno é retratado na Parábola do Filho Pródigo, e coletivamente com os judeus.

A ida ao deserto é como o retorno à Lei, de tal modo que o impacto provocado pelas condições do deserto inspirou-os a concentrar-se em sua cultura ancestral, fazendo-os voltar humildemente ao Criador do Universo e, assim, readquirir as lições e verdades esquecidas durante o período de cativo.

Esse rito de passagem, porém, trouxe uma surpresa: alguns quiseram permanecer no deserto e a maioria dos representantes do povo de Israel caluniou a Terra Prometida.

Você deve estar pensando: *Como assim permanecer no deserto?* Eles queriam continuar recebendo o maná (alimento miraculoso oferecido aos israelitas no deserto), ou seja, viver só da providência de realizar o próprio esforço. Por estarem reclusos, não queriam a espinhosa convivência com os canaanitas (povo que já estava na Terra Prometida), representando a nossa aversão humana às espinhosas relações interpessoais. Todos nós visamos à liberdade, mas muitos não querem pagar o preço por ela e, diante das primeiras dificuldades, preferem voltar a todo tipo de cativo, seja ele físico, mental ou espiritual.

Vemos isso claramente quando se trata dos murmuradores, os

israelitas que murmuram contra a Terra Prometida para Moisés e Arão no deserto. Na tradição literária hebraica, há um verbo que começa o versículo, nos permitindo antever o panorama do que será tratado: “e eles murmuraram”, que também pode ser traduzido como “resmungaram” ou “reclamaram”. “Desprezaram, pois, a boa terra que lhes havia sido prometida, por não acreditarem na Sua palavra, e em suas tendas murmuraram lamúrias, não atendendo à voz do eterno” (Salmos 106:24).

Num primeiro momento, parece que o alvo dessa reclamação é Moisés, e Arão é a Terra de Israel, mas na verdade estão reclamando contra Deus. Não podemos negar que há algo de legítimo nesse murmúrio, afinal as pessoas tinham medo das mudanças que enfrentariam ao adentrar a Terra de Israel. Nos Salmos também há lamentos, queixas, mas o que se percebe particularmente nessa lamentação no deserto é que esse murmúrio revela que parte daquele povo acreditava apenas em um Deus que libertava, mas o Criador pode muito mais. Ele pode tudo. Conhece nossas angústias, nossas dores, como nos revela Davi ao dizer que o Senhor nos sonda, nos conhece até mesmo quando nos faltam palavras, até mesmo quando a dor é tanta que não conseguimos nomeá-la. Deus, portanto, envia o maná, porque Ele não só liberta mas também provê. E não iria limitar Sua paternidade, Seu zelo, cuidado e provimento nas circunstâncias do deserto. Ele também o faria na Terra Prometida e por toda a eternidade.

Na tradição hebraica, os desertos são um local privilegiado para o encontro entre o humano e o divino, seja num encontro pessoal ou de toda a nação. É interessante notar, entretanto, que o lugar da “falta”, o deserto, é o local de se achar, de se encontrar e conectar-se ao sagrado, pois o deserto cria uma ambiência psicológica que torna o indivíduo mais acessível ao sagrado.

As interpretações rabínicas do deserto são poéticas e extremamente profundas. Uma delas nos diz que a *Torá* foi dada no deserto para nos fazer perceber que qualquer um que “não se faz sem dono”, como o deserto, não pode adquirir a *Torá*. Sem dono, aqui, não significa estar subjugado a outra pessoa, mas deixar-se subjuar a Deus. É o sem dono de si mesmo, de exacerbação do ego humano em seu estado doentio, pois quem tem o ego inflado, sentindo-se superior, cheio de si, dificilmente abrirá espaço para aceitar as diretrizes vindas do Alto.

É por esse motivo que o deserto representa um poderoso antídoto à inflação do ego, já que, no deserto, desprovido de tudo que nos identifica ao personalismo, nos comparamos com a escala de grandeza da Criação Divina, tão bem representada pela vastidão desse ambiente, em que não há como não se ter a noção de nossa insignificância. Curiosamente, no entanto, nesse deserto que nos faz sentir tão pequenos, construímos outra percepção de grandeza pessoal, sob a ótica de uma nova escala de valores. Apesar de sermos tão pequenos, somos grandiosamente amados pelo Criador. Esse amor, e não nossos atributos pessoais, é que nos torna grandes, “luz do mundo, sal da terra”. [12](#)

No deserto, admiramo-nos com a grandiosidade do Criador. Dilatam-se nosso amor e devotamento, mas, ao mesmo tempo, nos assombramos com nossa pequenez. Ampliamos ainda mais o nosso amor pelo Altíssimo ao perceber que, na vastidão da criação, não passamos despercebidos por Deus. Como os grãos de areia que, um a um, compõem a paisagem grandiosa do deserto, cada um de nós compõe a obra da Criação. O Senhor das estrelas a todos conhece, a todos ama e em todos investe, e jamais desiste de ninguém. Acredita em nós, mesmo quando só duvidamos, quando nos abandonamos.

A grandiosidade dessa percepção gera em nós um sentimento de profundo acolhimento, cuidado e zelo. Logo, não há como não fazer referência ao salmista que nos diz: tal ciência é tão preciosa que não alcançamos de tão alta, ou, como descrita em Salmos 139:6: “É um saber maravilhoso, e me ultrapassa, é alto demais: não posso atingi-lo!”.

Ainda segundo a tradição judaica, por seu caráter inóspito e desprovido de recursos, o deserto não pertence a ninguém, de modo que todos podem a ele ter acesso. Assim, também não é permitido que ninguém monopolize a *Torá*, a Lei, para que todos possam ter acesso à justiça e à misericórdia de Deus. No deserto aprendemos que Deus não ama privativamente um povo, uma etnia, mas a humanidade, a mais preciosa de Suas obras.

Talvez por isso mesmo os judeus nunca tenham esquecido a experiência do deserto – e eles têm motivos para tal. Pode parecer que a lembrança vívida do deserto serviria apenas como um alerta nos tempos de prosperidade e riqueza, uma advertência de que tudo passa, pois a vida é cíclica e não podemos nos apegar aos momentos de vitória, por exemplo. Todavia, a lembrança do deserto vai muito além desse alerta. O

tempo do deserto, para aquele povo, representou um momento em que toda a nação depositou sua confiança na Providência de Deus. Na tradição do povo judeu, até os dias de hoje, há o costume de se repetir na celebração do *pessach* (Páscoa judaica): “Nós éramos escravos”. <sup>13</sup> Esse costume se baseia no *Livro de Êxodo*, no capítulo 13, versículo 8, em que está escrito: “Que nesse dia cada um dirá ao seu filho: ‘assim faço pelo que Deus fez por mim quando eu saí do Egito’”. Referem-se a si mesmos, e não aos antepassados, e isso se repete até os dias de hoje, pois faz-nos lembrar de que, nos momentos mais difíceis, só essa entrega sem reservas nos possibilita acalmar a alma na esperança que temos Naquele que jamais nos falta, e de que a escravidão das paixões humanas todos nós a possuímos, das quais temos o dever de nos libertar. Enfrentemos o deserto para que possamos desenvolver a gratidão e a paciência, duas virtudes centrais no relacionamento com o Altíssimo, compreendendo que todo ciclo é passageiro, que não há mal que dure para sempre e que a melhor forma de se superar um obstáculo é transformá-lo em um degrau para aprendizado e ascensão.

O deserto como realidade geográfica e climática ainda reserva simbolismos ricos, os quais nos permitem comparações com a nossa realidade psicológica. As variações climáticas no deserto são extremas, de modo que a temperatura pode oscilar durante o dia entre tórridos 50 °C e -10 °C à noite. Assim também nossas emoções variam, nossos humores oscilam. A própria vida espiritual nos leva a extremos. Ora nos encontramos em estado beatífico, sentindo experiências indescritíveis de enlevo, contentamento, ora caímos nos abismos frios da dúvida, da angústia, do medo e dos erros repetidos de nossa conduta.

O deserto, por assim dizer, nos desenvolve uma brutal resiliência. E como isso pode nos ajudar em nosso cotidiano? É grande o número de pessoas que fazem esforços descomunais e ineficientes para evitar as mudanças da vida, mas não podemos negar que a vida é um ciclo constante de transformações. Experimentamos isso no trabalho, nos relacionamentos, em nossa saúde física e mental, no luto e em nosso mundo interno. Às vezes, temos algum controle e prevemos quando elas ocorrerão, mas na grande maioria das vezes somos pegos de surpresa e temos que agir.

Um deserto que altera a temperatura e nos convida a suportar esse ambiente e a nos manter vivos nele nos ensina a nos tornarmos capazes

de lidar com as mudanças da vida, a desenvolver resiliência. Em meio a essas transformações, aprendemos a desenvolver diferentes maneiras de pensar e estar no mundo, ampliando nosso repertório de competências para lidar com as mudanças da vida e nos tornando mais flexíveis a circunstâncias e eventos inesperados.

Mais uma vez, o deserto nos chama, em seu silêncio, longe das cidades, a uma busca de aprofundamento pessoal, com vistas à construção de uma vida interior, no templo sagrado da própria consciência, para encontrar a única fonte de estabilidade: Deus! Ele nos garante a promessa de que passaremos pelas dificuldades, pelas oscilações, mas depois poderemos repousar e refazer nossas forças em Seus braços ternos de Pai Amantíssimo.

# NOSSOS DESERTOS DE CADA DIA

GRANDE PARTE DAS ANGÚSTIAS POR NÓS  
EXPERIMENTADAS TEM A VER COM NOSSA ATITUDE  
MENTAL DIANTE DA VIDA E DAS DIFICULDADES  
PELAS QUAIS A MAIORIA DE NÓS PASSA.

**T**odos nós passamos por períodos de deserto. Períodos de dor, perda, decepções. Nesses momentos, a vida nos chama para um recolhimento. Entretanto, temos uma dificuldade considerável para aceitá-lo. Sempre que sofremos algum revés em nossas vidas, como o fim de um relacionamento ou a perda de um ente querido, quando ficamos desempregados ou não somos aprovados no Enem [14](#) ou naquele tão sonhado concurso público, quando alguém que amamos muito não está mais próximo a nós, ou seja, quando tudo aquilo que planejamos ou cogitamos não se concretiza, somos confrontados com a desconcertante sensação de deserto.

Somos jogados em um momento em que é forçoso nos recolhermos. Mas, ao mesmo tempo, vivemos em uma sociedade contrária ao recolhimento. Temos uma profunda dificuldade de esperar o momento de a dor passar para voltar à vida. Observe: quando alguém termina um relacionamento, por exemplo, a primeira dificuldade enfrentada hoje em dia é continuar visualizando, nas redes sociais, a pessoa com quem não está mais, com ódio do(a) namorado(a) atual, torcendo para que o(a) novo(a) parceiro(a) morra, quebre o pé, seja feio(a); enfim, vale tudo para aquele que se sente preterido se sinta melhor.

Para dor física, um analgésico nos ajudará temporariamente, mas não será útil nas dores emocionais. Os sentimentos não resolvidos que nunca foram vistos, expressos ou realmente sentidos nos impedem de superar a tristeza, a raiva, não nos permitindo, depois, abraçar a felicidade. O deserto nos obriga a dar um lugar e um nome às nossas dores. Ao dar tempo para elaborarmos nossas dores, somos tomados por um alívio e pelo surgimento de uma nova perspectiva sobre nós mesmos e os outros. E essa nova perspectiva surge de nossas experiências de deserto.

Apesar do rol de sofrimentos e decepções pelo qual toda pessoa passa ao longo da vida, não se deve tomar medicamentos para anestesiá-la a dor, exceto em caso de depressão e outros transtornos emocionais devidamente diagnosticados. É inútil fugir de si mesmo bebendo em demasia todo fim de semana, fazendo uso de outras drogas ou buscando fuga em jogos on-line, no WhatsApp ou nas redes sociais. Num momento como esse, em que é preciso que o ser humano se desligue para refazer-se, o ideal é sair temporariamente das redes sociais, do mundo digital, e mergulhar na realidade íntima, no silêncio, ouvindo a acústica da alma.

Existe algo mais deprimente do que terminar um relacionamento e continuar aceitando migalhas afetivas da pessoa pelo WhatsApp? Quando ele ou ela postar uma foto do atual relacionamento, quem já estava mal fica num estado psicológico ainda mais lastimável.

Assim, é mais saudável adotar um comportamento semelhante à maré, que avança e recua, pois o ser humano é como as marés: ele tem necessidade de avançar e de recuar, de acordo com ciclos sazonais de expansão e reclusão. A vida é feita de ciclos, os quais temos de respeitar. A semana, por exemplo, é um ciclo. O dia é um ciclo: começamos, trabalhamos, estudamos, enfrentamos desafios e, à noite, a vida nos chama para um recolhimento, para dormir.

Quando não fazemos isso, desrespeitamos a necessidade de recolhimento para continuar na exposição do externo, e já iniciamos o dia seguinte descompensados. O mesmo acontece com a semana. É por isso que, simbolicamente, Deus descansa no sétimo dia. <sup>15</sup> Não que Ele tenha a necessidade de descansar, mas nós sim. Precisamos, em algum momento da semana, parar, silenciar todo esse volume de atividades mentais, nossa competição desenfreada, adesão cega aos valores do mundo doente, essa luta incessante por ter ou parecer ter. Precisamos dar um tempo e pensar naquilo que é essencial.

Simbolicamente, o dia, a semana e o ano seguem um ciclo, fazendo com que o mês de dezembro pareça o grande fim de semana do ano. Isso ocorre porque as pessoas se lançam à reflexão do que foi prometido no ano anterior, fazendo um balanço do que conseguiram cumprir e do que não logrou êxito; do que foi adiado, do que continua ainda inconcluso na vida. É comum, nesse retrospecto, experimentar um sentimento de infelicidade ou insatisfação perante as (não) realizações da trajetória percorrida.

Todavia, temos uma vontade tão grande de fugir do momento da dor que fazemos de tudo para evitar as reflexões necessárias. Nunca estamos na nossa própria companhia. Como resultado, resta-nos uma sensação ruim.

Lembro que, certa feita, eu e um amigo, com quem fiz o curso de graduação em Psicologia, tivemos a ideia de fazer um programa de rádio. Fomos a uma FM de nossa cidade e montamos um projeto que resultou num programa chamado *Contato* .

Eram os anos 1990, e a programação predominante era rock nacional

e música internacional. Em nosso programa, em contraste, tocávamos música New Age, como Enya, Kitaro, Loreena McKennitt, entre outros artistas do gênero, e aguardamos ansiosos o primeiro telefonema de um ouvinte para averiguar a reação da cidade ao que estávamos propondo. Na primeira ligação, o ouvinte disse: “Boa noite. Eu gostaria de saber quem morreu na cidade”.

Foi um balde de água fria! Ficamos decepcionados! Foi quando eu me lembrei de que, quando morria alguém importante em nossa cidade, todas as FMs passavam o dia inteiro tocando música clássica. As pessoas, então, começaram a associar a música clássica à morte, a coisas ruins. É difícil mudar a cultura.

Como é difícil experimentar o silêncio! Embora a New Age não seja silêncio, diante do barulho da maioria das músicas amplamente apreciadas hoje, ela chega a ser profundamente silenciosa. Esse estilo musical, devido ao seu caráter introspectivo, convida a aquietar-se e alterar a sintonia dos pensamentos. Entretanto, é tão doloroso encontrar-se consigo que as pessoas preferem o barulho, pois ele entorpece uma mente que não se cala para se refazer.

Somente calando e silenciando você pode se conhecer e, como teria dito Aristóteles, “conhecer a si mesmo é o começo de toda a sabedoria”. A autoconsciência é o ponto de partida para alcançar nossos objetivos e nos permite reconhecer, compreender e gerir as nossas respostas emocionais.

Mas por que o deserto pode ter um papel tão significativo no autoconhecimento, que não pode ser acessado em outro lugar? Bem, em meio ao turbilhão de atividades de nossa vida temos muitas deficiências do autoconhecimento.

Para alguns pode parecer fácil entender a própria mente e os processos internos, saber o que sugere a si próprio e como agir em todas as questões da existência. No entanto, nossos pensamentos não são tão inteligíveis assim. Em grande parte, eles são formados por componentes inconscientes, então chegam a ser tão obscuros que nem sequer conseguimos nomeá-los de forma minimamente clara. Desse modo, embora o autoconhecimento possa ser uma conquista cognitiva, tornar nossos sentimentos e pensamentos obscuros e inconscientes em algo compreensível e que faça sentido em nossa vida exige a colaboração de outras pessoas, até mesmo de especialistas, psicólogos, terapeutas, entre

outros.

O deserto, porém, nos apresenta uma estratégia e um personagem diferentes para nos ajudar nessa autoconsciência. O silêncio provocado pela solidão e a atenção que não é mais disputada pelas coisas do cotidiano, pelas distrações banais, nos forçam a mergulhar dentro de nós mesmos. E, quando nos deparamos com nossa impotência ou incapacidade de resolver tudo sozinhos, Deus, o terapeuta de nossas almas, se apresenta a nós com toda a Sua paternidade e compaixão para nos acolher nessa viagem interior. No deserto, isso ocorre de forma única, pois lá há uma pedagogia extraordinária que nos deixa, ao final da jornada, mais fortalecidos e conectados com a essência da vida.

Você pode estar pensando agora: *Conheço muita gente, inclusive eu mesmo(a), que saiu muito dolorida de momentos de angústia, perda, separação, dor. Um amigo que, depois de perder parte da família num acidente, nunca mais foi o mesmo; uma tia que, após um tratamento de câncer, passou a ter medo de tudo e entra em pânico com uma simples dor de cabeça, temendo uma recidiva da doença; alguém que, depois de uma separação conjugal cheia de dor e humilhação, foi tomado de amargura e ressentimento tóxicos que o prenderam a uma narrativa desgastante, fazendo todos ao seu redor fugir por não aguentarem ouvir tanto ódio e rancor.*

Nesses desertos pessoais, as pessoas que você conhece se fixaram apenas na dor, e não no aprendizado; sentiram brutalmente solidão, por não se permitirem um encontro com Deus. Não basta ir ao deserto, é preciso encontrar o Pai e voltar fortalecido, enriquecido, dando um novo e transformador significado à vida.

Nos últimos anos, as ciências do comportamento humano começaram a identificar um fenômeno fantástico denominado “crescimento pós-traumático”. Várias pesquisas feitas com pessoas que passaram por eventos traumáticos, como luto, doenças graves, acidentes automobilísticos ou tragédias naturais, evidenciaram que essa vivência gerou um forte e decisivo estímulo ao desenvolvimento pessoal delas. Não foi um ganho apenas incremental, um aprendizado de como suportar e lidar com situações negativas ou de estresse. De fato, os relatos evidenciam que elas alcançaram um novo patamar de desenvolvimento pessoal; não ganharam apenas habilidades, mas ampliaram a visão de mundo, deram significados novos à vida e mudaram a escala de

prioridades e de valores. Depois desses eventos, vieram à tona uma força interior e novas habilidades que essas pessoas não sabiam que possuíam.

Alguns desses ganhos são fantásticos e redefinidores da existência. Essas pessoas, por exemplo, se tornaram mais confiantes e passaram a apreciar mais a vida, especialmente as coisas aparentemente comuns do cotidiano, como admirar um filho dormindo, uma árvore no quintal, o café da tarde com quem se ama.

Por terem experimentado a dor, desenvolveram compaixão e empatia pelo sofrimento dos outros não apenas de forma passiva – “Sinto sua dor” – mas ativamente: “Quero te ajudar e minimizar a tua dor”.

Outro ganho fantástico foi o quanto elas passaram a se sentir mais confortáveis com a intimidade, de tal modo que os relatos de muitas delas foi o de que conseguiram ter relacionamentos mais profundos e gratificantes.

No entanto, a mudança mais comum e que estava presente na grande maioria das experiências delas foi o desenvolvimento de uma relação mais espiritual com a vida. Um encontro com o sagrado tocou seus corações adormecidos, acordou-as para um nível mais pleno e profundo de suas consciências de uma maneira sem precedente.

Como seres humanos, estamos conectados a querer permanecer em nossa zona de conforto, mas não é assim que o crescimento acontece, nem onde nossos níveis ideais de saúde e felicidade residem.

# OBJETIVO DO DESERTO

A MUDANÇA TAMBÉM DEPENDE DE NOSSA HABILIDADE DE MERGULHAR FUNDO EM NÓS MESMOS, DE TAL MODO QUE NOS CONHEÇAMOS CADA VEZ MAIS. E O DESERTO SEMPRE NOS ARROJA NUM RITO DE PASSAGEM PARA O SURGIMENTO DE UMA NOVA CRIATURA EM NÓS.

**P**or que é tão difícil melhorar a nossa vida sob vários aspectos? Por que o próximo relacionamento ou o próximo emprego parecem estar ainda mais aquém do esperado?

Porque jamais paramos para refletir sobre os acontecimentos anteriores e sobre a nossa postura diante deles antes de partir para a próxima experiência. Em vez disso, reproduzimos o mesmo comportamento.

Além disso, cabem-nos mais algumas questões. Qual é o objetivo da dor? Seria Deus cruel? Ele só quer nos ver sofrer? Deus pune? Não! Ele nos permite experimentar a vida e fazer escolhas. À medida que as escolhas dão errado, o Senhor se pergunta: “Será que agora esse meu filho aprenderá que esse caminho não é legal ou fará tudo de novo?”. Fazemos tudo de novo. Ficamos insistindo no erro, como Sísifo, aquela personagem da lenda grega que é condenado pelos deuses por toda a eternidade a rolar repetidamente uma pedra em uma colina, apenas para que ela se role de novo assim que chegar ao topo, como uma metáfora cheia de significados. O tema da repetição irrefletida de padrões de comportamento disfuncional nos faz entender que somos nós a nos condenar à repetição, acreditando que seja nossa luta contra o absurdo essencial da vida.

Há uma frase atribuída a Albert Einstein, mas que não consta em nenhuma de suas obras. Não obstante, ela continua sendo de uma verdade cristalina, independentemente de ter sido ou não enunciada pelo criador da teoria da relatividade: “Insanidade é continuar fazendo sempre a mesma coisa e esperar resultados diferentes”.

É algo sem sentido! Continuamos tendo o mesmo conjunto de atitudes e rezando para que o resultado seja outro, quando a vida só muda se os pensamentos e nossa visão de mundo mudam, para que finalmente as nossas atitudes passem a ser diferentes. Não se planta abacaxi para colher uvas. Devemos repensar atitudes que precisam ser mudadas para que não tornemos a passar pelas mesmas situações difíceis, pois só assim virão os novos desafios da vida. Caso contrário, estaremos num ciclo vicioso, de repetição contínua de velhas atitudes que nos paralisam, e desse modo não extrairemos da experiência do deserto o crescimento e o aprendizado que ele propõe. Então, teremos de voltar a ele, exaustivamente, até aprendermos suas valiosas lições.

Na verdade, o retraimento é para repensar. Às vezes, erramos

justamente por decidirmos fazer o que a maioria acha que deveríamos fazer.

As pessoas inventam regras para tudo, de modo que muitos se sentem pressionados a segui-las como se fosse uma receita de bolo, com influências de todos os lados. Quando, mesmo seguindo essas “regras”, o resultado se mostra negativo, sentem-se frustradas e usadas. Em momento algum se perguntam o que de fato querem ou pensam.

A dificuldade reside, portanto, em promover o processo de desertificação do eu, de desidentificação do que o mundo espera de nós para então seguirmos a nossa própria orientação e, sobretudo, nos deixar guiar pela orientação de Deus. É como se ninguém decidisse por si mesmo. Temos nossos próprios valores, além daqueles adquiridos na cultura e na família. No entanto, nem sempre os valores adquiridos se coadunam com o nosso próprio pensamento ou mesmo com as expectativas da época atual.

Há uma ruptura de identidade quando nos violentamos para aderir a valores não condizentes com o que aprendemos. Sofremos por estarmos em desacordo com a nossa integridade. Logo, precisamos recuperar o nosso ambiente interno para sustentar nossas próprias convicções, por mais que elas possam divergir do pensamento geral. Contudo, definir o próprio caminho pressupõe certa dose de solidão, pois muitas pessoas se afastam de nós quando empreendemos mudanças.

Grande parte das angústias por nós experimentadas tem a ver com nossa atitude mental diante da vida e das dificuldades pelas quais a maioria de nós passa. O essencial não está naquilo pelo que você passou ao longo de sua vida; se você foi abusado, negligenciado ou torturado, se tiver perdido muitas pessoas amadas, contraído uma doença dolorosa. Afinal, todos passam por coisas assim. A questão reside na forma como reagimos a todos esses fatos, ou seja, nosso repertório emocional. Na maior parte do tempo, está em nossas mãos. Todavia, ninguém quer ouvir isso, ninguém quer se responsabilizar pela própria vida, preferindo soluções mágicas. E como elas não existem, opta-se por culpar os outros, o destino, o azar, e por aí vai.

Com isso, não estou reduzindo a atitude mental a um mero exercício de autoajuda, pois também devemos considerar que existem situações dolorosas que continuam, independentemente de nós mesmos, como ocorre com aqueles que vivem sob governos totalitários que restringem

os seus direitos, os que estão morrendo de fome, em guerras autodestrutivas. Nesses casos, como em outras exceções, não se trata apenas de uma atitude mental, pois, quanto menos força temos para influir em nossos destinos, mais aumenta nossa infelicidade. Ignorar essas exceções seria minimizar perigosamente toda a desumanidade presente no mundo.

Mas, feitas essas exceções, a maior parte das escolhas depende de nós mesmos, o que não deve ser encarado como um problema, mas como uma solução, pois, como afirma William James, “A maior descoberta de minha geração é que os seres humanos podem modificar suas vidas apenas mudando suas atitudes mentais”. [16](#)

Então, por que a maioria não consegue essas mudanças? Por vários motivos, os quais passam por uma relutância em mudar, devido a vantagens ou algum prazer no comportamento que se deseja manter; por pouca resolubilidade, ou seja, preguiça mesmo de agir sobre a vida, num discurso de que é difícil mudar.

Muitas vezes, desculpas variadas, cansaço e pouca objetividade no que buscamos transformar são motivos para o insucesso na vida e nas mudanças, que só podem ser alcançadas com foco, e um dia de cada vez.

Ao contrário de como nós desejaríamos, os processos de mudanças emocionais não ocorrem de forma brusca, do dia para a noite, mas gradualmente, passo a passo. Assim, não como uma mágica, mas como resultados de pequenos esforços cotidianos, podemos e devemos executar as mudanças de que tanto necessitamos. Com algum foco, esses obstáculos podem ser superados.

Devemos primeiro considerar que a maior parte de nós com frequência desconhece a gama de fatores que determinam nossas emoções e ações. Essa falta de entendimento pode levar à infelicidade, às vezes na forma de sintomas reconhecíveis e outras vezes como problemas preocupantes de personalidade, dificuldades no trabalho ou nos relacionamentos, ou percepção equivocada do que seria autoestima.

Destarte, nesse passo a passo da mudança, nossa primeira tarefa é nos reconhecermos doentes, o que pode acontecer à medida que identificamos em nossa vida o gatilho dos velhos padrões de comportamento; em seguida, temos de lidar mais eficazmente com a vida atual, todos os dias, como nos 12 passos dos Alcoólicos Anônimos: hoje, só hoje, não vou repetir esse comportamento. Como vimos até

agora, não se trata de um esforço hercúleo de mudar toda uma vida, mas um dia de cada vez.

É um processo que nos ajuda a entender e resolver os nossos problemas, ao passo que aumenta a consciência acerca de nosso mundo interior e sua influência sobre as relações passadas e presentes, o que, ao longo do tempo, culmina em provocar mudanças profundas na personalidade e no desenvolvimento emocional.

Na música “Há tempos”, de Renato Russo, ele diz que “disciplina é liberdade”. Soa-nos sem sentido, afinal disciplina parece prisão, mas só quem tem a disciplina de fazer o que tem que ser feito na vida e com a própria vida tem a liberdade de construir novos caminhos e atitudes. Para tudo na vida, começamos com ela. Assim, para promover nosso crescimento emocional, precisamos de recursos como tempo e energia. No entanto, existem partes de cada um de nós a requerer que as coisas permaneçam as mesmas. Por isso, criamos fortes distrações para evitar a mudança.

Ademais, quando esta começa a ocorrer, podemos até mesmo nos sentir piores em vez de melhorar. Isso não significa que as mudanças não são boas, mas que elas nos deslocam de nossa zona de conforto e, sobretudo, nos afastam dos que querem continuar com a conduta que agora desejamos combater. É nesse momento que precisamos fazer uma escolha: nos desidentificar com pessoas e comportamentos que não são mais compatíveis com nosso projeto de vida, e isso nos leva novamente ao deserto.

Essa desidentificação deve considerar que o comportamento social consiste em interações muito complexas entre grupos de pessoas. Muitos comportamentos sociais podem ser analisados quando olhamos para as influências específicas que afetam o comportamento de cada indivíduo, de modo que, se são influências negativas, devemos nos afastar para o desenvolvimento de uma nova identidade, mais pautada nos valores que pretendemos construir, e não nas deficiências que muitos querem manter.

É um erro subestimar a influência dos outros, como também superestimá-la. Existem sempre duas forças atuando, uma interna e outra externa. Kurt Lewin, considerado o pai da psicologia social contemporânea, escreveu que as experiências dos indivíduos podem ser entendidas em termos das forças que atuam em seu espaço de vida. O comportamento de uma pessoa é um produto da multiplicidade de forças

psicológicas que agem sobre ela em um dado momento, algumas originárias de dentro de si mesma, e outras do ambiente externo. [17](#)

Quando as forças externas exercem influência nefasta sobre nossas vidas, temos de nos afastar para que as mudanças que desejamos executar possam ser consolidadas nessa experiência dolorosa da solidão, pois esse afastamento nos leva irremediavelmente ao deserto.

É sempre bom lembrar que, quando iniciamos um processo de mudança, estamos lidando com uma gama de hábitos, emoções, bagagens e meio ambiente que vão atuar como uma força inercial, impedindo as mudanças que desejamos realizar em nossa vida. Por isso mesmo, o desejo de mudar deve vir de nosso eu mais profundo. Não pode ser a partir de uma decisão inconsequente, mas deve começar com o simples, mas forte pensamento que no seu íntimo diz: “Eu não aguento mais continuar me comportando desse modo, mesmo que tenha algum ganho com esse comportamento”. Somente quando essa angústia é visceral, podemos nos sentir no princípio da mudança, dando-nos coragem de entrar no deserto.

Aliás, uma das atitudes essenciais na experiência do deserto é a coragem, uma vez que ele é cheio de riscos e de descobertas, nem todas agradáveis, sobre nós mesmos. A coragem é necessária, pois, no deserto, temos que ter disposição de reconhecer aspectos nossos que não suspeitávamos existir ou que não gostamos de assumir. Ou seja, precisamos nos confrontar com nossa sombra, conhecendo-nos mais plena e conscientemente, sem máscaras. Essa consciência mais clara sobre todos os aspectos de nosso eu nos capacita a deixar para trás a velha criatura, dando nova rota a nossas vidas, até chegarmos a lugares jamais vistos de nosso próprio ser.

Toda mudança, de modo geral, gera um desconforto inicial tão intenso que temos a sensação de que a temperatura da vida foi bruscamente alterada. É como se entrássemos nas águas de uma terna tendo como primeiro impulso sair, a fim de nos livrarmos do desconforto, mas, quando insistimos, percebemos que nosso organismo vai se adaptando – e mais, agora podemos sentir os benefícios desse novo lugar, que já não é mais estranho, e sim familiar.

Como as mudanças muitas vezes são cansativas, frustrantes e repetitivas, precisamos de tempo e paciência para sua construção. A mudança também depende de nossa habilidade de mergulhar fundo em

nós mesmos, de tal modo que nos conheçamos cada vez mais. Só assim poderemos estar comprometidos com nossa mudança a cada instante.

Se pudéssemos, todos os dias, ao final de cada jornada, fazer uma *checklist*, uma avaliação sobre os passos dados, para consolidar nossa nova postura, teríamos um ganho incrível, mas poucos assim procedem. Podemos, portanto, refletir sobre as inúmeras razões pelas quais adiamos mudanças.

Muitas vezes resistimos a mudanças pelo grau de incerteza que elas apresentam, mas como não estamos bem, com pensamentos distorcidos, não acreditamos serem mudanças que possivelmente nos trariam ganhos extraordinários.

Além disso, o medo do novo, do não familiar, nos faz repetir padrões emocionais disfuncionais e dolorosos, e somente nos permitindo o desafio da mudança enfrentaremos nosso medo. Temos ainda a procrastinação, que é um clássico sintoma de autossabotagem e nos joga no mar de culpas. Gastamos mais tempo para nos livrar das culpas, projetando nos outros, negando ou nos justificando, do que encarando as mudanças.

Na condição que os desertos da existência nos impõem, somos jogados a uma radical e irreversível mudança, que não deixa margem para recuos; no entanto, não podemos nos esquecer de algo essencial, em que pesem os desafios representados pelas mudanças e o deserto para o qual elas nos conduzem. É sempre imprescindível lembrar que não estaremos sós. Deus estará lá conosco. Duvidar disso, não ter essa certeza, pode ser verdadeiramente aterrador. Eis por que necessitamos de um bem preciso em nossas vidas: a fé! Ela envolve a crença básica na presença de Deus em nossas vidas e na confiança plena de que Seu amor transbordante, juntamente à nossa atitude compromissada e firme de mudar, nos fará bem mais fortes ao fim desta jornada.

# O DESERTO FORJA NOVOS HÁBITOS

HÁ PESSOAS QUE ERRAM INCESSANTES VEZES E CONTINUAM RELUTANTES EM MUDAR. NO ENTANTO, NÃO PODEMOS PERDER DE VISTA QUE AS GRANDES TRANSFORMAÇÕES DA VIDA, QUE NOS LEVAM A ALCANÇAR O SUCESSO EM QUALQUER PROJETO, NUNCA SÃO FRUTO DE UM ATO, MAS DE UM HÁBITO.

**O**s momentos de deserto não têm por objetivo qualquer espécie de punição ou tortura. Ao contrário, ensinam novos hábitos e comportamentos para que, assim, possamos dar continuidade ao objetivo supremo da existência, qual seja: a evolução do espírito. Por isso, o deserto é rico de simbolismos.

Como já vimos, o deserto sempre representou para os judeus um desafio, pois, em diversas regiões, não era possível se deslocar de uma cidade para outra sem atravessá-lo, sendo aquele, então, um caminho inevitável a ser trilhado.

Desse modo, o desafio de atravessar o deserto representava muitas coisas para os judeus. A primeira vez que eles tiveram contato com Javé foi no deserto, inclusive procurado pelos profetas. O próprio Cristo vai ao deserto, o que faz sentido em seu contexto, já que, é sempre bom lembrar, ele era judeu, portanto observava as diretrizes e simbologias desse sistema de crenças e falava para esse povo.

Entretanto, o deserto é também um lugar para onde vamos somente quando estamos fragilizados, porquanto, costumeiramente, só buscamos Deus se nos sentimos vulneráveis. Eis o grande paradoxo: é lá, no deserto, diante de um momento de dificuldade e na ausência de tudo, até mesmo de nós mesmos e de sentido para a existência, que somos capazes de encontrar Deus, tanto do ponto de vista coletivo quanto pessoal.

Assim, podemos estabelecer duas dimensões para o deserto: uma de ordem física, marcada pela hostilidade e pela falta dos recursos que configuravam a zona de conforto do indivíduo; e outra de natureza espiritual, em que o deserto atua como um local de retiro para onde se refugia todo aquele que necessita empreender mudanças em sua vida. Embora ambas as dimensões sejam interdependentes, estou abordando com maior riqueza de detalhes a segunda, por ser nela que Deus de fato se mostra.

Muitos não se constroem em dizer: “Eu só busquei Deus porque estava doente”. Nós mesmos temos, por exemplo, alguns amigos que só nos procuram quando estão mal, quando se encontram em meio a uma vicissitude qualquer. Todavia, quando estão bem, nem se lembram de nós.

Por que nos esquecemos de Deus? Bem, facilmente nos deixamos seduzir por tudo aquilo que simboliza sucesso e bem-estar material. Tais conquistas, representadas por nossos projetos, relacionamentos e sonhos,

são importantes. Quando tudo está bem, apenas usufruímos desse bem-estar, esquecendo-nos do caráter transitório das coisas, e quando muda o clima, quando o sol não brilha e cai a tempestade, buscamos abrigo, buscamos a Deus.

Logo, é comum que algumas pessoas estabeleçam uma relação infantil com Deus. Quando tudo está bem, nem sequer fazem uma prece ou pensam na dimensão espiritual da vida. Apenas quando há uma descontinuidade dos processos no mundo material, em que pese o nosso desejo de que tudo fosse sólido e constante, somos arrojados na experiência do deserto e ansiamos por um encontro com Deus.

Muitos jamais iriam a uma igreja, um templo, um centro espírita, a menos que estivessem vivenciando uma dor demasiado profunda, buscando assim o consolo de um pai e procurando recuperar a esperança perdida. No entanto, essa esperança depende não de uma aceitação sem critério de Deus, mas da aceitação da proposta do Senhor para a nossa vida. Isso implica dizer que a esperança provém da mudança de nossa atitude. A esperança não é algo pronto. Não é suficiente apenas erguer a mão e ver a transformação acontecer em nossas vidas. É fundamental que, a partir daquele evento, mudemos nosso comportamento e atitude diante do mundo. Aí, sim, teremos uma vida de esperança.

No *Novo Testamento*, há um conjunto frequente de experiências do povo judeu no deserto, narradas em Atos dos Apóstolos, nas Epístolas de Paulo aos hebreus e aos Coríntios. Esse período é denominado “tempos de provação e queda”, nos quais o indivíduo, imerso na experiência de desertificação do eu, vê-se confrontado com a sua própria fragilidade. Ao contrário de Jesus, que simbolicamente vai ao deserto, passa por três tentações e não cai em nenhuma delas, o povo judeu incorre em tentações, equivoca-se, vacila e tem medo.

João Batista e Jesus pregavam no deserto. O próprio Paulo, ao encontrar Jesus em Damasco, depois também tem seu período de deserto. Isola-se das urbes da época para desenvolver intimidade com o Altíssimo. Ele passa cerca de três anos no deserto, ficando em comunidades primitivas, pois Paulo precisava reconstruir-se como pessoa, engendrar uma nova identidade, após seu memorável encontro com Jesus.

Saulo, aquele homem arrogante, convencido, perdulário e assassino, não servia para a causa de Jesus. Fazia-se necessário que Saulo desse

espaço para a ascensão de uma nova criatura, fruto de uma profunda mudança de hábitos de pensamentos, palavras e atitudes, passando por uma transformação pela qual tanto buscamos e desejamos. Muitas vezes, não é fácil. O próprio Paulo, ao longo de sua vida, percebeu que tal transformação não era assim tão simples.

Mesmo depois de ser arrebatado pela amizade de Jesus, de ter dedicado anos ao refazimento de sua identidade, Paulo não deixa de constatar uma luta incessante que existe dentro de nós: saber o que é certo e fazer o que é errado. Ter consciência do bem, mas ainda se comprazer no mal, como está explicitado num trecho da carta aos Romanos:

Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero, este faço. Ora, se eu faço o que não quero, já não o faço eu, mas o pecado que habita em mim. Acho então esta lei em mim, que, quando quero fazer o bem, o mal está comigo. Porque, segundo o homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo nos meus membros outra lei, que batalha contra a lei do meu entendimento, e me prende debaixo da lei do pecado que está nos meus membros (Romanos 7:19-23).

Paulo identificou algo muito estudado hoje em dia pelas ciências do comportamento, a dificuldade que temos de trocar hábitos perniciosos e prejudiciais por hábitos saudáveis. No caso de uma mudança destrutiva, que visa estabelecer uma nova forma de viver a vida, vemos o quanto facilmente podemos ficar muito longe do que estabelecemos como meta.

É exatamente por isso que esse trabalho de burilamento, essa mudança interna, acontece o tempo todo, já que não temos que olhar muito longe para encontrar o mal. Ele está ao nosso redor. Vivendo em um mundo em transição, com a exacerbação de valores decadentes, somos confrontados por todos os lados com a realidade do mal – em nosso mundo, em nosso país, em nossa cidade, em nosso bairro, em nossa família e em nós mesmos. Como devemos responder a esse mal que nos rodeia? Forjando em nós novos hábitos, criando novas virtudes, no esforço para combater as más inclinações. No entanto, como os velhos hábitos podem ser difíceis de romper, e hábitos saudáveis são muitas vezes mais difíceis de desenvolver do que desejamos, temos a

tendência de passar anos empurrando situações com a barriga, sem foco em resolvê-las. Aí vem a vida e nos derruba por um tsunami de problemas e dores, levando-nos ao deserto, aonde não nos resta alternativa a não ser mudar.

# O TEMPO DA MUDANÇA DE CADA UM

ACREDITAR SOMENTE NAS NOSSAS PRÓPRIAS FORÇAS NOS LEVA À ARROGÂNCIA, AO ORGULHO E AO EGOÍSMO, E ESSES TRÊS ELEMENTOS NÃO NOS ALIMENTAM, MUITO PELO CONTRÁRIO, ELES NOS LEVAM À ESCASSEZ. O DESERTO NOS FAZ VIVENCIAR A HUMILDADE, A COOPERAÇÃO E A FRATERNIDADE; ENFIM, A ABUNDÂNCIA.

**É** impressionante notar, e isso acontece com pessoas em todas as expressões de religiosidade, o fato de que existem indivíduos que passam anos vivendo em profundo desequilíbrio, mas um dia, ao serem tocados pelo Evangelho vivo do Cristo, transformam-se de maneira arrebatadora. Outros, que já nasceram em lares cristãos ou que têm uma vida religiosa intensa, postergam, no entanto, mudanças essenciais em suas próprias vidas.

Nesse caso, trata-se, não raro, de uma frequência mais semelhante ao cumprimento de uma tarefa, como ir à missa, ao culto ou à casa espírita, como um mero ritual, cumprindo uma tradição familiar, sem que se processe uma mudança pessoal. Mesmo assim, ele(a) ainda reclama, porque a vida não mudou.

Há pessoas, por outro lado, que erram incessantes vezes e continuam insistindo no erro. Diversos personagens que figuram nas narrativas do Evangelho são pessoas terrivelmente equivocadas. Mas, quando elas entendem quem é Jesus e a Sua proposta, operam uma modificação, uma transformação até radical, como acontece com a samaritana no poço, [18](#) com Zaqueu [19](#) e vários outros personagens cujas vidas se davam em pleno desalinho com a proposta de Deus para a nossa vida.

Um pergunta, no entanto, fica no ar: por que nem todos mudam depois de um evento significativo, como encontrar Jesus em sua caminhada? Precisamos entender como ocorrem mudanças em nossas vidas para tentar responder a essa questão.

Os eventos considerados transformadores são entendidos como experiências que interrompem as atividades comuns de um indivíduo, causando uma mudança substancial e um reajuste em seu modo de viver, um ponto de inflexão sem retorno. No entanto, temos que lembrar que os eventos que podem provocar mudanças em nós não têm efeitos uniformes para todos os seres humanos, pois dependem da natureza do evento e da capacidade de cada pessoa de saber como agir. Essa segunda variável – isto é, como cada indivíduo reage – tem a ver com a subjetividade de cada um, por isso, para compreender como eventos transformam nossas vidas, devemos considerar não apenas a ocorrência objetiva do evento em si (encontrar Jesus, por exemplo) mas também como indivíduos específicos experimentam esses acontecimentos, já que a ocorrência deles pode gerar diferentes significados dependendo de quem os vivencia.

As consequências de eventos em nossas vidas vão ser moldadas por nossas inúmeras diferenças individuais, sobretudo nossos recursos psicológicos, como traços de personalidade, valores que abraçamos, objetivos existenciais, crenças religiosas, autoconceito e repertório de experiências de vida.

Vou usar uma história bastante conhecida por todos para mostrar como o mesmo evento – o encontro com Jesus – pode gerar reações diferentes.

Você deve ter ouvido várias pessoas no campo da fé cristã analisando, em detalhes, a história de Maria e Marta. Certamente, também já percebeu que é muito mais que a narrativa de uma leve repreensão de Jesus à meticulosa Marta e seus cuidados com os afazeres domésticos.

No *Evangelho de Lucas* a história começa:

E aconteceu que, indo eles, ele [Cristo] entrou em certa aldeia, e certa mulher, chamada Marta, o recebeu em sua casa.

E ela tinha uma irmã chamada Maria, que também se sentou aos pés de Jesus e ouviu sua palavra.

Marta, porém, estava sobrecarregada com muitos serviços, aproximou-se dele e disse: “Senhor, não te importas com o fato de minha irmã me deixar servir sozinha? Lance-lhe, portanto, que ela me ajude” (Lucas 10:38-40).

Vamos ser sinceros, no contexto histórico daquela época, Marta tinha suas razões para estar irritada com a irmã. Naquela época, não era comum homens e mulheres compartilharem o mesmo ambiente, a lei judaica não permitia isso; além do mais, as tarefas domésticas ficavam a cargo das mulheres. Marta estava presa a padrões, e queria que sua irmã também ficasse presa a eles. E, de certo modo, ela pede a Jesus que lembre Maria sobre “seu lugar”. Jesus, porém, sempre quebrando tradições humanas para que compreendamos as leis divinas na sua mais pura essência e para nos fazer enxergar um projeto espiritual para nossas vidas, responde:

Marta, Marta, és cuidadosa e preocupada com muitas coisas. Mas uma coisa é necessária: e Maria escolheu aquela parte boa, que

não será tirada dela (Lucas 10:41-42).

Acredito que Marta achou que estava fazendo a coisa mais importante naquele dia, deixar todos os convidados supridos, pois certamente estavam com fome. No entanto, correndo de um lado para o outro, se irritou com a irmã, que, do ponto de vista dela, estava com preguiça e perdendo tempo ouvindo Jesus.

O comentário de Jesus deve ter deixado Marta muito irritada quando disse “Maria escolheu a parte boa”. Escolher a parte boa não é escolher o mais fácil ou o mais belo. Jesus, aqui, nos remete a escolher algo superior às escolhas do cotidiano, muitas das quais nos distraem. Maria optou pelo transcendente.

Quando comemos, voltamos a ter fome; quando arrumamos a casa, depois temos que arrumá-la novamente. Quando bebemos da água da vida, porém, nunca mais voltamos a ter sede. Muitos de nós só percebe isso na experiência do deserto, quando cessam os diversos afazeres domésticos, de trabalho, bem como as distrações.

Temos um mesmo encontro e duas reações diferentes. Não sabemos o que aconteceu depois: se Marta ficou irritada e foi fazer a comida sozinha ou se apressou a comida e depois se sentou, com Maria, para ouvir Jesus.

Não devemos perder a oportunidade desse encontro, pois a boa parte é o próprio Cristo. Seu sacrifício e seus ensinamentos, sua caridade e amor puro não são apenas a “boa parte”, mas sem dúvida são a melhor parte, a que jamais nos será tirada.

E o que muda na vida dos que se deixam transformar pelo Cristo? Eles não passam apenas a ver a vida de maneira diferente, mas a forma de vivê-la muda também. Muitos de nós, no entanto, esperamos, equivocadamente, que tudo mude sem mudarmos a nós próprios.

Ao mudar de atitude, toda a vida do indivíduo muda também, pois finalmente ocorre a compreensão do que Pedro quis dizer ao afirmar que um gesto de amor cobre a multidão de pecados. <sup>20</sup> Mas deve ser um gesto frequente de amor, não um gesto de amor esporádico pretensamente cobrindo uma sucessão de equívocos. Eis uma visão sobremaneira enganosa e romanceada do Evangelho: “Eu erro 10 mil vezes; faço um gesto de amor e todos os pecados estão resolvidos”. Não! É um conjunto de atitudes renovadas em amor para que toda essa

multidão de pecados seja coberta. O Pai entenderá que esse filho mudou.

# O FILHO PRÓDIGO VOLTA PELO DESERTO

QUANDO TUDO O MAIS SOME, SÓ EXISTE UM  
SER QUE PERMANECE NO UNIVERSO: DEUS.

**V**isualize a seguinte situação: um filho adolescente, em busca de aprovação da parte de seu grupo de “iguais”, deixa a órbita familiar, desconsiderando os conselhos de seus pais para acolher o ponto de vista de seus amigos também adolescentes. O que esse jovem faz quando tudo dá errado?

Regressa à casa dos pais.

Devemos lembrar que é muito comum os jovens serem atraídos por comportamentos considerados imprudentes pelos mais velhos; a bem da verdade, é como se o comportamento de risco fosse um rito de passagem; o perigo, portanto, sempre exerceu um enorme fascínio. Em grande medida, isso explica por que os jovens dirigem depressa, bebem demais e se drogam. No entanto, quando as coisas não funcionam bem, vêm o aprendizado, o crescimento e o retorno.

Essa é uma entre as inúmeras interpretações que podemos fazer da Parábola do Filho Pródigo, de caráter francamente pedagógico, através da qual, em sentido estrito, Jesus orienta sobre nossa relação com Deus, mas também deixa pistas de como os pais devem lidar com a rebeldia dos filhos. O filho em questão na parábola se engana profundamente. Imagine um jovem de hoje que emprega a herança para fazer uso de crack, cocaína, ecstasy; frequentar as baladas e ter todo tipo de experiência sexual imaginável, envolvendo-se com pessoas de caráter questionável. De repente, ele pensa: *Não é por aí. Nada disso corresponde ao que meu pai me ensinou.* O que fazer? Voltar para casa. *Mas eu não mereço! Talvez ele nem me receba*, pensa ele. O filho pródigo estava se sentindo como José da poesia de Drummond: *E agora?* De repente, teve uma ideia: *E se eu voltar na condição de servo? Se ele me aceitar, ainda me dou por satisfeito.*

Certamente, até pelas condições geográficas daquela região da antiga Judeia, qualquer filho que fosse voltar à casa de seu pai, depois de alguns anos, passaria por desertos até reencontrar o seu lugar. Imagino como fez bem essa caminhada, como o ajudou na retomada da consciência; como cada região desértica pelas quais passou, todas somadas às experiências dolorosas que ele teve, lhe permitiram perceber a grandeza dos conselhos e da casa de seu pai.

Quando o filho pródigo regressa ao lar tomado por sentimentos de não aceitação, de inadequação, de não pertencimento, de que não merece ser feliz ou receber o perdão, ele encontra um pai feliz, celebrando o

filho que retorna, abraçando-o. Esse pai não está abraçando nem festejando o equívoco. Sua atitude não diz “Você fez certo quando errou”, mas “Que bom que agora você entendeu qual é o caminho correto. Que bom que você recobrou a lucidez e compreendeu o que deve ser feito”.

Chamam atenção os detalhes na cena da reconciliação, na qual Jesus faz vir à tona o imenso amor de Deus por nós, que ganham todo um colorido quando adentramos modestamente na cultura judaica da época. A narrativa de Lucas 15:20, descrevendo a fala de Jesus, afirma: “Partiu, então, e foi ao encontro de seu pai. Ele estava ainda ao longe, quando seu pai viu-o, encheu-se de compaixão, correu e lançou-se ao pescoço, cobrindo-o de beijos”.

Sabemos que a cultura judaica da época era permeada de formalismos devidamente obedecidos e respeitados. Entre essas tradições, quando um filho cometia um erro, devia submeter-se ao pai humildemente e, em alguns casos, suplicar seu perdão de forma humilhante. Mas, quando o pai avista o filho, sente o quanto ele está sofrido. Só quem ama entende isso! O que se passa na cabeça de quem amamos, sem que nem sequer uma única palavra seja dita? A dor atroz no coração daquele filho, bem como o sentimento de profunda humilhação, comove o pai, que, sem pensar nos formalismos, mas sentindo um amor imenso, corre em direção ao filho, pois, para o Pai, a reconciliação está acima das convenções, das aparências, das posições sociais, das hierarquias. É a primazia do amor, a essência sobrepondo-se à convenção aparente.

Na Nota Introdutória ao *Sermão do Filho Pródigo*, Santo Agostinho nos fala desse pai que sonda o que passa na mente do filho:

Levantou-se e voltou. Ele, caído por terra depois de contínuos tropeços. O pai o vê ao longe e sai-lhe ao encontro. É dele que fala o Salmo: “Entendeste meus pensamentos de longe” (Salmos 139,2). Que pensamentos? Aqueles que o filho tinha em seu interior: “Levantar-me-ei e irei a meu pai, e dir-lhe-ei: Meu pai, pequei contra o céu e contra ti; já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como a um dos teus empregados”. Ele ainda nada tinha dito, só pensava em dizer. O pai, porém, ouvia como se o filho já o estivesse dizendo. [21](#)

O amor que movia o pai tinha intenções ainda mais nobres do que podemos supor. Ao correr em direção ao filho, provavelmente na entrada da aldeia, ele torna a reconciliação pública, de tal modo que aquele filho não tem de entrar cabisbaixo, enfrentando a hostilidade dos servos de seu pai, algo de que ele, segundo os preceitos da época, era merecedor. Imagine a surpresa do filho que vê um pai descendo de toda a sua figura, de sua importância hierárquica, que não cobra um reconhecimento humilhante ao filho que errou. Finalmente, ao beijá-lo na nuca, ele impede que seu filho se prostre, o que seria seu dever como filho, ainda mais naquela situação.

É amor em todo o seu esplendor sendo concretamente vivido, amor incondicional, afetuoso, em gestos inequívocos de doçura e misericórdia.

A ida do pai em direção ao filho nos faz lembrar, numa referência inter-religiosa, do provérbio hindu que nos revela: “Quando damos um passo em direção a Deus, ele dá 7 passos em nossa direção”, ou seja, Ele corre.

A ideia de Pai que Jesus nos mostra, através da Parábola do Filho Pródigo, é daquele que celebra não porque um filho caiu, mas por ter ganhado consciência ao cair. Não se trata de um Deus que pune o filho caído, mas que comemora um filho que, ao cair, não se culpa, não se justifica, não culpa os outros, mas se transforma. Com isso, o filho chega à seguinte conclusão: “Não posso continuar assim. Preciso seguir em frente, pois a vida me chama para um novo momento”. E é esta a função do deserto: fazer-nos tomar consciência do que é essencial.

Há ainda outras lições fantásticas para se aprender com a experiência do deserto. Quando se está lá, não há ninguém para acusar ou culpar. No deserto, só existe um único ser que nos acompanha e jamais está ausente em nossas vidas, que nunca nos abandona ou deixa de apostar em nós: Deus.

O encontro com Ele é inevitável, até porque, se fôssemos ao deserto e não conseguíssemos encontrá-Lo, provavelmente voltaríamos destruídos. Morreríamos lá mesmo ou isso ocorreria lentamente ao regressar, por não nos termos permitido experimentar a humildade necessária para encontrar Deus, o que nos destruiria. Logo, a única opção válida no deserto é encontrá-Lo. Acreditar somente nas nossas próprias forças nos leva à arrogância, ao orgulho e ao egoísmo, e esses três elementos não nos alimentam. Muito pelo contrário, destroem nossas forças, uma a

uma.

Ironicamente, algumas pessoas se sentem fortalecidas pela arrogância, fruto da visão distorcida de sua própria potência, que se mostra vã ante a passagem pelo deserto. Esse ambiente hostil e grandioso nos dá a real dimensão de quem somos, de quais forças de fato possuímos e até onde vai nossa capacidade de sobreviver sozinhos. Mas, ao mesmo tempo, se o deserto mostra a nossa pequenez, ao nos arremessar nos braços de Deus, termina por mostrar nossa grandeza de sermos Dele imagem e semelhança, filhos queridos e amados, ou seja, ao reconhecer nossa pequenez, chegamos ao coração do Pai que verdadeiramente nos fortalece.

Seria mais ou menos assim: quando entramos no deserto a primeira vez, achamo-nos “grande coisa”. Lá, descobrimos que “não somos lá essa coisa toda” e, finalmente, passamos a reconhecer a paternidade de Deus e nossa filiação inalienável ao Altíssimo. Descobrimos a verdadeira fonte de nossa grandeza e, ao fim, sob a sombra do Onipotente, do Senhor das estrelas, ganhamos uma dimensão que jamais supúnhamos ter. Mas, se você estiver desequilibrado o suficiente para apontar o dedo para Deus e culpá-Lo pelo seu infortúnio, fique tranquilo. Como Ele não tem ego, não ficará com raiva de você nem o punirá. Ele apenas saberá que você precisará de muitas outras idas à causticante paisagem do deserto para, finalmente, acordar e se transformar; afinal, na didática divina, Deus jamais desiste de Seus filhos.

Em algum momento, esses dedos que apontam para Deus ou para outras pessoas que você comodamente se acostumou a culpar voltar-se-ão para você, não em uma acusação simplista, mas no reconhecimento do verdadeiro autor de um crime que não precisa de condenação, mas nos convoca a uma mudança radical na forma de viver e conduzir a própria vida. Quando estamos no deserto, só existe uma única pessoa para quem podemos apontar o dedo: nós mesmos. Cabem as perguntas: o que foi que eu fiz para vir parar aqui e me encontrar neste momento? O que esse lugar pode me ensinar?

A postura do pai retratado na parábola é exatamente o contrário daquela comumente adotada pelos pais quando o filho erra, ao fazer exclamações como “Está vendo só? Eu avisei”. No momento do doloroso regresso, o filho, desmoralizado e machucado pelas consequências das escolhas feitas de forma imatura, precisa de amor e

compreensão, mas comumente recebe um sermão de pais que, em alguns casos, tripudiam e se vingam da rebeldia, em vez de acolher. Logo, se você é pai ou mãe, que tal acolher primeiro e puxar a orelha depois?

Celebre o fato de que seu filho até escolheu o equívoco num primeiro momento, mas compreendeu seu engano e voltou para casa, agora lúcido. Houve aprendizado. Muito pior seria, por exemplo, se ele tivesse voltado em um caixão. Nesse sentido, percebemos a importância dessa comemoração familiar para acolher uma pessoa ferida. Depois de cicatrizadas as feridas, aí sim é o momento para uma boa conversa.

Desejamos que nossos filhos aprendam “por osmose”, através do testemunho de nossas experiências dolorosas, mas não adianta. É necessário que eles vivenciem suas próprias experiências em prol de seu crescimento pessoal. Na função de pais, temos o papel de alertar sobre a possibilidade de algo fracassar mediante o nosso conhecimento de mundo, mas também de entender e permitir que os filhos façam suas próprias escolhas, sem puni-los por isso, mesmo quando tudo dá errado.

É doloroso para muitos pais notar que os repetidos conselhos que foram oferecidos, aos quais os filhos teimaram não obedecer, resultaram em sucesso. Ao fazerem o contrário do que os pais querem, muitas vezes os filhos estão construindo seu modo pessoal de trilhar a estrada, ganhar autonomia, sem que isso implique, obrigatoriamente, rebeldia, acinte ou algo assim. A teimosia, nesse caso, termina por render frutos favoráveis.

Que bom! Não obstante, continua sendo nosso dever, ao menos, alertar os filhos de que tenham um plano B, caso a escolha que fizeram não dê resultados. Com tal procedimento, demonstramos que nos importamos com a felicidade deles.

Contudo, na ausência de êxito, eles regressam ao lar. Quando dá errado, voltamos ao deserto, pois lá é o primeiro lugar onde encontramos Deus. O Altíssimo não tem sentimentos mesquinhos, ao contrário de nós, seres humanos. Calmamente, espera o nosso retorno, na certeza de que haverá um dia, no tempo da vida, no qual, ainda que em meio à dor, regressaremos a Ele mais sábios.

As histórias da ovelha perdida, da moeda perdida e do filho perdido são uma trilogia cujo tema é o arrependimento: “[...] haverá mais alegria no céu por um pecador que se arrependa...”, nos dizia Jesus em Lucas 15:7.

Arrepende-se é mais do que mudar a visão de mundo. É repensar

crenças e atitudes, cujas consequências, repetidamente, nos causam dor e decepção. O medo, a vergonha, nossa ambivalência e a fraqueza de nossa natureza humana nos levam ao erro, às transgressões e, por fim, ao arrependimento. O arrependimento é uma jornada que objetiva reconstruir o relacionamento com nosso Pai.

# FORJANDO UM NOVO SER

FOMOS CRIADOS POR DEUS PARA VIVERMOS EM COMUNIDADE E EM FRATERNIDADE, EMBORA SEJA NECESSÁRIO QUE REPETIDAS VEZES REGRESSEMOS AO DESERTO, COMO IRMÃOS. QUANDO FUGIMOS DESSE LUGAR FAMILIAR, NEGAMOS NOSSA GENÉTICA FRATERNA, NOSSA FILIAÇÃO E SOMOS ARROJADOS NA DOR. REPETIDAS VEZES, VAMOS AO DESERTO PARA APRENDER A REGRESSAR.

**E**m minha solidão, preciso entender onde foi que eu errei, sem culpar os outros, pois tenho de sair do deserto e voltar para a vida, em busca de acertar. Errarei outras vezes, é claro, e voltarei ao deserto sempre que necessário para novas reflexões e posicionamentos. Trata-se, pois, de um processo contínuo de reconstrução da identidade e recuperação da própria essência.

O ambiente psicológico do deserto confronta o indivíduo consigo mesmo e pressupõe sempre um processo de “desconstrução” da identidade do eu. Trata-se de um despojamento total de si, pois se exige do indivíduo que ele abra mão de seus aspectos de referência. O deserto é, pois, uma tentativa desnuda de progresso, destituída de todo e qualquer apoio humano. Permita-me ilustrar essa afirmação com uma experiência pessoal que vivenciei. Certa vez, em viagem a uma cidade do interior do Ceará, o carro quebrou. Tive de ficar três dias hospedado sozinho em um hotel aguardando chegar a peça necessária ao conserto, que viria de Fortaleza.

Experimentei a sensação de estar sozinho em um lugar onde ninguém me conhecia. Lá, eu estava despojado de esposa, pai, mãe, irmão, amigos. Não conhecia a cidade, tampouco seus costumes. A minha sensação de angústia mostrou o quanto somos frágeis. Perceba que eu estava em um hotel; não no deserto. Tinha ar-condicionado, TV por assinatura, mas, mesmo assim, o sentimento de que as minhas referências haviam sumido temporariamente me tornou vulnerável por me imergir em um processo de desidentificação. E, então, eu me lembrei de Renato Russo quando nos diz que “muitos temores nascem do cansaço e da solidão”.

Imagine se essa experiência tivesse ocorrido na China. Ela seria ainda mais radical. Eu não teria sequer conseguido verbalizar que queria água. Quando tudo o mais some, só existe um ser que permanece no universo: Deus. Se nós repousarmos nossa esperança Nele, a vulnerabilidade diminui. Desse modo, a importância de visitar o deserto é constatar que Deus representa, num mundo de mudanças constantes, a única referência imutável em nossa vida.

Mas, se o Senhor para muitos de nós é uma referência abstrata demais, Jesus não o é. Ele é a concretização do amor de Deus.

No entanto, muitos de nós ainda não temos a figura do Rabi da Galileia como referência na construção de nossas identidades. Até

entendemos intelectualmente que Jesus é o nosso modelo, a nossa meta, o terapeuta por excelência de nossas almas. Não obstante, quer admitamos ou não, com frequência tomamos como exemplo aqueles de nosso entorno social, no campo familiar, profissional, religioso ou financeiro. Desse modo, sempre nos inspiramos em pessoas, mesmo elas sendo falíveis.

No campo da religião, em particular, é comum nos identificarmos com uma determinada liderança. Quando essa pessoa falha, o fato repercute em nós, que depositamos parte de nossas esperanças e expectativas num simples ser humano, provavelmente também em busca de encontrar algo ou alguém em quem depositar as suas próprias esperanças.

A partir do momento em que decidamos promover a migração de nossas expectativas, das pessoas vacilantes para a figura infalível de Deus, que “não é homem, para que minta, nem filho do homem, para que se arrependa...” (Números 23:19), estaremos finalmente ancorando nossas esperanças na eterna bondade do Pai, que é a grande referência em nosso mundo desbussolado, multifacetado e transitório.

Deus, nosso Pai, não tem ambivalência psicológica ou sentimentos pequenos, estando sempre disposto a nos acolher, mesmo no momento de queda, pois, como nos lembra Paulo: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Romanos 8:31).

Paulo era especialista em decepcionar-se com os homens e com a vida, basta ler suas cartas para perceber isso. Todavia, com sua altivez característica, ele não só se reerguia em Deus como sempre nos exortou a ver graça contida em tudo, até nas dores da vida e nas decepções, mantendo o olhar sobre o plano maior do Pai em nossas vidas e repousando no Altíssimo as nossas esperanças.

Por isso nos disse:

Portanto não desfalecemos; mas, ainda que o nosso homem exterior se corrompa, o interior, contudo, se renova de dia em dia. Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós um peso eterno de glória mui excelente. Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas (2 Coríntios 4:16-18).

Os planos de Deus são quase sempre maiores do que pensamos. As nossas dores e decepções de hoje se dobram diante da esperança que temos em Deus, pois “nada pode nos afastar do amor de Deus” (Romanos 8:39).

# O DESERTO NOS DESPOJA DE NÓS MESMOS

O PROCESSO DE RECONHECIMENTO DE IR  
AO DESERTO PARA SE ENCONTRAR CONSIGO  
MESMO EQUIVALE A ADMITIR QUEM SE É,  
SEM MÁSCARAS, NUM CONVITE QUE SÓ DEUS  
PODE NOS FAZER, PARA NOS ACOLHER SEM  
JULGAMENTOS, NOS CONVIDANDO À RENOVAÇÃO  
DE PENSAMENTOS, GESTOS E ATITUDES.

O despojamento de si constitui um encontro com a verdade. É o que os gregos chamam de *gnosis*, isto é, o conhecimento radical de si mesmo.

Se fizermos uma análise comparativa das religiões, constataremos que todos os expoentes religiosos passaram por algo como o deserto antes de iniciar o seu ministério, como Buda e Krishna, como forma de se preparar para o desempenho da tarefa. Tal experiência atende a uma necessidade de se desidentificar com o mundo, recuperar a conexão direta com Deus, delimitar a missão real e dar prosseguimento ao processo de despertar das consciências, motivo pelo qual vieram até nós.

Além disso, o deserto é para pessoas fortes. Não é qualquer um que aguenta a experiência de abstrair-se do mundo. Cada vez mais, as pessoas ingressam numa euforia vazia, num usufruir e exaurir de todos os sentidos, na busca de um prazer ininterrupto, numa clara tentativa de fugir de si próprias.

No silêncio de um fim de semana, muitos se deprimem. Não conseguem ficar a sós numa sexta-feira; não se atêm ao prazer de ler um livro, pois começam a se sentir angustiados pelo pensamento de que todos estão se divertindo, à exceção deles. Contudo, é muito importante para o ser humano o isolamento temporário, especialmente nos momentos de crise.

O deserto é uma experiência provisória, como a noite, por exemplo. Não deve ser uma constante na vida de ninguém. Fomos criados por Deus para vivermos em comunidade e em fraternidade, embora seja necessário que repetidas vezes regressemos ao deserto. Lá, fazemos um estágio de aprendizado que nos habilita a voltar à luta.

Uma das maiores dores enfrentadas pelo ser humano é a solidão. Às vezes, a pessoa se encontra em um casamento complicado e muito ruim, mas, como já passou dos 50 ou 60 anos, pensa se vale a pena terminá-lo. Era o caso dos meus avós. Minha avó era uma pessoa bastante difícil de conviver, fruto de uma infância de muita privação afetiva, posto que ficou órfã ainda criança, indo morar com uma tia, que, assim que engravidou, a colocou em plano secundário, com todas as consequências que isso traz para a vida de uma criança que se sente excluída e preterida. Meu avô, embora de família muito humilde, teve uma infância mais feliz. A união dos dois, em muitos momentos, parecia o casamento de um homem santo com uma pessoa intempestiva. Em defesa de minha

avó, devo ressaltar que meu avô aprontou muito, namorou muito, e ela tinha um ciúme doentio por ele. Era uma dinâmica bastante complexa, como acontece com muitos casais.

Lembro-me de, certa vez, perguntar a ele: “Meu avô, por que o senhor casou com ela?”. Ele esperou que eu amadurecesse para me dar a resposta. Só depois que completei 18 anos, meu avô disse: “Agora eu vou lhe explicar por que eu me casei com sua avó”. Pegou uma foto dela aos 16 anos de idade e me mostrou uma jovem belíssima, qual uma estrela de cinema dos anos 1930. Ao que eu concluí: “É, vô, eu também caía nessa e casava na hora... Mas o senhor paga muito caro!”.

Meu avô, tranquilo, redarguiu: “Meu filho, eu tentei de tudo para mudar essa mulher. Quando vi que não adiantava, desisti. Então, pensei: *Se já estou com essa cruz até aqui, vou até o fim com ela*”. No entanto, como diz Caetano Veloso em “O querer”: “a vida é real e de viés, e vê só que cilada o amor me armou”, por isso, embora houvesse tantas tensões entre os dois, o amor se mostrava em vários gestos. Os dois viveram ambos 94 anos construindo todos os dias formas de conviver. E não restavam dúvidas sobre o quanto eles se amavam. Mesmo sendo tão diferentes, tão aparentemente desiguais, construíram uma família, mantiveram laços, educaram filhos, entre os quais, minha mãe. Amaram a vida como podiam e sem esse amor eu não estaria aqui, escrevendo este livro, por exemplo.

Nós romanceamos as relações. Achamos que as pessoas podem mudar. Assistimos a muitos filmes de comédia romântica e concluímos que casamento é assim. Lá em casa, nós temos uma regra: alternamos um filme de ação e um de comédia romântica. Eu estabeleci isso com minha esposa, mas, como se sabe, em toda casa, quem manda mesmo é a mulher. Então, assistimos em média a dez comédias românticas e a um filme de ação.

Como as comédias românticas são previsíveis! Quando vamos ao cinema, fico observando os casais. Começam aquelas cenas românticas, com trilhas sonoras de Nova York ao fundo, no Central Park, tocando “Only Time” ... [22](#) Quem não fica romântico numa hora dessas?

Na magia do momento, um dos cônjuges pergunta: “Por que você não faz isso comigo?”. Eu observo esse comportamento: “Você nunca me disse algo assim; nunca me fez uma surpresa dessas ou me deu um presente assim”. O que mais me incomoda é que, em média, é a mulher

que faz esse tipo de cobrança. Daí, concluo duas teses: a) ou as mulheres são exigentes e reclamadoras compulsivas por natureza, b) ou nós, os homens, somos bem incompetentes na arte dos relacionamentos afetivos. Tristemente concluo que, em muitos casos, a resposta é a letra B. Nós, homens, temos muito a melhorar.

Mas, depois dessa digressão sobre vida a dois, voltemos ao deserto. Todos nós temos projetos de mudanças, mas ainda lidamos com instintos que ficam se repetindo, e por isso procrastinamos, adiamos essas mudanças, até que a vida se imponha com sua Lei de Progresso, que nos arroja para a frente, e ainda assim a mudança não acontece de forma mágica.

Paulo de Tarso vai para o deserto e passa por essa experiência rica ali contida. Ele entende quem é Jesus, compromete-se com a tarefa do Mestre, começa a divulgar o seu Evangelho, funda igrejas de cidade em cidade, mas, um dia, escreve uma carta aos Romanos (7:19) dizendo: “Porque não faço o bem que quero, mas o mal que não quero esse faço”.

Olha a ambivalência. “Eu sei o que é bom”, ele diz. “Mas faço o que é errado.” É a transição entre o homem velho e o homem novo.

Nós temos um alvo. Podemos ainda não ser bons completamente, mas o nosso alvo é Deus. Se ainda estivéssemos totalmente comprometidos com o equívoco, não estaríamos lendo um livro como este. Se estivéssemos mesmo comprometidos com o mal, estaríamos fazendo coisas más, jamais estaríamos buscando Jesus.

Embora ainda tenhamos muitos aspectos de nosso ser a serem trabalhados, tomamos uma decisão. Essa decisão estabelece uma meta que demanda tempo, paciência, persistência e disciplina para ser alcançada. Logo, no deserto, podemos deixar de nos identificar com crenças que nos tolhem como “eu tenho de ser o melhor, o mais bonito, o mais rico etc.”, só assim permitimos que o eu eterno, a centelha divina incorruptível criada por Deus e que habita em nós desde que Ele a soprou em nossas narinas (Gênesis 2:4), se desenvolva à sua imagem e semelhança (Gênesis 1:27). Desse modo, a luz divina que brilha em todos nós tomará conta de nosso ser, como está dito em Mateus 5:16, “brilhe vossa luz”.

É crucial deixar que o ego infantil ceda espaço para que possamos chegar um dia a dizer o que Paulo disse, no final de sua vida: “Já não sou eu quem vive; é Jesus quem vive em mim”. [23](#) Na segunda carta a

Timóteo, a última epístola escrita por Paulo, ou seja, a carta de despedida, quando ele já estava preso em Roma e sabia que, daquela vez, seria morto (Paulo foi decapitado), assim asseverou: “Combati o bom combate, completei a corrida, perseverarei na fé”. Ele estava dizendo, em outras palavras, que aquilo que Deus estabeleceu como meta de sua vida foi cumprido até o fim, pauta por pauta.

Paulo estava sereno. Não havia motivo para temer a morte que não existe. A vida física é passageira, pois somos espíritos eternos. Por isso, ele diz numa carta aos Filipenses: “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro”(1:21).

Ele não tinha razão para temer, pois estava prestes a reencontrar o Mestre que seguiu a vida inteira, não mais em Damasco, mas nos portais da eternidade, onde ele veria toda a magnanimidade e grandeza do doce Rabi, cuja mensagem Paulo levou a muitas almas. Imagine a alegria dele do outro lado, tendo cumprido a meta, a carreira, alcançado o alvo. Diferentemente de muitos de nós que, devido à consciência pesada, para dormir, precisamos tomar remédios fortes indicados por nosso médico.

Realmente, ainda não estamos com a sensação de dever cumprido. Estamos desenvolvendo a vontade de *gnosis*, pois ir para o deserto é acessar o conhecimento de si mesmo. “Conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará” (João 8:31).

As pessoas pensam que se trata de memorizar os versículos e textos do Evangelho, estudando-os detidamente. Não. O Evangelho é um conjunto de normas e informações que lançam conhecimento sobre o nosso ser pessoal. À medida que eu me conheço, assumo quem sou sem máscaras. Conhecendo-me, admitindo quem sou, sem me destruir ou me sentir menor, não há necessidade de mascarar a minha verdade. Nesse instante, percebo que posso mudar.

Um exemplo de *gnosis*, de tomar conhecimento sobre si mesmo: muita gente não perdoa não por incapacidade, mas por adotar um discurso santo de que não ficou com ódio. “Não, eu não odeio o meu pai.” No entanto, faz de tudo para sabotar a relação com ele. E continua negando o ressentimento dizendo: “Você sabe, está na Bíblia: ‘Honrarás teu pai e tua mãe’”. <sup>24</sup> Certo, está lá, mas você não está conseguindo cumprir esse mandamento, não. Ponha isto na cabeça: você só conseguirá perdôá-lo quando admitir “Eu o odeio por tudo o que ele fez na minha infância. Mas sei que esse sentimento me destruirá”.

Então, não há alternativa senão perdoar. Entretanto, antes do perdão, é preciso haver a admissão do real sentimento. Antes da Luz, é preciso ter a admissão da Sombra. Por isso, o processo de reconhecimento de ir ao deserto para se encontrar consigo mesmo equivale a admitir quem se é. Não se inquiete nessa experiência, afinal ninguém estará lá para julgá-lo.

Observe que, naqueles dias em que fazemos tudo errado, vamos a uma palestra, lemos um livro, dizemos: “Vou mudar, eu quero, eu consigo”. Tentamos, nos esforçamos, repetimos o erro e descobrimos, às vezes, que sentimos prazer em cometer aquela falta em particular. Dizemos: “Nossa, está difícil”. E especificamente naquele dia será feito o culto do Evangelho no lar. Então, concluímos: “Não vou fazer o Evangelho hoje, pois não tenho moral para abrir uma página dele sequer”.

Entretanto, esse é o momento mais belo para se falar com Deus, pois estamos sem máscaras. No dia em que você mais precisa de Deus, achando que Ele está *triste* porque você errou novamente, na verdade, Ele está alegre, pois a consciência está chegando. Naquele dia, exatamente naquele dia em que você fez tudo errado, está com vergonha de si e, se pudesse, nem sequer olharia para o próprio rosto no espelho, lembramos mais uma vez Paulo quando nos diz: “onde o pecado abundou, superabundou a graça” (Romanos 5:20).

A misericórdia de Deus é muito maior que o nosso merecimento, que é quase nenhum, e a graça dEle nos basta, porque o poder dEle se aperfeiçoa em cada fraqueza nossa. Que nenhuma fraqueza nossa nos impeça de caminhar na direção do Senhor, nos impeça de orar, de falarmos diretamente ao coração do Pai – afinal, muitas vezes nossas dificuldades, arestas e falhas nos fazem entrar num estado de culpa, e diversas vezes, por isso mesmo, nos negamos a orar, a falar com Ele, sentindo-nos mais imerecedores ainda do que realmente somos na nossa pequenez. No entanto, que nossa pequenez nunca seja obstáculo para a prece, mas, ao contrário, que o diagnóstico que fazemos de nossas misérias morais, de nossas falhas, nossas angústias, seja o motivo para orarmos cada vez mais intensa e incessantemente. Que possamos orar como quem respira, a cada instante, usando cada brecha do dia para falar com Deus. E, quando estiver sem condições de fazer uma prece sequer, ouça uma música de louvor a Deus, leia livros que o lembrem do amor

de Deus, converse com aqueles que testemunham, em suas vidas, o amor do Criador, de modo a mantê-lo constantemente em comunhão com o Altíssimo.

Lembremos que, mesmo quando nos sentimos infantilmente abandonados, qual o homem que questiona Jesus na clássica história de autoria desconhecida, “Pegadas na areia”, [25](#) é a hora em que mais estamos acolhidos. Lembra-se da história? Ele conta:

Esta noite eu tive um sonho. Sonhei que caminhava pela praia, acompanhado do Senhor, e que na tela da noite estavam sendo retratados os meus dias. Olhei para trás e vi que a cada dia que passava no filme da minha vida, surgiam pegadas na areia, uma minha e outra do Senhor.

Assim continuamos andando, até que todos os meus dias se acabaram. Então parei e olhei para trás. Reparei... Em certos lugares havia apenas uma pegada e esses lugares coincidiam justamente com os dias mais difíceis da minha vida, os dias de maior angústia, de maior medo, de maior dor... Perguntei então ao Senhor: Senhor, tu me disseste que estarias comigo todos os dias da minha vida e eu aceitei viver contigo, mas por que tu me deixaste nos piores dias de minha vida? E o Senhor respondeu:

Meu filho, eu te amo. Eu disse que estaria contigo por toda a tua caminhada e que não te deixaria um minuto sequer, e não te deixei. Os dias em que tu viste apenas uma pegada na areia foram os dias em que te carreguei.

No momento em que nos julgamos abandonados, quando, na nossa concepção, nem mesmo Deus está nos suportando, é o momento em que Ele nos carrega nos braços, pois Deus não desiste dos filhos.

Quem tem um filho homicida ou traficante, na condição de pai e mãe, não desiste dele. Para constatar o que eu digo, basta ir a qualquer presídio em dia de visita e veremos pais e, sobretudo, mães, numa fila humilhante, sob o sol intenso, com uma sacolinha cheia dos mimos que costumavam dar ao filho quando este estava em casa. Se nós, que somos falhos, não desistimos de nossos filhos, imagine Deus. Se nós que, às vezes, julgamos não haver solução para um determinado filho e, ainda

assim, não abandonamos o nosso posto, imagine o Pai Altíssimo.

Marcamos presença no dia de visita, nem que seja para levar uma refeição, um maço de cigarros e pagar a um traficante para não o matar dentro do presídio. Se você não desiste, mesmo sem acreditar que haja mudança, Deus muito menos desistirá, pois sabe que o dia da mudança chegará. Ele é quem não desiste mesmo, pois nada, absolutamente nada vai nos separar do amor de Deus.

É intelectualmente muito fácil acreditar que Deus nos ama, mas emocionalmente é difícil de entender, afinal a raça humana não é muito amável, e para constatar isso basta ler as manchetes de um fim de semana ou mesmo observar a forma como a maioria das pessoas vive. Talvez se um de nós fosse Deus, pensasse: *Não tem mais jeito, vou recomeçar tudo...*

Se Deus tivesse para nós o mesmo olhar que temos para com outras pessoas, talvez isso acontecesse, pois não haveria razão para motivarmos o amor Dele. Mas Deus não é como nós somos! Ele vê todos os nossos equívocos, e olha que são muitos, mas ainda assim nos ama. Isso não significa que Ele seja indiferente aos nossos muitos erros, mas porque não desiste, demonstra um amor tão arrebatador, que nos dá a condição de acreditarmos em nós e, mudando a forma de estar no mundo, agirmos para nos tornarmos melhores.

# O DESERTO E A ÉTICA

ÉTICA É O QUE FAZEMOS QUANDO  
NINGUÉM ESTÁ VENDENDO.

**N**ão se trata de uma experiência fácil. Ficar no deserto é difícil e doloroso, mas é preciso. As maiores escolhas da vida são feitas no deserto de nossa solidão.

Todo estudante universitário deve ter pegado uma cadeira de ética em algum momento do curso. Essa cadeira, muitas vezes, resume-se apenas a elencar um conjunto de filósofos, dos pré-socráticos aos contemporâneos, os quais conjecturam sobre o conceito e a conduta ética. Nada disso valerá, no entanto, quando esses recém-formados, então já atuando profissionalmente, estiverem sós e forem chamados para integrar um círculo de corrupção. Como professor, advogado, médico ou qualquer outro ofício, o que fazer quando se é convidado a desviar-se do caminho?

Num momento como esse, está-se no deserto, pois é nele que a ética é experimentada. É uma decisão que compete unicamente à pessoa, no âmbito de sua consciência: ir pelo caminho mais fácil (do atalho, do equívoco) ou fazer o que é correto?

Quero compartilhar com o leitor um artigo que escrevi, há alguns anos, baseado numa história real, cujos personagens obviamente modifiquei, e que nos mostram a questão da ética, e da falta dela, de forma muito crua e dolorosa.

### ***O médico, a mãe e o SUS***

*— MÃE! Mãe! Marcos sofreu um acidente na moto! — gritou ao telefone Patrícia, irmã de Marcos, que, àquela altura, se encontrava no hospital de emergência da cidade à espera do atendimento de urgência.*

*Dona Rosa pensou o quanto havia pedido ao filho que não comprasse aquela moto, mas lembrou o que ele lhe dissera: “Com a moto posso pegar mais serviços de eletricista, mãe!”. Esse argumento terminou fazendo-a ceder, mas agora ela se culpava, devia ter insistido mais. Em seus pensamentos, dona Rosa sentia um misto de dor e desespero, que se alternava a sentimentos de esperança e de sua fé em Deus.*

*Ele não vai me abandonar, nunca me abandonou. Me ajude nessa hora, meu Deus!, orava silenciosamente dona Rosa, enquanto*

*pegava um táxi com os filhos em direção ao hospital.*

*Enquanto isso, no refeitório do hospital, dois cirurgiões amigos de faculdade falavam das agruras do SUS.*

*— É um absurdo, anos de faculdade, seis de formação e mais quatro de residência, para ganhar míseros R\$ 195 numa cirurgia que às vezes dura horas?! Eu não sou relógio não, pra trabalhar de graça, por isso eu peço essa “ajuda de custo” aos pacientes. Concorda comigo?*

*— Meu caro amigo, você sabe que nos conhecemos desde o ensino médio, quando juntos começamos a sonhar em nos tornar médicos um dia, mas o que você me disse agora me fez lembrar as aulas de Psiquiatria.*

*— Por quê?*

*— Lembra quando estudamos a teoria de Freud e os chamados mecanismos de defesa do ego?*

*— Lembro, sim. O que é que isso tem a ver com o preço da cirurgia?*

*— Tem tudo a ver. O que você está fazendo agora é uma baita de uma racionalização, que é quando o ego tenta produzir razões plausíveis, embora falsas, para uma ação, escondendo os verdadeiros motivos que estão por trás dela.*

*— Tô voando, me explica melhor.*

*— É que você está usando as deficiências do SUS, seus anos de estudo e dedicação para justificar uma atitude injustificada, afinal de contas as pessoas que nos procuram através do Sistema Único de Saúde não têm nada a ver com isso e...*

*— Tá, tá, tá! Já conheço o seu discurso de bom moço e tudo o mais. É por isso que você não sai do canto. Não tem um carro que preste, não se veste com a dignidade que nossa profissão exige e... Viaja para fora do país somente de dois em dois anos, dividindo em dez vezes. Me poupe dessa vida medíocre que você escolheu!*

*— Doutor, é uma urgência. Acidente de moto com politraumatismo — disse a atendente do hospital de urgência e trauma.*

*— Depois nós continuamos essa conversinha pra boi dormir, mas*

*saiba que você não vai a lugar nenhum com isso. Nem você nem sua família.*

*Logo após ter avaliado o paciente e ver a necessidade de uma intervenção de urgência, o cirurgião recebeu a família de Marcos. Contou a gravidade da situação, o que fazia o coração de dona Rosa, com seus 54 anos de vida, acelerar descompassadamente, enquanto lágrimas contritas marejavam seus olhos de mãe.*

*— Pois é, a verdade é essa, e como o atendimento é pelo SUS temos muitas pessoas na fila de espera, de forma que eu talvez só possa operar seu filho daqui a três meses, e olhe lá!*

*— Mas, doutor, ele não pode esperar tanto tempo!*

*— Eu sei, mas o que é que posso fazer? SUS é assim mesmo!*

*Foi quando Patrícia interveio e perguntou:*

*— Não tem nenhum jeito, nada que a gente possa fazer?*

*— Bem, vocês sabem que as cirurgias têm um custo alto. Se vocês tiverem dinheiro, nós podemos fazer a cirurgia hoje mesmo.*

*— E quanto é? — perguntou Patrícia.*

*— É esse valor aqui.*

*O cirurgião escreveu no papel. Depois que a família viu o valor, ele amassou e colocou no bolso do jaleco.*

*— Meu Deus, doutor. Nós não temos isso, não. É muito dinheiro.*

*— Tem certeza de que a senhora, dona Rosa, não tem umas vaquinhas, um carrinho usado que possa vender? Afinal, é a vida de seu filho!*

*— Doutor, a única coisa que eu tenho é uma casinha em que a gente mora e tá só na laje, nem piso tem, só no banheiro.*

*— Mas eu tenho certeza de que a senhora consegue vender rápido, é só botar o precinho bom que não vai faltar comprador.*

*Pela cabeça de dona Rosa passou toda sua vida. Lembrou quando casou com Ignácio, um servente de pedreiro, quando tinha apenas 16 anos. Lembrou-se de como apanhava dele, quando estava bêbado, e de quanto tempo morou de favor na casa dos outros, sendo humilhada pela sogra, em seguida por uma tia sua. Depois, com seus quatro filhos, morou em muitos quatinhos alugados, sendo sempre humilhada e muitas vezes expulsa pelos proprietários por causa dos constantes atrasos no aluguel, uma*

*vez que seu marido ora bebia tudo o que ganhava, ora não tinha serviço na construção. Seu filho Marcos sonhava em ser médico para, como dizia ele, “dar uma vida digna à mãe”. Mas a vida exigia pressa e ele se contentou em fazer um curso de eletricista para poder trabalhar e ajudar em casa. Vendo aquele médico tenso e com sorrisinho no canto da boca, enquanto aparentava preocupação com o filho dela, dona Rosa agradeceu intimamente a Deus por seu filho ser um homem simples, mas decente. Foi só depois que seus outros filhos cresceram e começaram a trabalhar que se juntaram a Marcos e ajudaram a construir uma casinha na qual ela morava havia três anos. Mesmo assim, dona Rosa não teve dúvidas. Como uma mãe que sabe cumprir seu papel de protetora, disse firmemente:*

*— Doutor, pode começar a cirurgia do meu filho que eu vou vender minha casinha e trago seu dinheiro.*

*— Não, dona Rosa, primeiro a senhora traz o dinheiro, depois eu começo a cirurgia.*

*Nada mais a dizer. Apenas um sentimento de dor profunda ao concluir essa crônica. Não há outro sentimento que não seja o de compaixão pelas donas Rosas da vida, e cheio de piedade por alguns médicos ou quaisquer outros profissionais que exerçam dessa forma suas profissões, afinal a vida nos devolve tudo que plantamos, seja alegria, esperança e socorro, ou lágrimas, indiferença e dor.*

Quando agimos sem ética, podemos achar que ninguém está vendo, mas há uma multidão de testemunhas, como nos afirma Paulo. [26](#) Contudo, essa multidão não consiste naqueles que estão próximos, porque caráter é o que nós fazemos para impressionar os outros. Ética, por outro lado, é o que fazemos quando ninguém está vendo. Ninguém presencia a sua conduta, exceto você mesmo (ou seja, sua consciência, seja ela mais ética ou menos ética), e a multidão de testemunhas espirituais e, é claro, Deus.

Nesse momento, encontramos o nosso deserto. Todos os dias, ouvimos sugestões do tipo “Desvia esse recurso, leva isto para casa, pois pertence ao povo e, portanto, também é teu”. Somos tentados a aceitar

suborno, a terminar a aula mais cedo sem motivo justificável. Há uma voz interior perniciosa que diz: “Esses meninos não têm jeito mesmo, não vão dar para nada. Desista. Passe um exercício, empurre a aula com a barriga e depois vá embora”. É uma tentação diária para não se fazer o que é preciso ou lícito. Vivemos em um deserto, com escolhas diárias, pois estamos sempre decidindo se vamos ceder ou continuar firmes, assumindo nossos compromissos com os valores mais caros que devem nortear uma vida digna.

Sabemos que a moral cristã não se encerra na pregação do Evangelho, mas sobretudo na vivência compromissada dos valores que devem conduzir nossa própria vida, com orientação e inspiração no Evangelho, de modo que devemos entender a moralidade como exercício diário de ética, permeado por nossa religiosidade, na qual encontramos nossas convicções e nossos compromissos.

Esse cenário leva-nos a uma vida ética prática, em que nossos gestos, fazeres, pensamentos e atitudes não agridem a coletividade, muito pelo contrário, contribuem para a evolução do pacto social coletivo que nos une como civilização humana.

Muitos querem negar a transcendência ética das Escrituras, baseados no fato de que a história das igrejas, ao longo do tempo, foi construída em capítulos de sangue, morte, poder e violência. No entanto, a proposta de Jesus não guarda relação com a corrupção moral do homem, posto que, de tão transcendente e inclusiva, alcança seu clímax quando somos levados, inspirado por ele, a amar a todos, até os inimigos.

# DESIDENTIFICAR-SE COM O PASSADO

VOCÊ PODE ATÉ BUSCAR O DESERTO PARA FUGIR,  
MAS NA VERDADE PERCEBERÁ QUE VOCÊ FOI BUSCAR.

O deserto nos desnuda de forma radical. Vejamos o exemplo do êxodo do povo hebreu, que perdurou quarenta anos. Devemos entender que não se trata de um lapso de tempo, mas da simbologia, que revela o tempo necessário para uma nova geração vir e consolidar os novos valores de um povo, os mesmos quarenta que, quando se trata de uma gestação, trazem uma nova vida.

Esses quarenta anos no deserto simbolizam o tempo necessário para que se consolidasse uma distância do povo hebreu em relação aos egípcios, com vistas a resgatar sua própria cultura, reconstruir sua identidade étnico-religiosa, o que só foi possível estando apartados da cultura egípcia, com seus valores, crenças e práticas tão diferentes. Após quatrocentos anos de escravidão dos hebreus, fazia-se necessário o deserto para que aquele povo pudesse se aproximar novamente da essência de servir a Deus, de retornar a suas raízes.

Devemos, então, atentar para o símbolo em questão com vistas a compreender o texto bíblico. Por que os hebreus se dirigem ao deserto quando saem do Egito? Eles passaram anos, gerações, convivendo com o povo egípcio. Haviam, no entanto, recebido uma revelação transcendente: a ideia de um Deus único, um avanço teológico inigualável.

Não obstante tão grandiosa revelação e refinamento teológico, eram escravos de um povo politeísta e repleto de rituais e superstições. A ida ao deserto durante o êxodo, na verdade, corresponde a um processo denominado *desidentificação*. Os hebreus precisavam se desidentificar do povo egípcio para retornar à essência de suas origens, conforme nos narra o profeta Oseias “Quando encontrei Israel, foi como encontrar uvas no deserto, quando vi os antepassados de vocês foi como ver os primeiros frutos de uma figueiras” (Oseias 9:10). Dessa forma, era necessário passar pelo deserto para recuperar a identidade do povo hebreu, monoteísta, crente em um Deus único, abandonando todos os rituais dos egípcios. Esse momento é crucial para poder seguir em frente.

Aplicamos isso à nossa vida. Digamos que você seja alcoólatra e que compartilhe desse vício com diversos amigos, lembrando que, em muitos casos, o álcool acompanha comportamentos destrutivos. Então você sai, participa das farras, mas um dia entende que isso não vai dar certo. Começa a ver amigos seus se destruindo, profissionais excelentes entrando em decadência, casamentos maravilhosos destruídos por traição

e agressões. Então você chega à conclusão de que esse estilo de vida não lhe serve e pede ajuda à família, até mesmo a profissionais de saúde. Participa do AA e finalmente para de beber. O que acontece se você continuar saindo com os mesmos amigos que continuam alcoólatras? Por pressão de grupo e sedução do vício, há uma grande probabilidade de você voltar a beber. Mas suponha que resista e não beba, mesmo na companhia deles. O que pode acontecer? Logo você perceberá que não fazem mais sentido aquelas companhias e costumes. Quem bebe não aprecia a companhia de quem está sóbrio, porque este aponta um comportamento equivocado ainda em voga na vida daquele. Ao mesmo tempo, você não suportará as mesmas piadas e palhaçadas e vai se sentir um peixe fora d'água.

É preciso, portanto, promover a desidentificação não apenas do vício em si, mas do grupo de pessoas com quem se compartilhava esse estilo de vida que não condiz mais com quem você se tornou a partir daquela escolha. E isso não é fácil. Muitos voltam a beber ou a fazer uso de drogas ilícitas não porque o vício foi mais forte do que eles, mas por não suportarem a solidão da nova resolução. Em outras palavras, por não compreenderem a necessidade do deserto.

Não se trata aqui de julgar de forma maniqueísta que algumas pessoas sejam melhores ou mais evoluídas do que outras, mas de refletir sobre as relações que devem ser encaradas como provisórias e aquelas que vieram para ficar. Às vezes, temos um grupo de amigos adeptos de determinadas atitudes. No entanto, chega um ponto em que passamos a não mais compactuar com aqueles comportamentos. Naturalmente, começamos a nos desidentificar e vemos a necessidade de nos afastar para construirmos uma nova identidade. Foi exatamente isso que aconteceu com o povo hebreu quando saiu do Egito. Mas é tão doloroso, pois é como se estivéssemos perdendo vários amigos, deixando para trás laços, crenças, modos de vida que faziam já parte de nossa identidade.

Você conhece a música “A lista”, de Oswaldo Montenegro? Muitas pessoas acham-na linda, e de fato é uma poesia grandiosa, mas percebo um traço de lamento depressivo na letra, sem querer julgar o mérito, pois não sei exatamente o que moveu o autor para escrevê-la.

Examinemos a proposta: faça uma lista dos amigos que você já teve e com os quais não mais convive. Provavelmente, ficará até triste. Porém, não devemos nos entristecer por esse motivo. Se você ficar triste,

pensando nos amigos que perdeu, não celebrará os amigos que conquistou. A vida simplesmente é assim. Na infância, temos muitos amigos na rua onde moramos. Pensamos que aquelas amizades durarão pelo resto da vida. Então, vamos morar em outro bairro. Até tentamos manter a amizade, mas o tempo se encarrega de levar cada um a seguir o seu caminho, até que se torna impossível manter aquele laço e ele naturalmente se desfaz.

É assim com os amigos de escola. Você estudou com aquelas pessoas durante os ensinamentos fundamental e médio e pensava que jamais se separaria delas. Todavia, concluídos os estudos, cada um é aprovado para um curso superior diferente. Ou você muda de cidade. É natural que, com o tempo, essa amizade simplesmente perca a força. No entanto, quantas pessoas novas chegaram depois? Nesses casos, não se rompeu uma amizade por um conflito, mas por caminhos distintos; não há mágoa, nem deve haver lamento.

Lembro-me de uma paciente que me levou uma carta que a filha, de 5 anos, escreveu para a amiguinha da escola. Já que teria de mudar de cidade e não mais estudaria com ela, sua carta começava dizendo: “Pois é, amiga, depois de toda uma vida juntas, vou me separar de você”. A mãe leu a carta rindo muito, pensando na filha de 5 anos dizendo “toda uma vida juntas”. Foi quando eu expliquei para ela que, no referencial de vida e tempo que a filha dela tinha, até ali, havia transcorrido, para ela, “toda uma vida”.

Seis meses depois, perguntei se ela já havia se adaptado à nova cidade e se se lembrava da amiga da carta. Foi quando a mãe me disse: “Ela agora só fala de Manú, sua nova amiga, nem lembra de Rafinha”. As crianças são mais objetivas. Rafinha foi uma grande amiga, com quem Bia teve momentos felizes, mas agora era a vez de Manú. Não há mágoas, ressentimentos nem culpas, apenas o seguir da vida.

Desse modo, não faça a lista dos amigos que já se foram, pois o fluxo natural da vida é assim e não está sob o nosso controle. Às vezes, estamos muito identificados com uma determinada pessoa. Todavia, a vida a conduz para outro momento e precisamos conquistar novos amigos. Não significa que aquela pessoa era melhor ou pior do que outra qualquer; apenas chegou a hora de seguir em frente. Por isso, faça a lista dos amigos que chegaram, não dos que já se foram.

É claro que existem amigos tão especiais que não importa a

quantidade de anos de ausência. Quando acontece o reencontro, a amizade permanece a mesma. São esses os amigos que resistem ao tempo e às distâncias. A identidade com eles não foi momentânea, motivada porque estudamos na mesma escola, trabalhamos na mesma instituição ou moramos na mesma cidade ou na mesma rua. Trata-se de um (re)encontro de almas, que extrapola as circunstâncias imediatas. Essas pessoas continuarão sendo nossas amigas mesmo que elas se mudem para o Iraque, para a China ou para a Nova Zelândia. Nesse aspecto, as redes sociais têm o lado positivo de favorecer a conexão de quem está tão distante do ponto de vista geográfico.

Não obstante, cabe aprender que, a partir do momento em que desejamos mudar nossa atitude diante da vida, é preciso dissolver a identificação com a velha criatura. Eu preciso deixar de ser o velho homem e permitir a vinda do novo homem. Esse processo também gera rupturas, as quais Jesus muito bem anunciou de maneira simbólica, ao afirmar que a verdade dele era um vinho novo que não se deitava em odre velho, porque o rompia. <sup>27</sup> Odres eram depósitos de couro onde se colocava o vinho para as jornadas no deserto. Com o tempo, eles iam se esgarçando, tal como o tecido de uma roupa. Se colocarmos vinho novo para fermentar em um odre velho, é lógico que este se romperá.

Em outras palavras, Jesus estava dizendo: “Pode se preparar. Quando a minha verdade adentrar em seu coração, o homem velho irá se desestruturar”. Instaura-se, então, um período de deserto, de insegurança e instabilidade que provoca uma sensação de limbo: o homem em renovação já não é mais o mesmo, mas ainda não terminou sua construção. Há um hiato, um limbo, um deserto e ser superado.

Refere-se também a um período de adaptação para os seguidores dos antigos caminhos, que vão ter de seguir os novos caminhos. Ao mesmo tempo, é uma lição preciosa sobre o tempo: por um lado, apela para aqueles que injustificadamente se agarram ao que está no passado; e, por outro, também apela aos reformistas impacientes, que não suportam esperar pelo tempo dos que ainda não conseguem dar um novo passo, seguir em frente, que vacilam, pois cada um passa no deserto o tempo que precisa para sair renovado.

A comparação é também muito oportuna quando pensamos na relação que se estabelece entre o vinho e o odre. Quando o vinho é novo, ele está em um estado de fermentação intensa. As bolhas que são criadas

se expandem à medida que os gases da fermentação estão sendo liberados, provocando uma pressão no odre de dentro para fora. Assim ocorre com as mudanças que realmente fazem diferença em nós, as quais são forjadas no âmago de nosso ser. Acontece que o odre novo, por ser flexível, pode absorver essa expansão lentamente, até que o processo de fermentação esteja completo, ou seja, aquele que se permite renovar aceita lentamente que o processo de mudança, vindo com o fermento do Evangelho vivo, dilate nosso modo de ser, de ver o mundo e de nos comportar.

O contrário se dá quando tentamos colocar vinho novo em odres velhos. O odre velho assumiu uma forma definida, não sendo mais flexível. Exatamente como as mentes que não se permitem renovar. Estão presas a modos de ser e ver o mundo não mais compatíveis com a boa-nova trazida pelo Mestre. Assim, cria-se um impasse emocional e espiritual na criatura, já que se torna extremamente difícil colocar novas ideias em velhas mentalidades. Embora todos queiram que a vida mude, não podemos obter novos resultados com antigos e desgastados comportamentos.

Por isso, Paulo fez uma proposta aos amigos de Roma quando disse: “Não se amoldem ao padrão deste mundo, mas transformem-se pela renovação da sua mente, para que sejam capazes de experimentar e comprovar a boa, agradável e perfeita vontade de Deus” (Romanos 12:2).

Quando estamos moldados aos padrões doentes deste mundo, com nossas mentes cristalizadas, temos uma profunda dificuldade de realizar as mudanças, mesmo se as julgamos necessárias. Como afirma Krishnamurti: “Não é sinal de saúde estar bem-adaptado a uma sociedade profundamente doente”.

É nesse momento que vamos procrastinando, adiando, empurrando com a barriga. Nesse caso, somente uma experiência radical pode nos abstrair dos padrões do mundo, nos esvaziar, nos desinstalar de nossa zona de conforto, que é a experiência do deserto, a nos deixar completamente impotentes.

Quando vamos para o deserto, tudo aquilo que nos oferecia suporte deixa de existir. Os lugares, os amigos, as pessoas, o conforto, a cama para dormir, aquele lugar, aquele café que tomávamos, o programa a que assistíamos em determinada hora, ou seja, nossas rotinas, as quais nos

concedem certa identidade, tudo some. Perdemos todos os apoios que nos identificam como pessoas. E, quando perdemos todos esses apoios, resta-nos apenas uma coisa (pela falta de um termo melhor): nós só podemos contar com Deus.

No deserto, aprendemos que não são os nossos títulos, nossos conhecimentos, nossos amigos, parentes abastados ou riqueza e beleza pessoal que podem nos valer. Nada disso nos dará substância. No deserto, só podemos nos arrojar aos braços de Deus. Só posso me jogar nos braços Dele e somente regressar com Ele. No deserto, não conta clamar por mamãe e papai; não existe jogo de influência. Lá, finalmente temos de nos entregar nos braços de Deus para nos renovar. Como nos afirma o profeta Isaías, não há o que temer: “Não temas, porque eu sou contigo; não te assombres, porque eu sou teu Deus; eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a destra da minha justiça” (Isaías 41:10).

Explicam os sábios da *Torá* que existe uma conexão desse versículo de Isaías com o versículo da Gênesis 26:2, em que se adverte ao povo de Israel: “não desça ao Egito”. No entanto, mesmo descendendo ao Egito e se tornando cativo, a todo instante ele permaneceu ao lado do povo judeu, sustentando-o durante os quarenta anos do deserto, com comida e água fresca, como depois lembrou Davi quando disse: “ainda que eu ande pelo vale da sombra e da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estas comigo” (Salmos 23:4).

Por isso percebemos que, quando o povo de Israel deixa a escravidão do Egito, o Deus que os orientou a não descer àquele lugar, mesmo depois dessa desobediência, por Sua misericórdia infinita, esteve a todo instante ao lado deles, fortalecendo-os, ajudando-os e sustentando-os nos quarenta anos do deserto com maná e água fresca. Outros interpretadores da *Torá* , em complemento a essa explicação de Isaías, nos sinalizam para que não fuçamos de Deus, no sentido de que Ele se encontra constante e eternamente a nos sustentar, e os desertos, nos quais tantas vezes adentramos, são tormentos voluntários que se formam ao fugirmos da essência de viver com o Pai.

E isso não é pouca coisa. Não é pouca coisa, no deserto, descobrimos que, essencialmente, somos *apenas* filhos de Deus. No deserto, somos, *sobretudo* , filhos de Deus.

Alcançamos então a consciência de que o deserto não é um lugar de frugalidade. Lá, não vamos armar um acampamento para curtir a

natureza. Sem dúvida, é um lugar difícil de veras. Se você acha que vai ao deserto para fugir, logo descobrirá que está lá para buscar. São dois entes a serem encontrados ou recuperados: nossa essência e Deus. O deserto é o lugar do reencontro, não da fuga.

Vamos ao deserto não para nos esconder de nossas aflições e crises, mas justamente para experimentar um reencontro com Deus e conosco mesmos. Para lá nos retiramos em busca do caminho da correção. Quando o encontramos, o mal não mais nos atinge, pois estamos agindo em consonância com a Lei.

SE EU QUISE  
FALAR COM DEUS [28](#)

PARA FALAR COM DEUS,  
É PRECISO FICAR EM SILÊNCIO.

**N**a década de 1970, Gilberto Gil compôs, em minha opinião, sua música mais poética e bela, sobre a qual eu gostaria de comentar, porque ela remete à ideia de que, se você quiser falar com Deus, antes é necessário ir ao deserto. Não é opcional.

A primeira constatação do eu poético é a necessidade de ir ao deserto, pois a fala dirigida a Deus não combina com multidões nem se faz aos gritos. É uma fala que só encontra sentido na intimidade de estar só. Na Parábola do Fariseu e do Publicano, [29](#) faz-se uma alusão exatamente ao fato de que a verdadeira prece não se brada em praça pública, mas na intimidade do coração:

- 1) Disse Jesus também esta parábola a alguns que confiavam em si mesmos, por se considerarem justos, e desprezavam os outros;
- 2) Dois homens subiram ao templo com o propósito de orar: um fariseu e o outro publicano;
- 3) O fariseu, posto de pé, orava de si para si mesmo, desta forma: Ó Deus, graças te dou porque não sou como os demais homens, ladrões, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano;
- 4) Jejuo duas vezes por semana e dou o dízimo de tudo quanto ganho;
- 5) O publicano, estando de pé, longe, não ousava nem ainda levantar os olhos ao céu, mas batia no peito, dizendo: Ó Deus, sê propício a mim, pecador!;
- 6) Digo-vos que este desceu justificado para casa, e não aquele; porque tudo o que se exalta será humilhado; mas o que se humilha será exaltado (Lucas 18:9-14).

Quando nos propomos a falar com Deus na frente dos outros, nós nos empolgamos. Fazemos uma coisa elaborada, mais para impressionar que propriamente para abrir o coração e expressar os sentimentos. Isso é normal e humano. Porém, quando estamos a sós com Deus, é inevitável desnudar-nos. Não adianta tentar impressioná-Lo, pois Ele não acreditará no personagem que montamos para impressionar os outros e postamos nas redes sociais. É preciso, então, ficar a sós, apagar a luz e calar a voz. Ironicamente, para falar com Deus, é preciso ficar em silêncio. Nós aprendemos *mesmo* é no silêncio.

Lembro-me, certa feita, de um fato ocorrido em uma empresa de mídia para a qual eu prestava serviço. Os sócios não estavam mais conseguindo administrá-la devido a uma divisão muito grande entre eles. Marcamos uma primeira reunião com o executivo por eles contratado para, a partir daquele dia, administrar todo esse grupo de mídia na cidade. Na reunião, percebi que ele não falou absolutamente nada. Ficou apenas olhando para os presentes e ouvindo seus comentários. Na época, eu tinha cerca de 22 anos e a minha interpretação foi a de que ele apenas olhava, com cara de bobo, para os seus liderados, como se não estivesse verdadeiramente a par da situação.

O silêncio dele me deixou intranquilo. Ele se reservava para apenas escutar o que as pessoas diziam durante a reunião. Um mês depois, na reunião seguinte, o objetivo era mostrar que havíamos feito o que ficara acordado no primeiro encontro. Todos haviam tido a mesma impressão que eu: aquele homem era um idiota e não iria sequer se lembrar do que havíamos prometido. Mas estávamos enganados. Quando a reunião começou, ele se recordava até que um mês antes eu estava usando uma camisa xadrez e saiu enumerando tudo o que eu havia dito. Em síntese, ele silenciou, aprendeu sobre todos para depois falar com propriedade.

É preciso aprender a calar. Nós até conhecemos o dito popular segundo o qual “Deus nos deu uma boca e dois ouvidos”. Isso deve ter um motivo. Mas parece, ao contrário, que temos dez bocas e um ouvido. É preciso silêncio, pois somos demasiado verborrágicos. No entanto, a característica mais marcante do líder, em todos os aspectos da vida humana, é saber ouvir. Isso porque essa pessoa tem um perfil de absoluto controle das circunstâncias, uma vez que, no momento oportuno, sabe calar e ouvir.

Quando entabulamos um diálogo com alguém após um desentendimento, por exemplo, com frequência nem sequer deixamos a pessoa falar. Nosso maior interesse é dar continuidade à questão, apontando os pretensos motivos que justifiquem por que estamos certos e ela não. Em vez de um diálogo, conseguimos engendrar um momento de discordância ainda mais intenso, um monólogo em que cada um só fala o que pensa e não escuta o outro. Nesse caso, é preferível nem chamar para conversar, exceto se realmente estivermos dispostos a ouvir o lado do outro, num silêncio mental capaz de nos levar ao entendimento do que aconteceu.

É preciso calar a voz, uma vez que, somente quando eu apagar a luz e silenciar, poderei, enfim, encontrar a paz. É necessário, ainda, desatar os nós dos sapatos e da gravata, representantes do dominante masculino, das convenções sociais, do personagem que montamos: doutor Fulano, juíza Sicrana, policial, político. O personagem que montamos não convence a Deus. Para Ele, nossos títulos não valem absolutamente nada. Quando estamos com Deus no deserto, não existem títulos, há tão somente a relação entre um Pai e um filho. As convenções ficam do lado de fora. Trata-se, portanto, de uma relação pura, direta.

Todos os títulos caem por terra. Muitos casamentos fracassam porque o casal não deixa os títulos lá fora. Chegam em casa ainda sendo Doutor Fulano, Doutora Fulana, e ninguém desce do pedestal. Em casa, as pessoas não precisam de doutoras, advogados, palestrantes, escritoras, juízes. Precisam de marido e esposa, de pai e mãe. A condição simples que nos toca profundamente.

Além de folgar os laços dos sapatos e da gravata, temos de fazê-lo também com relação aos nós dos desejos e receios. Para falar com Deus, temos que apagar a luz. Com isso, percebemos que a conexão com Ele deve ser feita à parte das distrações do mundo, repleto de coisas interessantes e que nos chamam a atenção, a exemplo dos valores estéticos, sensuais e financeiros, aparentemente tão sedutores, que, ao mesmo tempo, distanciam-nos de um olhar mais íntimo direcionado à nossa relação com o Ser que nos criou. É preciso estar só, mas podemos estar sós e continuar pensando no mundo.

Comumente, um aluno aborda o professor e afirma não estar compreendendo o texto da aula. Isso é impossível, pois se trata de uma pessoa letrada e sem nenhum déficit cognitivo. Quando o professor começa a inquirir o aluno sobre o seu método de estudo, logo constata que, no momento da leitura, ele não consegue focar a mente na tarefa por estar pensando em uma infinidade de outras questões, com o celular do lado. Assim, por não conseguir fazer todas as coisas ao mesmo tempo, de fato não executa uma leitura, mas tão somente uma mera decodificação de palavras e frases.

Apagar a luz, portanto, é se desligar das coisas que nos distraem do encontro com Deus e, conseqüentemente, conosco mesmos. É inútil encontrar com Ele estando cheio de desejos, com uma infantil lista de pedidos, muito menos cheio de medos, receios e dúvidas. É mister um

despojamento tanto dos desejos quanto dos receios. Logo, temos que esquecer a data, perder as contas, ter as mãos vazias e a alma e o corpo nus, num processo de desinstalação do indivíduo que pressupõe a retirada das máscaras e a desconstrução dos personagens psicossociais, restando apenas não o personagem, mas nossa identidade real: filho de Deus.

Imagine-se na condição de um bebê, na banheira, e Deus, seu Pai, dando-lhe um banho, cuidando das feridas, limpando as mágoas, cicatrizando as dores das quedas, para só então lhe vestir com o “cinturão da verdade... a couraça da justiça... o escudo da fé e o capacete da salvação e espada do espírito” (Efésios 6:13-17).

Uma constatação arrebatadora que fazemos, quando estamos desnudos perante Deus, como jamais faríamos para nenhum outro ser humano, é perceber que, não obstante o quanto ainda temos de desonestidade, vazio e podridão, ainda assim Ele nos ama.

Isso é possível porque Deus enxerga além, vendo o filho que seremos, e não o que estamos sendo. Somente um amor tão grande e irrestrito pode nos dar condições de continuar apostando e acreditando em nós. Ainda recuamos nas sombras, mas o nosso projeto é luminoso, pois foi montado pelo Criador especialmente para nós. Nosso alvo é o amor salvífico de Deus, mesmo que por ora estejamos ainda na retaguarda da meta divina para a nossa vida.

Um pai cujo filho está na fase do balbucio não fica triste por ele não conseguir falar, mas se alegra pela voz que ele terá e porque um dia a criança aprenderá a falar, a ler e a louvar as glórias do seu Criador. Um pai cujo filho está na fase dos primeiros passos não se entristece quando ele cai, mas se alegra pela certeza de que esse filho não apenas andarão como também correrá e, mesmo que caia, se erguerá para, como fez Paulo, combater o bom combate, guardar a fé e cumprir a carreira determinada pelo Pai.

Se quisermos falar com Deus, devemos aceitar a dor. Achar que Ele é um Deus que só dá vitórias, como alguns acreditam, é ter uma visão distorcida de nossa relação com o Senhor. É o mesmo que imaginar que um pai só é bom quando apenas presenteia e jamais cobra ou exige de seus filhos, sem nada pedir em troca por todo o esforço feito para ajudá-los. Deus é o mesmo que o alegra com o nascimento de um filho, comemora cada passo que ele dá, cada conquista, mas também o

consola, acolhe e sustenta quando você está enterrando um filho.

Como fica o filho que jamais ouve um não de seus pais? Os professores bem o sabem, pois recebem essas crianças na escola. Elas veem o professor como um funcionário que “deve” ser tão maltratado quanto a babá ou a empregada doméstica. Tais crianças se comportam como se não tivessem de respeitar os colegas, pois elas “podem tudo”.

Esses pais não são bons, mas omissos. Eles deseducam. Pais que realmente amam seus filhos estabelecem limites claros para a conduta deles, orientando-os a respeitar o espaço coletivo e os espaços individuais de cada um com quem convivam. Os limites, na ótica dos filhos, podem representar uma dor, pois é necessário que eles abram mão de seu mundo infantil e egocêntrico para adentrar no mundo social rumo à fraternidade. Desse modo, é necessário aceitar também a dor como recurso didático divino, a nos alertar de que algo precisa mudar.

Como dizia Davi, no Salmo 23, [30](#) Deus não raro usa a vara e o cajado como forma de consolar. Por isso, *temos que comer o pão que o diabo amassou*. Todos passamos por vicissitudes, embora pensemos que dói apenas em nós. Às vezes, uns sofrem mais que os outros, mas todos nós passaremos por experiências bastante semelhantes, como terminar relacionamentos, não concluir o que começamos, enterrar entes queridos na separação temporária imposta pela morte.

Tantas coisas acontecem! E isso inclui a todos. Não há como escapar do imperativo de enfrentar os desafios do mundo. *Temos que virar um cão e lambe o chão*. Que chão seria esse? *Dos palácios, dos castelos suntuosos dos nossos sonhos*. Nossas ilusões e nossos sonhos imaturos têm de cair por terra. De acordo com essas nossas quimeras, deveríamos ser de uma determinada maneira para alcançar a felicidade; sendo necessário possuir aquele carro, emprego ou casamento para ser feliz.

Tudo uma ilusão, pois o que se busca atender não são os anseios de uma alma eterna, mas os desejos de um ego temporal. É inevitável, pois, abrir mão de todos esses sonhos ilusórios. Nosso ego temporal deseja o que o mundo julga ser necessário possuir ou ser para se tornar uma pessoa adequada. Ao passo que uma alma eterna se preocupa em construir aquilo que ela de fato precisa: valores, além da preciosidade do amor, do perdão e das conquistas.

A alma eterna compreende a importância de agregar pessoas para junto de si, porquanto valoriza ter, fazer e manter amigos. Ela aprecia ser

uma pessoa agradável, portando-se de forma gentil. Assim, é valor da alma tornar mais leve a vida das outras pessoas. Esse é o projeto da alma eterna, que jamais se confunde com o projeto mesquinho que só visa ser mais importante, bonito, benquisto e titulado; ter mais dinheiro e o melhor carro. Todavia, para que possamos falar com Deus, é necessário esquecer esses que são os valores mais procurados pela grande maioria das pessoas. Nesse diálogo transcendental, não nos cabe falar sobre as coisas do mundo. Por favor, não vá ao deserto pedir para trocar de carro ou para fazer uma viagem à Europa! Ao contrário, vá ao deserto para poder afirmar: “mesmo que eu não tenha nada disso, faz-me, Pai, sentir grande”, percepção que Paulo teve quando comunicou à Igreja de Filipos:

Sei o que é passar necessidade e sei o que é ter fartura. Aprendi o segredo de viver contente em toda e qualquer situação, seja bem alimentado, seja com fome, tendo muito, ou passando necessidade. Tudo posso naquele que me fortalece (Filipenses 4:12-13).

Ou seja, Paulo nos mostra que, na cultura da escassez sempre a nos dizer que precisamos de mais e mais, que tudo nos falta, destrói e angustia, o contrário desse sentimento é a sensação de preenchimento, numa palavra, de contentamento.

Uma característica clara dos muitos significados da palavra *contentamento* é ser um estado de satisfação interna do sujeito, que não depende do mundo que o cerca.

Para alguns, remete à autossuficiência ou independência. Os estoicos, grupo filosófico grego, levaram essa ideia ao extremo, considerando esse estado como sendo a capacidade de ser livre de toda e qualquer necessidade, uma espécie de virtude suprema. Assim, a filosofia estoica foi marcada pelo desprendimento emocional e pela indiferença para com as vicissitudes da vida. Isso claramente não é o sentido que Paulo quis atribuir à palavra, porquanto ele não era insensível à angústia humana e sabia que Deus, sobretudo, estava atento e cuidando de seus filhos. Paulo não ignorava as pessoas nem seus sentimentos.

Contentamento também não significa complacência, pois temos o dever de agir, segundo a Lei do Progresso, para avançar material, moral

e espiritualmente.

Existem muitos momentos em nossas vidas nos quais ficamos presos em nossas próprias tentativas equivocadas de encontrar paz e contentamento de forma autônoma, até percebermos que nossos recursos são insuficientes para tal. O contentamento real só vem quando nos entregamos, sem reservas, ao Altíssimo.

Quando vejo pais atravessando a rua com os filhos pequenos, percebo o quanto as crianças nem olham se vêm ou não carro, moto, ou se há um buraco na rua. Elas simplesmente têm absoluta convicção de que os pais as atravessarão em total segurança.

É dessa entrega que Paulo nos fala, dessa certeza de que, com ou sem buraco na rua, carro passando ou pista tranquila, seca ou molhada, ou pelo vale da sombra da morte, [31](#) como dizia Davi, ou, como dizia Paulo, “na bonança e na escassez”, [32](#) conseguiremos atravessar em segurança não por um suposto poder que emana de nós, mas daquele que, por nosso intermédio, manifesta-se vindo de Deus.

De forma poética e profunda, Santo Agostinho nos mostra esse percurso até os braços do Pai: “Fizeste-nos para Ti e inquieto está nosso coração, enquanto não repousa em Ti” [33](#) (Confissões I, 1,1).

O contentamento nos imuniza das circunstâncias externas, das seduções que nos desviam desse encontro com Deus. Todavia, uma sensação tão balsâmica não é sentida do dia para a noite. É uma construção que muitas vezes precisa do vazio do deserto, da falta de tudo para ser sentida.

Lembro-me da música de Nando Reis, “Mantra”, [\[1\]](#) quando, nas duas primeiras estrofes, ele nos provoca:

Quando não tiver mais nada  
Nem chão, nem escada  
Escudo ou espada  
O seu coração... acordará  
Quando estiver com tudo  
Lã, cetim, veludo  
Espada e escudo  
Sua consciência... Adormecerá

O deserto nos acorda para, em total entrega no encontro com Deus, sermos preenchidos de contentamento.

Aprender a ter contentamento é um processo que nos leva à compreensão de que tudo, das mínimas coisas aos grandes projetos, tem a tutela de Deus, nosso Pai cuidadoso, que usa todas as circunstâncias para nos fazer crescer e confiar Nele. Precisamos buscar primeiramente “o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas nos serão acrescentadas” (Mateus 6:33).

Todas essas coisas não se referem apenas ao que se há de comer, beber ou vestir, mas vai além, pois “sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus” (Romanos 8:28).

Mas faz-se mister realçar que Deus promete suprir nossas *necessidades*, não nossa *ganância* ou caprichos.

Fica explícito o equilíbrio entre aquilo que nos compete e o que compete a Deus. Muitas pessoas dão prioridade a uma falsa ideia de poder pessoal pelo qual acreditam alcançar qualquer coisa, acreditando mais nas capacidades humanas, o que gera muita decepção pessoal e também para com os outros, já que as forças que provêm de nós ou de nossos amigos são limitadas. Por isso devemos nos projetar e esperar sinceramente, sem medo de decepções, “Naquele que nos fortalece”.

Não se permita olhar para si com os olhos do mundo e se sentir pequeno por não ter o que o senso comum julga imprescindível para ser uma pessoa “feliz”. Isso não determina a grandeza de um ser diante de Deus que tem a nos oferecer muito mais que reinos, transformar pedra em pão ou pular do alto de um templo para “testar” sua fidelidade, como fazem alguns. Vamos ao deserto para alcançar aquilo que o mundo não nos dá: paz, contentamento, alegria, amor, ou seja, os tesouros que a ferrugem não consome, pois são eternos e essenciais.

Assim, temos que “nos ver tristonhos e nos achar medonhos, mas, apesar de mal tamanho, alegrar o coração”. Olha que coisa impressionante! É preciso admitir a tristeza e a frustração porque as coisas não saíram conforme gostaríamos. A vida não aconteceu como projetamos. As pessoas não se comportaram como esperávamos, o que nos irrita e entristece. Não somos o que gostaríamos de ser. Mas, mesmo assim, podemos nos alegrar por saber que há um propósito muito maior do que nossa aspiração. Há um projeto de Deus para nossas vidas, muito além do que temos como expectativa.

De forma sublime e poética, vemos o profeta Isaías descrever o quão além vão os planos de Deus para nossas vidas:

Porque os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, nem os vossos caminhos os meus caminhos, diz o Senhor. Porque assim como os céus são mais altos do que a terra, assim são os meus caminhos mais altos do que os vossos caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os vossos pensamentos (Isaías 55:8-9).

De modo poético, Isaías nos faz perceber que nossos sonhos são pequenos e tolos, diante do projeto de Deus para nossa vida.

Portanto, “não se turbe o vosso coração, nem se atemorize” (João 14:27), pois o que está por vir, depois do seu encontro com Deus, é a absoluta garantia de que sairá do deserto mais fortalecido e capacitado para conquistas inimagináveis.

# EU E MEU DESERTO

O QUE SIGNIFICA VITÓRIA E SUCESSO AOS  
OLHOS DOS HOMENS NÃO NECESSARIAMENTE  
O É AOS OLHOS DE DEUS.

Você agora pode estar pensando: *Ok! Tudo bem. Deus tem planos para mim, eles vão além do que eu imagino, mas como posso perceber isso? Teria uma dica, uma legenda nas nuvens ou pelo menos uma mensagem no WhatsApp me indicando um caminho?*

Primeiramente, gostaria de falar sobre o caminho que NÃO nos leva a esse *Plano Celeste*, conforme podemos chamá-lo. A rota que nos desvia é quando queremos o caminho do outro, quando queremos ser o outro, ter o que o outro tem, saber o que o outro sabe e achar que só a vida do outro tem propósito.

A descoberta mais útil que fiz em minha vida foi compreender que meu caminho é o meu caminho. Ele é único e somente eu posso trilhá-lo. E olha que perdi muitos anos de minha vida querendo o percurso dos outros, mas, enfim, quando finalmente seguimos o nosso caminho, as coisas começam a fazer sentido.

Essa descoberta aconteceu depois do deserto mais árido e demorado que já atravessei. Foi quando perdi tudo e todos, apostei errado e fiquei só, com vergonha de voltar para casa, sentindo-me completamente desprovido. Abandonei o meu trabalho de divulgar o Evangelho e passei seis meses pensando em desistir da vida.

Cheguei mesmo a ficar, por quatro vezes, no parapeito de um edifício calculando minha queda, pensando que fugir seria a melhor solução.

Não acreditava em mim mesmo, não via sentido na existência. Tinha vergonha de tudo e de todos e não me achava merecedor da Misericórdia Divina. Acreditei sinceramente que Deus tinha me abandonado ou que eu não merecia mais ser cuidado por Ele. E, quando chegamos a esse ponto, somos tomados de uma ideia nefasta de que a única solução é sair da vida. Bem, como já era espírita, eu sabia que não tinha como morrer, que não daria certo aquele plano. Imaginei-me em sofrimentos piores no mundo espiritual. Pensei nas vidas que, de algum modo, destruiria com esse meu gesto e, sobretudo, em minha mãe. Quando disse a ela que iria sair de casa, minha mãe, chorando, olhou-me daquele modo que somente ela conseguia olhar, de forma penetrante, como se sondasse minha alma e visse até aquilo que eu fazia questão de esconder. Ela me fixou e disse:

“Meu filho, eu sei que sua escolha vai dar totalmente errado e que você vai se arrepender muito. Mas, quando você tiver perdido tudo e o desespero tomar conta de seu coração, eu só lhe peço uma coisa: volte vivo para casa. Não importa como ou quando você vai voltar. Mas volte

vivo.”

Aquela voz ecoando em meu coração, “volte vivo, não importa como”, me fez lembrar do filho pródigo. Aquela foi a última vez que subi num edifício tentando fugir das consequências de minhas decisões.

Só me restava uma alternativa. Eu teria de suportar o peso de minhas escolhas e começar de novo, passo a passo. O primeiro deles foi voltar para casa.

Não foi fácil, pois, quando eu entrei em casa, não tinha palavras. Quem abriu a porta foi meu irmão mais velho, Valécio Irineu, a quem amo e admiro profundamente. Ele foi e é, até hoje, uma referência para minha vida em todos os sentidos.

Naquele dia em que voltei, ele se sentou no sofá da sala e disse com a voz embargada:

“Sente aqui, venha”.

Eu sentei, deitei-me no colo dele e chorei compulsivamente enquanto ele, identificando-se com minha dor, sem me julgar, apenas fazia carinho nos meus cabelos.

Pode até ser que ele não se lembre dessa cena, mas eu jamais vou me esquecer daquele dia. Sua mão era a representação da mão de Deus dizendo: “Não temas, estou contigo”.

Minha mãe, em seguida, aproximou-se e me tomou também em seu colo. Depois de tê-la machucado tanto, eu fui acolhido sem reservas. Após eu conseguir parar de chorar, ela me mostrou a casa nova que havia comprado e disse:

“Aqui é o seu novo quarto. Seu irmão já encomendou móveis projetados que em breve chegarão”.

Gestos e mais gestos de carinho e, de vez em quando, puxões de orelha mais que merecidos.

Aquele foi o dia em que voltei do deserto. Fui recebido por minha mãe e meu irmão (meu pai já havia falecido, mas acredito que ele também estava lá), e comecei de verdade a minha vida. Resolvi retornar ao Movimento Espírita, igualmente envergonhado, mas também fui acolhido.

Naquele ano, conheci um grupo chamado Corrente Esperança. Uma casa simples e pequena, bastante acolhedora, e resolvi voltar por meio dela, já que pouca gente me conhecia lá. Então, comecei a participar dos estudos, da evangelização e das demais atividades daquela casa de

oração. Depois de alguns meses, voltei a fazer palestras, começando lá mesmo.

Num sábado à noite, após a palestra, fiquei conversando com amigos muito queridos que fiz por lá. Se você tem uma vivência religiosa, sabe como é, termina o culto, a missa ou a palestra espírita e você não quer ir embora. Fica conversando e sentindo a paz do ambiente, a alegria da amizade, continuando as reflexões do Evangelho do Cristo, sempre tocante e renovador. Só estávamos eu, um amigo que dirigia a casa juntamente com sua esposa e outra amiga em comum.

De repente, vi meu amigo fechar os olhos e mudar o tom da voz, num fenômeno que cada religião vai denominar de uma forma diferente, mas todas concordam que não se trata de um fenômeno humano, porém espiritual e transcendente. Olhei para ele meio assustado e ouvi, de uma voz suave:

“Meu filho querido, que bom que você voltou. Você nos deu trabalho, menino, mas saiba que Jesus não desiste de ninguém, e Ele sempre esteve do seu lado”.

Sempre fui muito crítico com relação às comunicações espirituais. Achei aquela fala genérica demais, que poderia ser atribuída a qualquer um. Eu sabia que tinha dado muito trabalho à minha mãe e, certamente, a Deus também, mas ele não falou nada específico de algo que tivesse feito. Muitas coisas eu não havia dito a ninguém, especialmente as quatro vezes que tentei me matar, pois sentia uma imensa vergonha. Nem à minha mãe eu contei, não quis que ela tivesse essa dor de pensar que em algum momento eu tive tal ideia.

Mas meu amigo continuou falando com aquela voz incomum e disse:

“Que bom que você não pulou daquele prédio, meu filho. Tinha tanta gente lá te segurando, intercedendo por você, fazendo-o se lembrar do pedido de sua mãe para que você voltasse vivo para casa. Foram quatro noites em que o amor de Deus se desdobrou através de anjos de luz para evitar que você tomasse uma decisão infeliz”.

Eu desabei! Não consegui me conter. Como ele poderia saber até o que eu estava pensando? Eu chorava por vários motivos. Chorava pela resposta dada à minha incredulidade, fazendo-me lembrar de Jesus, na narrativa de Lucas, quando disse que, mesmo que seus discípulos se calassem, até as pedras falariam (Lucas 19:40).

Chorei, sobretudo, de gratidão, pois realmente percebi que nunca

estive só um minuto sequer. Quanto zelo de Deus, quanto cuidado amoroso de um Pai que se vale de todos os recursos para nos fazer despertar.

É a primeira vez que conto em detalhes essa passagem de minha vida. Achei, num primeiro momento, que iria me expor, mas também pensei em quantas pessoas poderiam, ao saber disso, ouvir mais uma das muitas histórias que confirmam o quanto Deus pode modificar completamente uma vida.

Fiz uma música, como singela homenagem, para retribuir um pouco do muito que recebi naquela casa de oração, a “Corrente Esperança”. A melodia pode ser ouvida no endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=N5U2s33qbSM>>. A música foi gravada por amigos do Grupo Vocal Semearte.

Por isso, ficou claro para mim, depois de meu deserto pessoal, que, *se quiser falar com Deus, tenho que me aventurar, tenho que subir aos céus sem cordas para segurar*. Dito de outro modo, para falar com Deus, é imprescindível ter fé.

Você, que está lendo este livro agora, sabe que há muitos momentos na nossa relação com Deus nos quais não existe como saber ou prever as formas como as coisas vão acontecer. Deparamo-nos com situações em que nos utilizamos de todos os nossos recursos e, ainda assim, não conseguimos vislumbrar a saída. Esse é o momento preciso de solicitarmos a ajuda de Deus, no qual precisamos nos lançar aos céus. Não é simples, mas é seguro. Não é fácil, mas é visível. Devemos simplesmente nos jogar, conforme o pensamento de Neimar de Barros, que meu avô sempre lia para mim: “A fé é um salto no escuro para o braço de Deus. Quem não tem fé, não salta nem abraça. Fica no escuro”.

<sup>34</sup> É mister saltar, aventurar-se.

Recordemos o Salmo 77 <sup>35</sup> para melhor ilustrar esse ensinamento:

- 1) Clamei ao Senhor com a minha voz, a Deus levantei a minha voz, e ele inclinou para mim os ouvidos.
- 2) No dia da minha angústia busquei ao Senhor; a minha mão se estendeu de noite, e não cessava; a minha alma recusava ser consolada.
- 3) Lembra-me de Deus, e me perturbei; queixava-me, e o meu

espírito desfalecia (Selá).

4) Sustentaste os meus olhos vigilantes; estou tão perturbado que não posso falar.

5) Considerava os dias da antiguidade, os anos dos tempos passados.

6) De noite chamei à lembrança o meu cântico; meditei em meu coração e o meu espírito investigou:

7) Rejeitará o Senhor para sempre e não tornará a ser favorável?

8) Cessou para sempre a sua benignidade? Acabou-se já a promessa que veio de geração em geração?

9) Esqueceu-se Deus de ter misericórdia? Ou encerrou ele as suas misericórdias em sua ira? (Selá).

10) E eu disse: Isto é enfermidade minha; e logo me lembrei dos anos da destra do Altíssimo.

11) Lembrar-me-ei, pois, das obras do Senhor; certamente que me lembrarei das tuas maravilhas da antiguidade.

12) Meditarei também em todas as tuas obras e falarei dos teus feitos.

13) O teu caminho, ó Deus, está no santuário. Que Deus é tão grande como o nosso Deus?

14) Tu és o Deus que fazes maravilhas; tu fizeste notória a tua força entre os povos.

15) Com o teu braço remiste o teu povo, os filhos de Jacó e de José (Selá).

16) As águas te viram, ó Deus, as águas te viram e tremeram; os abismos também se abalaram.

17) Grossas nuvens se desfizeram em água; os céus retumbaram; as tuas frechas correram duma para outra parte.

18) A voz do teu trovão repercutiu-se nos ares; os relâmpagos alumiarão o mundo; a terra se abalou e tremeu.

19) Pelo mar foi teu caminho, e tuas veredas pelas grandes águas; e as tuas pegadas não se reconheceram.

20) Guiaste o teu povo, como a um rebanho, pela mão de Moisés e de Arão.

Vemos claramente que o salmista se ressentia do fato de que o ímpio prospera e ele não. Entretanto, no versículo 10, percebe que mudou a destra de Deus. Na verdade, foi seu pensamento que se inverteu, tornou-se lúcido, recobrou a consciência.

Essa mudança na forma de ver o mundo, saindo de nossa perspectiva estreita para a ampla perspectiva Celeste, é bem descrita no *Livro de Provérbios*, em seu capítulo 3, versículos 5 e 6: “Confia no Senhor de todo o teu coração e não se apoie em seu próprio entendimento; em todas as maneiras reconheça-o, e ele endireitará as tuas veredas”.

O salmista constata fazer parte da vida, por vezes, pessoas más prosperarem e vencerem enquanto os bons não conseguem conquistar aquilo que desejam. É natural certo sentimento de frustração e tristeza nesse momento. Entretanto, mesmo assim, devemos pensar que Deus tem um propósito para a vida de todos os seres que criou. Logo, existe um porquê para esse tipo de experiência.

A primeira lição é: o que significa vitória e sucesso aos olhos dos homens não necessariamente o é aos olhos de Deus. Portanto, se adotarmos uma postura de reclamar diante das dificuldades e frustrações da vida, continuaremos passando sempre pelas mesmas situações. É preciso compreender que Deus nos permite experimentar determinado tipo de circunstância porque existe uma grande lição a ser aprendida em nosso projeto de eternidade. À medida que atingimos essa compreensão, sentimos-nos gratos por entender que

Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu. Há tempo de nascer, e tempo de morrer; tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou. Tempo de matar, e tempo de curar; tempo de derrubar, e tempo de edificar. Tempo de chorar, e tempo de rir; tempo de prantear, e tempo de dançar. Tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras; tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar. Tempo de buscar, e tempo de perder; tempo de guardar, e tempo de lançar fora... (Eclesiastes 3:1-6).

Desse modo, não há nada a temer, nem mesmo o futuro aparentemente incerto. Afinal, por que temer o salto para o futuro? A única garantia que temos sobre o futuro é que Deus já estará lá nos

esperando. Nem mesmo o mal está lá ainda, mas Ele já se encontra preparando nossa estrada. É assim que podemos compreender o sentido de uma fé raciocinada: apesar de ser necessário se aventurar, arremessando-se num futuro aparentemente incerto, podemos ter a certeza da bondade e do amor de Deus orientando toda a jornada.

*Se quisermos falar com Deus, temos que dizer adeus* . É a desidentificação dos egos. É preciso dar as costas e *caminhar* para uma estrada que, ao findar, vai dar em nada, absolutamente nada *do que julgávamos encontrar* . Quando os nossos projetos não representam os projetos que Deus nos reservou, Ele nos leva de volta a um caminho no qual nossos projetos possam finalmente coincidir com os Dele.

Por estranho que possa parecer, para falar com Deus, é preciso calar, silenciar para ouvir, ouvir o que já há muito foi dito sobre nós. Onde foi dito? Como posso perceber? Observe com que dons Deus o dotou, pois o que ele planejou para cada um de nós está diretamente relacionado com esses dons, de modo que, quando alinhamos nossos planos com nossos dons, podemos usá-los onde estivermos, ou, como ainda nos afirma Emmanuel,

Apliquemo-nos à construção da vida equilibrada, onde estivermos, mas não nos esqueçamos de que somente pela execução de nossos deveres, na concretização do bem, alcançaremos a compreensão da vida, e, com ela, o conhecimento da “perfeita vontade de Deus”, a nosso respeito (EMMANUEL, [1956] 2006, p. 278).

As coisas só começam a ficar leves e serenas quando procuramos entender qual é o objetivo de Deus para a nossa vida. Em vez de tentar contrariá-lo, nós nos aliamos a esse objetivo e caminhamos em consonância com ele. Por esse motivo, é necessário dar adeus a todos os nossos desejos ilusórios, dar as costas às condutas de pessoas que não estão mais contribuindo com o nosso crescimento. Ao contrário, só estão trazendo atraso, pois o estilo de vida delas não nos serve mais.

Isso não é abandono ou desprezo, tampouco arrogância. Mas apenas a compreensão de que não é mais possível caminhar ao lado daquelas pessoas. Urge a desidentificação com o povo egípcio, cujos hábitos não nos servem mais. Tudo bem se, por causa disso, formos acusados de metidos a santo, pois, nessa busca, nada do que esperávamos encontrar

acontecerá, mas, certamente, será surpreendente. Por maiores que sejam os nossos sonhos a realizar, por maiores que sejam os nossos desejos, quando permitimos que Deus realize, o resultado é muito mais grandioso do que poderíamos sequer imaginar.

Não estou falando de crescimento material, pois o grande objetivo de Deus é a transformação de almas. Na esteira desse raciocínio, quando nosso objetivo é bem circunscrito a ter uma vida legal hoje mesmo, o de Deus é nos tornar bons para toda a Eternidade. Logo, ir ao deserto é necessário. Não é uma fuga, mas um reencontro consigo e com Deus. É jogar-se nos braços de um Pai que ama a todos os Seus filhos e jamais os abandona, tendo a mais absoluta certeza de que, por mais fantasiosos que possam ser os nossos objetivos, mais luminosos sempre são os desejos de Deus para realizá-los em nossas vidas.

Portanto, só seremos felizes no deserto se admitirmos que a nossa expectativa infantil é uma, enquanto a perspectiva de Deus é outra. Nossa paz começa a acontecer quando, no deserto, aceitarmos abdicar daquilo que esperávamos encontrar, permitindo-nos encontrar Deus, num harmonioso alinhamento com o projeto que Ele tem para a nossa vida.

Quero terminar este capítulo com um poema que fiz para este livro:

*Siga! Dê o primeiro passo!  
Apesar da areia escaldante,  
Da paisagem causticante  
Da sensação de falta angustiante.*

*Siga!  
Deixe para trás a segurança,  
Aquele suposta bonança  
E ouse caminhar.*

*Deixe para traz os caprichos,  
Aqueles empoeirados títulos  
Pelos quais tanto lutou.  
Siga! Não tenha medo das feridas,  
Não queira ouvir apenas as vozes conhecidas  
Do passado dos amores,  
Permita-se arriscar.*

*Não queira prever o caminho,  
Não queira saber o destino,  
Apenas continue, vá até lá.*

*E não espere muita coisa,  
Não espere qualquer coisa,  
Sobretudo aquelas coisas  
Que queremos sempre encontrar.*

*Ande! Não recue um instante,  
Com sol e chuva, vá adiante  
É preciso chegar lá.*

*Não tema, pois, ao fim de cada senda,  
Superando as contendas  
Nós iremos encontrar*

*Aquele que não desiste,  
Que sempre espera e assiste  
O filho aonde quer que ele vá.*

*Entregue-se,  
Não esmoreça ou se rebele  
Pois um Pai jamais se esquece  
De um filho que criou.*

*Assim, sendo todos por Ele amados  
Jamais nos deixará de lado  
E sempre de nós cuidará.*

*Então olhe, veja toda a majestade,  
Sinta e perceba a bondade,  
Vinda daquelas mãos.*

*Então, como criança ferida  
Chorando a dor sentida*

*Deite nos braços do Pai.*

# FINALMENTE: EU E DEUS NO DESERTO

SEJA BEM-VINDO AO DESERTO! O LUGAR  
ONDE, NO NADA, ENCONTRAMOS O TODO!

“É , meu filho, eu tive que trazer-te aqui...

Apesar de todos os sinais de que estava ao teu lado não me ouvias mais, não me sentias mais, parecia até que não me querias mais.

Estavas tão encantado com coisas e posições que alcançaste, que me tiraste do centro de tua vida e eu sabia que isso traria consequências para tua vida.

Lembro-me de que, quando criança, do teu jeito meigo e trocando as palavras, toda noite falavas comigo antes de dormir, com pedidos muito importantes, para que eu te protegesse dos monstros que supunhas existir debaixo da cama.

E, quando fazias alguma traquinagem e sabias que haveria consequências, te escondias debaixo da cama ou no guarda-roupa e me pedias de olhos fechados que te ajudasse. Lembro-me da primeira pessoa por quem tu te apaixonaste e que nem notou que tu existias. Tu choravas como se nunca mais fosse possível apaixonar-te por outra pessoa, e te ajudei a lidar com as angústias das decepções da vida.

Eu estive sempre ao teu lado, seja na alegria das conquistas e da tristeza provocada por eventos que chamavas de ‘derrota’, quando, na verdade, era só aprendizado.

Ao longo dessas idas e vindas da vida, vi teu coração ficando distante. O que te dava segurança não era mais uma prece, mas tua conta bancária, os amigos influentes, os títulos acadêmicos. O orgulho passou a ser teu conselheiro. Tua companhia não era mais nossas conversas, mas teu smartphone. E quando a dor começou a visitar teu coração, e as decepções se sucederam, em vez de me buscar, tentaste substituir nossa relação por antidepressivos, um novo carro, uma nova casa, sempre em fuga.

Viajavas freneticamente para tantos lugares, tantos países, que terminavas por deixar de conhecer o território do teu coração. Por isso mesmo, te distanciaste de mim a tal ponto que te perdeste de ti mesmo. Não é de estranhar que isso tenha acontecido! Fiz-te sendo a minha imagem e semelhança de modo tão intenso e visceral que, quando não consegues mais me ver, também não te enxergas mais.

Começaste a perder o prumo, a perder o rumo, a perder-te, enfim. Por isso, eu te trouxe aqui, ao deserto, para que tudo o que tinhas se perdesse e finalmente me reencontrasses.”

“Pai, eu estou sofrendo tanto! Dói muito, não sei se vou aguentar...”

“Eu entendo a tua dor, tua confusão. Entendo tua raiva e frustração, entendo as tuas lágrimas. Em suma, eu me importo muito contigo.”

“Mas por que não me avisaste de que tudo isso poderia acontecer comigo?”

“Meu filho, eu te avisei. Enviei profetas e, finalmente, meu filho mais querido para te alertar sobre todas as coisas. Tu ouviste, leste e até decoraste minha lei, mas não viveste sob ela, sendo atraído para a ilusão do mundo.”

“Eu achei que já tava adulto e podia me virar sozinho, por isso não te busquei mais. Me perdoa? Eu estou aqui de volta.”

“Claro que te perdoo, meu amado filho. Estou tão feliz com teu retorno que escrevi uma carta em comemoração a este dia. Dia que eu nunca perdi a esperança que chegasse. Nessa carta, trago novamente as promessas, solicitações e advertências que meus profetas e meu filho unigênito te deram. À medida que eu for lendo, cada trecho dela ressoará no teu íntimo, não como acusação do que não foi feito até aqui, mas como um novo convite para recomeçares:

### **Querido filho, que bom que voltaste!**

Quando somente existia o vazio, o meu amor se manifestou na criação do mundo (Colossenses 1:16,17), tendo em ti a minha mais perfeita obra. Eu te criei à minha imagem, à minha semelhança (Gênesis 1:27), formando cada detalhe de teu corpo e de seu espírito, ainda no ventre da tua mãe (Salmos 139:13). Por isso eu conheço teus pensamentos e sondo a tua alma, num amor de pai que supera barreiras e está além do teu entendimento (Salmos 139:1-2). Não tem um dia no qual tu não estejas em meu pensamento, e numa frequência e intensidade tão grande, que nem mesmo os grãos de areia do mar seriam suficientes para contar (Salmos 139:17-18). Agora tu sentes o quão infinito é meu amor por ti.

É por isso que te trouxe aqui, com um objetivo amoroso. Quero destruir teus velhos costumes, que te adoeceram ao longo da jornada, pois eu que te criei, vou te reconstruir e fazer de ti uma nova criatura (2 Coríntios 5:17), começando da essência, mudando assim o teu pensamento (Efésios 4:23). Com uma forma nova de pensar, sei que teu coração será renovado, batendo no compasso da justiça e da bondade (Ezequiel 36:26), restaurando toda a tua vida (Romanos 6:4).

Tenho tanto para te oferecer... Tenho amor, alegria, paz e todo o fruto do meu Espírito para encher a tua alma, de tal forma que possas compartilhar com todos os teus irmãos (Gálatas 5:22-23), amando a mim sobre todas as coisas, e teus seus irmãos como tu também te amas (Marcos 12:30,31), um amor abundante, que não se esgota, pois tudo que eu ofereço é superabundante, para que não te preocupes com o dia de amanhã (Mateus 6:25-34).

E agora que tu entendes que não existe sabedoria nem força maior que a minha, não irás mais confiar nas coisas do mundo, mas em mim e na minha justiça (Jeremias 9:23,24), pois todos os dias eu te esforço para completar e aperfeiçoar a boa obra que comecei em ti (Filipenses 1:6). Sei que o mundo é encantador e sedutor, mas lembra-te que os prazeres do vício são passageiros (Hebreus 11:25), e não te percas mais de mim, sempre que me procurares de todo o teu coração, irás me encontrar (Deuteronômio 4:29), pois, assim como eu cuido de uma pequena

*ave no céu, também cuida de ti (Mateus 10:26-31).*

*Eu te ofereço mais do que o seu pai terreno jamais poderia oferecer (Mateus 7:11), pois sou teu Pai por excelência e sou um pai perfeito (Mateus 5:48). E se algum dia um rio de dificuldades chegar à tua vida, se te mantiveres ao meu lado, não serás varrido, ou quando as provas de fogo surgirem no teu caminho, não serás queimado (Isaías 43:2). Mesmo no dia em que fores se despedir de teus pais terrenos, a quem amas profundamente, quando a dor e o desespero quiserem visitar teu coração, te lembrarei que a morte não existe e que meus filhos são eternos (Salmos 16:9-11). E te garanto que vou enxugar cada lágrima dos teus olhos (Apocalipse 21:3-4), pois eu sou seu provedor por excelência e atendo a todas as tuas necessidades, não aos teus caprichos (Mateus 6:31-33). Eu vou confortar-te no teu tempo de tristeza (Mateus 5:4), transformando teu luto em alegria (Jeremias 31:13).*

*Agora já entendes que a tua segurança não esteve nem nunca estará no que possuis ou no que sabes, pois ainda que falasses todas as línguas, verias que é só o amor/caridade que te fortalecerão (1 Coríntios 13:1). Até aqui, andaste como criança e te comportaste como criança. Mas agora, depois deste deserto, és adulto e nada disso te convém mais (1 Coríntios 13:11).*

*Até este momento, vias o mundo em parte como sombras, verdades incompletas. Porém, aqui, no deserto, te encontraste face a face (1 Coríntios 13:12). E a partir deste evento, finalmente entendeste que, não importa o que aconteça, tua alma repousa e repousará sempre segura em minhas mãos (João 10:28). Ainda que, inadvertidamente, andes pelo vale da sombra da morte, eu estarei contigo, cuidando e protegendo tua jornada (Salmo 23), pois, volto a afirmar, eu nunca te deixarei (Hebreus 13:5).*

*Mas, filho, um aviso: ainda virão muitos dias difíceis, sobretudo agora que voltaste para mim, pois haverá momentos em que, mesmo quando estiveres no bom caminho, serás insultado e criticado, mas eu te estarei abençoando (Mateus 5:11), “teu sofrimento não durará para sempre e não se compara à glória que será revelada em você (Romanos 8:18)*

*Meu filho, este mundo jaz no maligno (1 João 5:19), e muitas*

*vezes vão querer te esmagar, tentando te fazer sentir burro, feio, desimportante, sem amor e sem pertencimento. Vão te excluir e humilhar, para que te sintas a última das criaturas, mas lembra-te que em meu coração, onde a ordem é a do amor, os últimos serão os primeiros! (Mateus 20:16).*

*Todas essas experiências não serão em vão, pois se experimentares as dores e dificuldades com disciplina e resignação, estarás aprendendo a andar no caminho da paz e da justiça (Hebreus 12:6-11), porquanto todas as coisas, meu filho, sem exceção, cooperarão para o teu bem quando me amares (Romanos 8:28), de modo que vou transformar a tua fraqueza em força (2 Coríntios 12:9-10).*

*Por isso, deposita toda a tua confiança em mim, não nos homens que falam de mim, pois é bem verdade que possas decepcionar-te com aqueles que se dizem meus representantes, mas que não cumprem meus mandamentos (João 8:41-44). Não te detenhas, meu filho, em função das vãs palavras e maus exemplos destes que ainda são hipócritas (Mateus 23), porém são meus filhos como tu e um dia acordarão também.*

*Busca-me sempre em teu coração, diretamente, sem reservas, pois sou teu Pai e responderei aos teus questionamentos (Jeremias 33:3); e ouvirás a minha voz diretamente dentro de teu coração (Isaías 30:21), e te deixarei o Consolador para ser teu conselheiro até o fim dos dias (João 14:15-17).*

*A partir de hoje, amado filho, nada jamais te separará do meu amor novamente (Romanos 8:38-39). Com o teu retorno à minha casa, eu vou dar a maior festa que o céu já viu (Lucas 15:7), pois havia muito tempo eu estava esperando por ti (Lucas 15:11-32)*

*Hoje e por toda a vida, recebas, pois, o carinho infinito de teu Pai.”*

**\*\*\***

Não existem palavras para responder a Deus diante de tanto amor. Cabe-nos apenas respirarmos, sentirmo-nos amados, seguirmos firmes e transformarmo-nos, dia a dia, rumo à perfeição possível à nossa condição de Espíritos imortais.

Seja bem-vindo ao deserto! O lugar onde, no nada, encontramos o Todo!

NOTAS

1. KEMPIŃSKA-MIROSŁAWSKA, Bogumiła; WOŹNIAK-KOSEK, Agnieszka. The influenza epidemic of 1889–90 in selected European cities: a picture based on the reports of two Poznań daily newspapers from the second half of the nineteenth century. *Medical Science Monitor*, Polônia, n. 19, p. 1131-1141, dez./2013. Disponível em: [https://www.medscimonit.com/abstract/index/id\\_Art/889469](https://www.medscimonit.com/abstract/index/id_Art/889469) . Acesso em: 16 jun. 2020.
2. Segundo Carl Gustav Jung, os arquétipos são conjuntos de “imagens primordiais” originadas de uma reprodução progressiva e perene de uma mesma experiência, acontecendo ao longo de várias gerações, e que são armazenadas no inconsciente coletivo [...]. Parecem se constituir de motivos mitológicos ou imagens primordiais, razão pela qual os mitos de todas as nações são seus reais representantes. De fato, a mitologia como um todo poderia ser tomada como uma espécie de projeção do inconsciente coletivo [...]. Portanto, podemos estudar o inconsciente coletivo de duas maneiras: ou na mitologia ou na análise pessoal. JUNG, C. G. **Símbolos da transformação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986 (originalmente publicado em 1924). p. 325.
3. Disponível em: <<http://www.tanto.com.br/drummond-jose.htm> >. Página não identificada. Acesso em 19 jun 2020.
4. “Se eu falar em línguas de homens e de anjos, mas não tiver amor, sou um gongo que ressoa ou um címbalo que retine” (1 Coríntios 13).
5. “Nenhum servo pode servir dois senhores; porque, ou há de odiar um e amar o outro, ou se há de chegar a um e desprezar o outro. Não podeis servir a Deus e a Mamom” (Lucas 16:13).
6. DENIS, Léon. **O problema do ser, do destino e da dor** . Brasília: FEB, 2009.
7. GIBRAN, Khalil. *O profeta* . Trad. Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2019. p. 31.
8. BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2002.
9. As três tentações que Cristo teria experimentado no deserto são: 1) renunciar a Deus para adorar o diabo; 2) transformar pedras em pão para saciar a fome do corpo; e 3) esquivar-se da crucificação.
10. Príncipe hindu que viveu na Índia há aproximadamente mil anos antes do nascimento de Jesus. Renunciou a toda a riqueza e tornou-se Buda, o Iluminado, sendo o fundador do budismo, religião cujos ensinamentos valorizam a crença do homem no próprio homem, ou seja, em seu potencial para alcançar a própria iluminação. Para maiores informações sobre esse assunto, consultar a matéria da revista **Superinteressante** intitulada “O príncipe hindu Sidarta Gautama, o iluminado”, na edição 174 de março de 2002. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/historia/o-principe-hindu-sidarta-gautama-o-iluminado> >. Acesso em: 27 jul. 2015.

11. MACKENZIE, John L. **Dicionário bíblico** . São Paulo: Paulus, 2013. p. 209-210.
12. “Vós sois a luz do mundo; não se pode esconder uma cidade edificada sobre um monte” (Mateus 5:14). “Vós sois o sal da terra; e se o sal for insípido, com que se há de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora, e ser pisado pelos homens” (Mateus 5:13).
13. A frase é Avadim hayínu le’Paro bemitzrayim, até – benêi chorin, que significa “Nós éramos escravos ao Faraó no Egito agora somos livres”.
14. Exame Nacional do Ensino Médio, que atualmente substitui o exame vestibular em grande parte das instituições de ensino superior do país.
15. “No sétimo dia, Deus já havia terminado a obra que determinara; nesse dia, descansou de todo o trabalho que havia realizado” (Gênesis 2:2).
16. William James, psicólogo e filósofo norte-americano ligado ao pragmatismo (1842-1910), considerado um dos fundadores da psicologia moderna.
17. LEWIN, K. **Teoria de campo em ciência social** . São Paulo: Pioneira, 1965.
18. “A mulher samaritana lhe perguntou: ‘Como o senhor, sendo judeu, pede a mim, uma samaritana, que lhe dê água para beber?’. Jesus lhe respondeu: ‘Se você conhecesse o dom de Deus e quem está pedindo água, você lhe teria pedido e dele receberia água viva’” (João 4:9-10). Vale ressaltar que, à época de Jesus, judeus e samaritanos não nutriam boas relações. Para o conhecimento integral da narrativa sobre o encontro de Jesus com a Samaritana, ver João 4:1-42.
19. Zaqueu era o chefe dos publicanos (cobradores de impostos), rico e escuso em seus negócios. Tocado pela proposta de Jesus, Zaqueu, para vê-lo, sobe em uma árvore em meio à multidão e recebe a honra de ter o Mestre como convidado para jantar em sua casa. Esse encontro promove em Zaqueu uma profunda transformação moral. Ele doou metade de seus bens aos pobres e pagou com juros tudo o que havia extorquido de seus concidadãos. Para conhecer na íntegra a história do encontro de Zaqueu com Jesus, ver Lucas 19:2-8.
20. “Antes de tudo, exersei profundo amor fraternal uns para com os outros, porquanto o amor cobre uma multidão de pecados” (1 Pedro 4:8).
21. LAUAND, Jean (Org.). **Cultura e educação na Idade Média** . São Paulo: Martins Fontes, 1998. p. 123.
22. “ONLY Time”. Intérprete: Enya. In: **A Day without Rain** . Intérprete: Enya. Flórida: WEA, 2000.
23. “Já estou crucificado com Cristo; e vivo não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne, vivo-a pela fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si mesmo por mim” (Gálatas 2:20). **BÍBLIA**. Português. **Bíblia Sagrada**: Edição de promessas. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de

Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 2006.

24. “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que venhas a ter vida longa na Terra que Javé, o teu Deus, te dá” (Êxodo 20:12).
25. Alusão aos versos: “Quando, na areia, viste só um par de pegadas / foi aí que eu te carreguei”. Disponível em: <<http://radioevangelismo.com/textos/pegadas.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2015.
26. “Portanto, também nós, considerando que estamos rodeados por tão grande nuvem de testemunhas, desembarquemo-nos de tudo o que nos atrapalha e do pecado que nos envolve, e corramos com perseverança a corrida que nos está proposta [...]” (Hebreus 12:1).
27. Trata-se da parábola do vinho novo em odres velhos (Mateus 9:14-17; Marcos 2:18-22; Lucas 5:33-39). Para ilustrar, citaremos a versão de Mateus 9:14-17: “Depois o procuraram os discípulos de João, e lhe perguntaram: ‘Por que é que nós e os fariseus jejuamos, mas teus discípulos não jejuam?’. Respondeu-lhes Jesus: ‘Podem, porventura, estar tristes os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Porém, dias virão em que lhes será tirado o noivo, e nesses dias jejuarão. Ninguém põe remendo de pano novo em vestido velho; porque o remendo tira parte do vestido e fica maior a rotura. Nem se põe vinho novo em odres velhos; de outro modo arrebentam os odres, e derrama-se o vinho, e estragam-se os odres. Mas vinho novo é posto em odres novos, e ambos se conservam’”.
28. GILBERTO GIL (Compositor, intérprete). Se eu quiser falar com Deus. In: **A gente precisa ver o luar**. Rio de Janeiro: Warner Music, 1981. 1 LP.
29. Disponível em: <<http://www.salmos.reflexoes.nom.br/paraboladofariseueopub.htm>>. Acesso em: 12 nov. 2015.
30. “Tua vara e teu cajado me consolam” (Salmos 23:4).
31. “Ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal algum, pois tu estás comigo [...]” (Salmos 23:4).
32. “Aprendi a viver contente em qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência, tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez, tudo posso Naquele que me fortalece” (Filipenses 4:11-13).
33. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco\\_20130828\\_capitolo-sant-agostino.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130828_capitolo-sant-agostino.html)>. Acesso em: 18 maio 2020.
34. IRINEU, Adelmá. **Homem de pouca fé**. 4 mar. 2013. Disponível em: <<http://painelpb.blogspot.com.br/2013/03/homem-de-pouca-fe.html>>. Acesso em: 12 nov. 2015.

[35.](#) BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada** : Edição de promesas. Tradução de João Ferreira de Almeida. Rio de Janeiro: Junta de Educação Religiosa e Publicações, 2006.

1 Compositores: Arnaldo Augusto / Nora Antunes Filho / Nando Reis.



© Rondinelle de Paula

**Rossandro Klinjey é palestrante, escritor e psicólogo clínico. Possui mestrado em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual da Paraíba e doutorado em Psicanálise pela Uniderc. Foi professor universitário por mais de dez anos, quando passou a se dedicar à atividade de palestrante no Brasil, na Europa e nos Estados Unidos, nas áreas de recursos humanos, motivação, educação, relações interpessoais, desenvolvimento emocional, serviço público, cultura de paz, entre outros. Hoje é um dos nomes mais requisitados no circuito corporativo. É consultor da Rede Globo em temas relacionados a comportamento, educação e família e convidado fixo do programa diário Encontro com Fátima Bernardes, além de colunista da Rádio CBN. É membro ativo da Sociedade Espírita Joanna de Ângelis (SEJA) e da Associação Médico-Espírita de Campina Grande (AMEC). Tem seis livros publicados e é um fenômeno nas redes sociais, com milhões de visualizações em seus vídeos. Acompanhe o autor:**

 [www.rossandro.com](http://www.rossandro.com)

 [rossandro.klinjey](https://www.facebook.com/rossandro.klinjey)

 [rossandroklinjey](https://www.instagram.com/rossandroklinjey)

 [rossandroklinjey](https://www.youtube.com/rossandroklinjey)

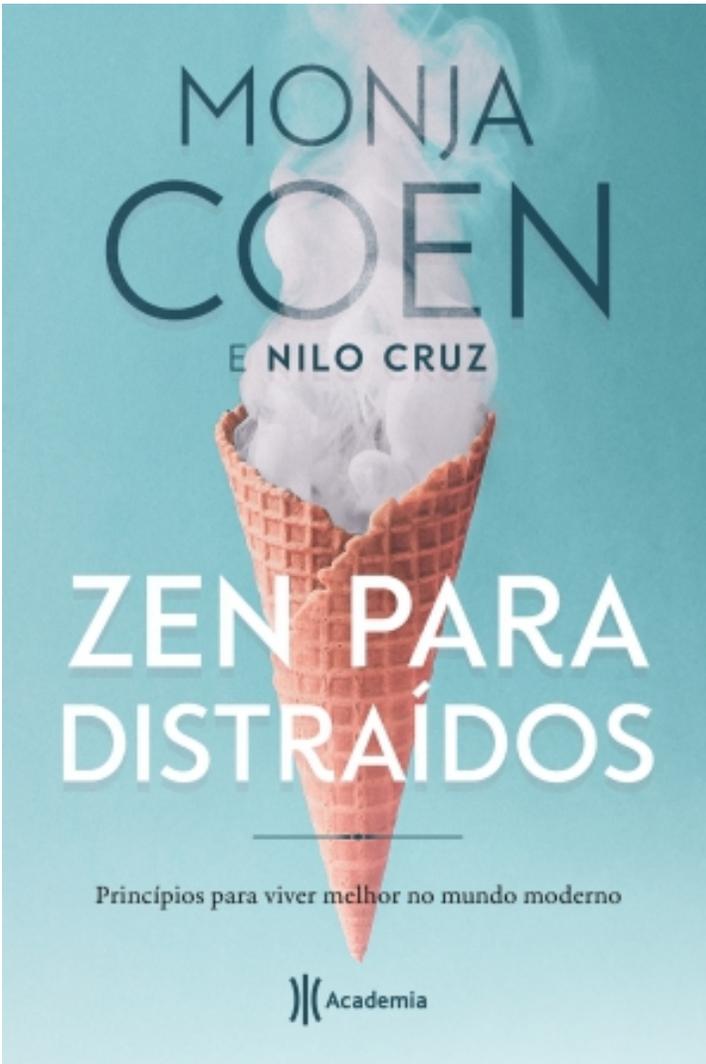
 [PlanetaLivrosBR](https://twitter.com/PlanetaLivrosBR)

 [planetadelivrosbrasil](https://www.instagram.com/planetadelivrosbrasil)

 [seloacademia](https://www.facebook.com/seloacademia)

 [planetadelivros.com.br](http://planetadelivros.com.br)

**#acreditamosnoslivros**



# Zen para distraídos

Coen, Monja

9788542212600

224 páginas

[Compre agora e leia](#)

Viver nos grandes centros urbanos é um convite diário à distração. Manter o foco em tarefas simples, por mais fácil que pareça, se torna impossível com o excesso de informações e afazeres diários. Zen para distraídos aplica conceitos do budismo para melhorar o nosso bem-estar. A partir de práticas de meditação, de conceitos básicos do zen e outras técnicas milenares será possível manter o foco, desenvolver tarefas simples com muito mais concentração, ser mais assertivo, atingir objetivos e muito mais.

[Compre agora e leia](#)

MONJA  
COEN



PONTO  
DE VIRADA

O que faz uma pessoa mudar?

))(Academia

## Ponto de virada

Coen, Monja

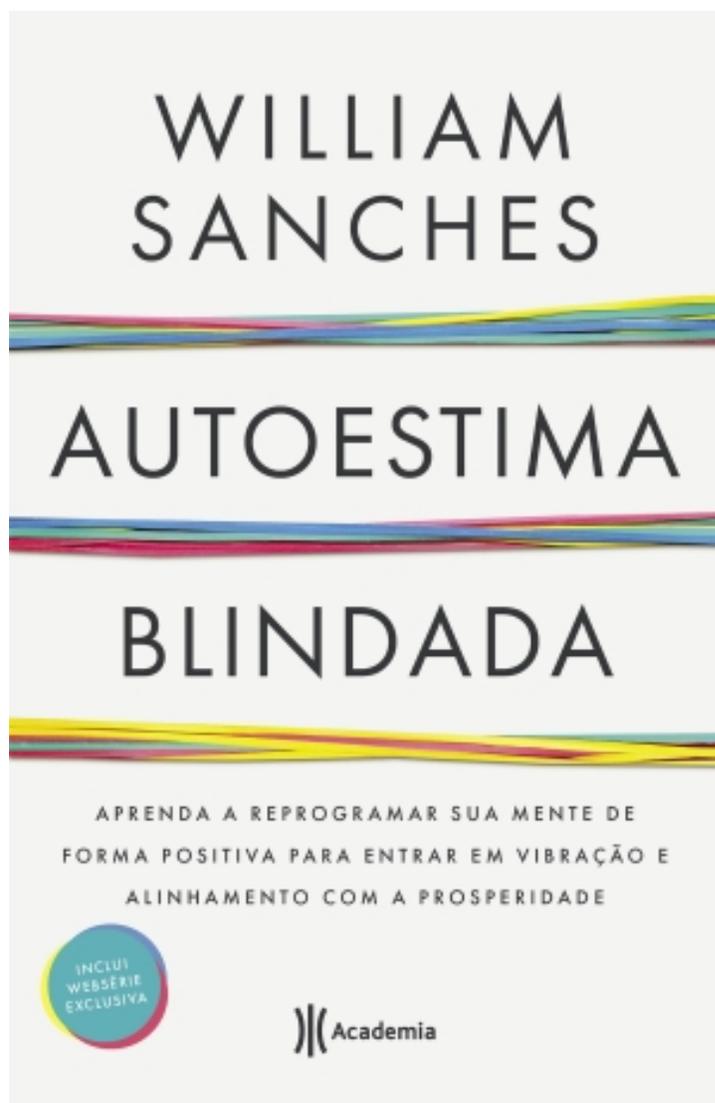
9786555350739

160 páginas

[Compre agora e leia](#)

A hora é agora Diante de um dos momentos mais dramáticos da história da humanidade é fundamental refletir com serenidade sobre como lidar com os problemas que todos enfrentamos. Uma das maiores líderes espirituais do país, Monja Coen atende a este chamado e faz neste livro um sensível convite ao desapego, como ferramenta para lidar com as dificuldades que a pandemia nos trouxe a todos. Intelectual respeitada, e autora best-seller com centenas de milhares de livros vendidos, Monja Coen reflete sobre importância de aproveitar estes momentos duros para empreendermos mudanças positivas e decisivas em nossas vidas. "O texto da monja Coen foi uma luz sobre minha quarentena", diz a respeito do livro Leandro Karnal.

[Compre agora e leia](#)



## Autoestima blindada

Sanches, William

9788542217643

192 páginas

[Compre agora e leia](#)

Ter autoestima é amar a si mesmo antes de qualquer coisa. Priorize seu equilíbrio e transforme sua realidade. Como o Universo vai te trazer tudo de bom se você mesma não se dá valor? É possível ser imune aos percalços da vida, mesmo quando as coisas parecem sem solução? Nesse livro, será possível aprender a se valorizar, a colocar-se no centro da sua própria vida. Como o próprio autor diz, não espere que alguém lhe considere importante se nem você o faz. A autoestima servirá como um escudo para qualquer dificuldade. Todos temos desafios, problemas e decepções durante a nossa jornada. O que nos diferencia é como enfrentamos cada um deles. Então, seja a sua própria solução. Aqui você ainda receberá de presente uma websérie exclusiva com o autor William Sanches para que tenha uma Autoestima Blindada de uma vez por todas! Neste livro, você vai aprender a reprogramar sua mente por meio de técnicas que utilizo há anos em consultório e nos treinamentos que promovo em todo o Brasil e na Europa. Reuni as melhores e mais eficazes para você. Porque quem sofre uma dor tem pressa! Eu sei que essa dor de não viver como sempre sonhou te machuca.

[Compre agora e leia](#)



## A primeira é a última liberdade

Krishnamurti, J.  
9788542219012  
288 páginas

[Compre agora e leia](#)

### *Vivencie a liberdade que nasce da mente*

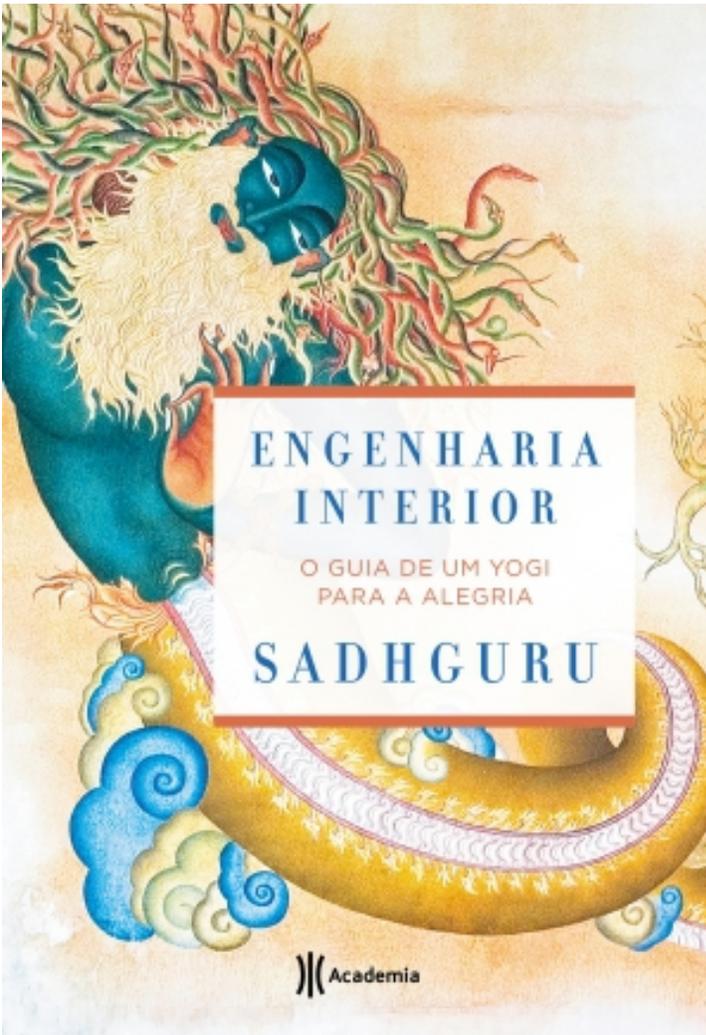
O autor rejeitou por toda a vida o rótulo de guru espiritual, falando sobre os valores da humanidade e refletindo sobre problemas como violência e corrupção, e o desafio de viver a espiritualidade sem instituições.

Neste livro, Krishnamurti elimina símbolos e associações falsas na busca da pura verdade e da perfeita liberdade. Por meio de discussões sobre sofrimento, medo, fofoca, sexo e outros tópicos, a busca de Krishnamurti oferece ao leitor uma aventura em direção ao significado de estar vivo.

Um entusiasta da necessidade de uma revolução na psique de cada ser humano, o autor nos encoraja a encontrar a cura através de nosso próprio entendimento.

Assuma o caminho, uma página por vez.

[Compre agora e leia](#)



# Engenharia interior

Vasudev, Sadhguru Jaggi

9788542217285

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

O guru espiritual do Instagram

Líder de pensamento, visionário, filantropo, místico e iogue Sadhguru apresenta aos leitores ocidentais um caminho testado pelo tempo para atingir o bem-estar absoluto: a ciência clássica da ioga.

A técnica de exercícios que comumente chamamos de ioga é na verdade a *hatha yoga*, apenas um dos oito ramos da verdadeira filosofia. Ela é um sistema sofisticado de autocapacitação que pode ativar e aproveitar as energias internas para que seu corpo e mente funcionem em sua capacidade ideal. É um meio de criar situações internas exatamente do jeito que você quer, transformando-o no arquiteto de sua própria alegria.

Um iogue vive a vida nesse estado expansivo e, nesse livro transformador, Sadhguru conta a história de seu próprio despertar, desde um menino com uma afinidade incomum com o mundo natural até um jovem temerário que atravessou o continente indiano em sua motocicleta. Ele relata o momento de sua iluminação no topo de uma montanha no sul da Índia, onde o tempo parou e ele emergiu radicalmente mudado. Hoje, como o fundador da Isha, uma organização dedicada a causas humanitárias, ele ilumina o caminho para milhões de pessoas. A sabedoria destilada neste livro acessível, profundo e envolvente oferece aos leitores ferramentas testadas pelo tempo que são novas,

vivas e radiantes.

Ele apresenta uma maneira revolucionária de pensar sobre a nossa inteligência e humanidade e é uma oportunidade de alcançar nada menos que uma vida de alegria.

[Compre agora e leia](#)